

JOSÉ MARIA ALVES

**DEUS, ALMA E MORTE
NA
HISTÓRIA DO PENSAMENTO
OCIDENTAL**

**JOSÉ MARIA ALVES
WWW.HOMEOESP.ORG**

PREFÁCIO

Deus, alma e morte, são questões inquietantes, talvez mais do que inquietantes, angustiantes. Através dos tempos, múltiplas e contraditórias têm sido as respostas dos filósofos e teólogos. Deparamo-nos com um emaranhado de soluções, muitas vezes conturbadas, como consequência da estrutura da mente que as gerou.

Estes textos, não são uma História Temática da Filosofia, mas antes um acúmulo de apontamentos, e como tal devem ser lidos. Desfilam neles, cerca de 140 filósofos. Nem todos os que deveriam constar da obra nela figuram, e mesmo os que dela constam, talvez não tenham o seu pensamento devidamente exposto.

Estes textos constituem-se como uma provocação ao filosofar e instigação à reflexão dos que julgam aquele acto travestido de esoterismo. Por outro lado, são dedicados a S. Tomás de Aquino, não do modo que esperais que sejam, mas do modo como o devem ser.

José Maria Alves

OUTUBRO DE 2008

INTRODUÇÃO

1 – FILOSOFIA

A filosofia Ocidental teve o seu início na Grécia, no século VI a.C. Segundo uma tradição referida por Plutarco e por Cícero, teria sido Pitágoras o primeiro a utilizar as palavras filosofia e filósofo, num entendimento de que a expressão “sábio”, apenas aos deuses convém, devendo os mortais limitar-se por via das suas limitações, a uma aspiração à sabedoria. Pitágoras, distinguiu na vida três espécies de homens, exactamente como nos jogos olímpicos. A classe inferior é a dos que aí se deslocam com o intuito de comprar e vender; a seguinte, a dos competidores; e, acima de todos estes, os que simplesmente vêm. Estes são os filósofos, que actuam desinteressadamente, única e exclusivamente por amor à sabedoria.

Mas, talvez mais do que com Pitágoras, foi Sócrates e na sequência deste, Platão, que definiram com algum rigor a palavra filosofia, entendida como amor da sabedoria, o que pressupõe o seu desejo, que é o desejo de conhecer, na medida do possível, tudo o que é passível de conhecimento. Este conhecimento subsiste na constatação da ignorância, que é uma qualidade da imperfeição do ser humano, o que impõe a pesquisa prévia da nossa natureza. Daí decorre a afirmação do imperativo délfico “Conhece-te a ti mesmo”.

Os gregos esperavam da filosofia mais do que os filósofos modernos. Esperavam a modificação das suas vidas. O homem vive num estado intermédio entre a total ignorância e a posse plena da sabedoria. Platão vem

a determinar *no Fédon*, que o filósofo por meio da sua especulação, promove a purificação da alma e prepara-se convenientemente para a libertação final, que mais não é do que a morte.

Não é ciência nem teologia. A ciência é uma circunstância do conhecimento que abarca um conjunto de aquisições de índole intelectual, que têm por finalidade propor uma explicação racional e objectiva da realidade, essencialmente com recurso à verificação experimental. Por seu turno, a teologia dogmática, revelada, restringe-se aos dogmas, à tradição e à revelação, estribando-se nos textos sagrados. Deparamo-nos ainda, com uma teologia natural, racional ou filosófica, que investiga o que a Deus respeita, ancorando-se na razão. Esta é a ciência de Deus, que tem por fundamento a razão e não a revelação – *atente-se que foi durante o longo período qualificado na História da Filosofia como da Filosofia Cristã, que foi realizada a distinção entre teologia natural e teologia revelada*. Ora, contrariamente à revelada, a teologia natural, é no nosso entender, a parte da metafísica que investiga a existência e a essência de Deus – *o Ser Absoluto e Infinito* –, objecto da filosofia primeira desde Aristóteles.

Mas, se não é ciência nem teologia, qual o lugar que ocupa no mundo do conhecimento?

As questões filosóficas mais inquietantes, não tiveram, não têm, e provavelmente nunca terão uma resposta satisfatória. Não pertencem ao domínio da ciência. Algumas são comuns à teologia, quer dogmática quer natural. No entanto, a primeira não se identifica minimamente com a filosofia, porquanto se atém à revelação, violentando a liberdade de pesquisa. A segunda, é em essência metafísica, como já deixámos assinalado, cujo estudo incide sobre um dos problemas fundamentais: Deus. Assim, consideramos que a filosofia toma assento num campo neutro, donde não vislumbramos a ciência com o seu conhecimento definido, e nos afastamos com celeridade da teologia com os seus dogmatismos obnubiladores.

Num campo neutral, não há certezas, verdades. As questões filosóficas têm respostas múltiplas, condicionadas pelo homem que as postula, em função dos seus condicionamentos e da sua mundividência. Quando postulamos uma qualquer doutrina ou teoria – *v.g. a realidade é Deus, todo o resto é ilusão; só a matéria existe nas suas múltiplas combinações; o conhecimento advém dos sentidos; ou advém dos sentidos e da razão; ou de ambos e da “intuição”* – ponderando todos os argumentos disponíveis, e com a necessária abertura de espírito a fazemos nossa, estamos a filosofar. O mesmo não se poderá dizer dos que admitem uma qualquer realidade ou crença, por força da autoridade de outrem, da revelação manifestada em livros a que chamamos sagrados ou porque nos

queremos simplesmente adequar à multidão. As questões mais apetecidas são em regra as insolúveis ou praticamente incognoscíveis.

A filosofia, sendo a ciência das perguntas sem resposta – *pelo menos nos domínios que mais nos apoquentam* –, terá alguma utilidade?

Valerá então a pena, tanto e tão inglório esforço?

A inexistência de respostas concludentes e apaziguadoras de uma curiosidade que a maior parte das vezes não é pacífica, mas antes ansiedade patológica, transportar-nos-á no sinuoso trilho da felicidade? Irá conceder-nos tal benção, a almejada segurança, a sensação de permanência pela qual tanto ansiamos e nos desespera em infundada e infrutífera busca?

Seja como for, a inutilidade da filosofia, o seu fracasso, só poderá relevar ao ser constatado pela análise crítica do próprio filosofar. Quando percebemos a incerteza a que nos conduz a razão, quando penetramos nas profundezas do nosso ser convictos de que qualquer esforço indagatório apenas pode causar maior confusão nos nossos limitados cérebros, nessa quietude, que já não sabe o que é a impermanência e o desejo absurdo de encarar a verdade face a face, talvez algo surja, que não é filosofia, teologia, ciência, mas antes harmonia e paz, uma paz que é negada aos inquietos e aos arquitectos de ilusões.

A filosofia, à primeira vista, parece ter triunfado sobre os males do passado. Também julgamos que triunfará sobre os do futuro. Pena é, que nada consiga transformar no presente, e seja sinónimo de inutilidade prática.

2 – A METAFÍSICA E OS SEUS PROBLEMAS

A palavra metafísica, surge no século I a.C. com Andrónico de Rodes, que ao classificar os escritos de Aristóteles, designou com tal denominação os textos que se seguiam à Física. Em termos meramente literais, metafísica, é o que vem depois da física, o que está para além dela.

A metafísica faz uso da razão e não da revelação religiosa como ocorre com a teologia revelada, para atingir respostas a questões cujo objecto são realidades imateriais, tais como Deus, a alma, a morte e seu significado. A metafísica começa onde todas as outras ciências terminam.

Na perspectiva de alguns pensadores, nomeadamente Kant, a incognoscibilidade de tais inquietações conduz fatalmente a uma ilusão transcendental – *este é um dos seus sentidos críticos*. Não obstante, mesmo

que o seu decesso já tenha sido anunciado um sem número de vezes, assistimos ao seu renascimento renovado. Efectivamente, com este filósofo da modernidade – *tornado famoso entre outros, pela sua Crítica da Razão Pura* –, a metafísica parece ultrapassada. Mas, se por um lado a parece derrotar pela *Crítica*, tem a convicção de que não se extinguirá, pelo menos, como uma disposição profunda da natureza humana. Neste sentido são esclarecedoras as palavras quase proféticas, com que termina a dita *Crítica da Razão Pura*: “podemos estar certos de que voltaremos sempre à metafísica como a uma amada com a qual por vezes discutimos; e isto, porque a razão, uma vez que se trata de fins essenciais, tem de trabalhar sem descanso ou na aquisição de um saber sólido ou na destruição dos bons conhecimentos já adquiridos.”

Quer queiramos quer não, a busca da permanência é algo que está profundamente enraizado no homem, enquanto e desde que o é, sendo uma das motivações fundamentais que o conduziram à filosofia. Deus e a imortalidade são as duas pedras angulares do instinto de segurança do homem.

No entanto, como refere James Jeans, antes de falarem, os filósofos devem pedir à ciência auxílio no que toca à eventual verificação de factos e hipóteses provisórias, só então, podendo a sua análise e discussão transcorrer legitimamente para o domínio da filosofia.

É interessante realçar, que quer Descartes quer Leibniz, que podem legitimamente considerar-se como dois dos principais alicerces da ciência, foram eminentes metafísicos.

Quando crianças e na adolescência nos começamos a questionar sobre questões insolúveis ou para as quais apenas recebemos respostas insatisfatórias, somos desde logo metafísicos: Onde está o avô que morreu, está no céu? Quem é Deus? Quem fez Deus? Porque é que eu nasci? Porque tenho de morrer?

As questões metafísicas são questões sem resposta, mas mesmo assim, enquanto existirem homens estou certo de que não deixarão de ser formuladas. A sua inoperância é manifestamente suplantada pela angústia que decorre de uma inquietude essencial.

O homem, na eminência da sua extinção, sofre – *a menos que, considerando o absurdo da sua existência tenha optado pelo suicídio*. Na constatação de que morre sozinho – *Pascal* –, busca ardentemente um alívio, que é antes do mais, uma esperança, caso não se resigne à fatalidade do decesso.

Deus é o resultado de um julgamento espontâneo da razão – *S. Tomás* –, uma ideia inata – *Descartes* –, uma pura intuição intelectual – *Malebranche* –, a ideia resultante do poder unificador da razão humana – *Kant* –, um fantasma da imaginação – *Huxley* – ou o fracasso de um sem número de seres pensantes atormentados por uma angústia existencial?

O problema de Deus, da alma, do sentido da vida e da morte e suas implicações espirituais, não é susceptível de análise científica, não são factos empiricamente observáveis. A ciência reduz-se à explicação dos fenómenos, não às suas razões existenciais, aos *porquês*.

Mesmo que possamos conhecer a sua existência, não o compreendemos, nem compreenderemos – *desconhecemos a sua essência*.

A grande questão metafísica, segundo Leibniz, e na sequência deste, de Heidegger, é a de saber porque existe alguma coisa em vez de nada. É a grande questão da filosofia.

Existindo, o homem é um “ser-para-a-sua-morte”. Atormenta-nos a ideia que desde o momento do nosso nascimento começamos imediatamente a morrer, e morremos sozinhos. Conseguimos imaginar o nosso próprio nada? Ou algo de carácter imperativo, nascido nos confins da nossa mente, vem assegurar-nos a existência de uma alma imortal que um Deus criador receberá no seu seio após o nosso decesso?

Mas, se não conseguimos definir a vida, encontrar o seu sentido – *se é que algum sentido tem* –, como poderemos compreender a morte? Por outro lado, mesmo que ateste a minha existência, a minha essência e liberdade, estarei em condições de responder à questão: porque existe o ser em vez do não-ser, do nada?

Aristóteles considera que “ou se deve filosofar ou não se deve: mas para decidir não filosofar é ainda e sempre necessário filosofar; assim, em qualquer caso é necessário filosofar”, mesmo com o risco da metafísica ser remetida para o vidro de reciclagem do conhecimento: “Há metafísica bastante em não pensar em nada”.

Onde finda a metafísica, inicia-se a teologia, com as suas revelações, mediações e dogmas.

Se Pascal renunciou à filosofia em detrimento da religião, outros abandonaram-na em detrimento daquela, na esperança de que a razão solucionasse as suas mais profundas inquietações.

As religiões respondem na prática a todas as questões metafísicas. Mas, se a razão é absolutamente falível pelas suas naturais limitações, que dizer da fé que não é uma afeição racionalizada, mas antes um sentimento?

Não serão os pensamentos dos homens meras brincadeiras de crianças, como afirmou Heraclito?

3 - FILOSOFIA ANTIGA

Quase todas as hipóteses e questões da filosofia moderna foram pensadas pelos gregos.

Os PRÉ-SOCRÁTICOS são audazes e espontâneos. Com eles, o pensamento organiza-se e pressagia-se uma nova era na história da humanidade. Procuraram explicar o mundo utilizando um método que qualificaremos ainda que com alguma imprecisão científico, por oposição à explicação mítica da realidade. Daí a sua imensa importância no panorama do pensamento.

Conhecemos os seus pensamentos, quer por fragmentos das suas obras – *alguns recolhidos e transcritos por autores que lhes aditaram indevidamente interpretações meramente pessoais* – quer fundamentalmente pelos escritos de filósofos posteriores, que vão de Platão – *século IV a.C.* – e Aristóteles, a Simplicio – *século VI d.C.* –, realçando-se para além dos citados, Teofrasto, Plutarco, Sexto Empírico, Clemente de Alexandria, Hipólito e Diógenes Laércio – *historiador da filosofia grega, viveu no século III d.C., e escreveu “Vida, Doutrinas e Sentenças dos Filósofos Ilustres”*. Atente-se, que da filosofia grega, apenas Platão, Aristóteles e Plotino têm as suas obras preservadas quase que integralmente.

No período anterior a Sócrates, a palavra Deus não tem uma conotação religiosa idêntica à dos períodos subsequentes – *deus como objecto de culto*. Os filósofos pré-socráticos poderiam ter desenvolvido a teologia natural, até aos seus fins últimos, mas como ensina Étienne Gilson, não o fizeram porque não queriam perder os seus deuses.

Nas tradições religiosas em que abundam muitos deuses, cada ente divinizado representa uma energia positiva ou negativa, criativa ou destrutiva. Os deuses gregos são dinâmicos, verdadeiras entidades viventes, tal como o homem. No entanto, não são atingidos pela morte – *por isso, também eram denominados Imortais* – e influenciam o destino dos mortais, dependendo estes da sua graça ou da sua desestima. Mas, com o nascimento da filosofia, o homem religioso que também é filósofo, haveria de considerar que a causa primeira, ou se quisermos “princípio”, é a explicação válida para a existência do todo, ou seja, do que existiu, do que existe e do que existirá no porvir. Como bem anota Hobbes – *Da Natureza*

Humana –, “O Ser que existe com o poder de produzir, se não fosse eterno, deveria ter sido produzido por algum Ser anterior a ele e este por um outro Ser que o tivesse precedido. É assim, que remontando de causas em causas, chegamos a um poder eterno, ou seja, anterior a tudo, que é o poder de todos os poderes e a causa de todas as causas. É isso que todos os homens concebem pelo nome de Deus, que encerra eternidade, incompreensibilidade, onipotência”.

Tales e os que se lhe seguiram eram filósofos e procuraram o primeiro princípio, independentemente da existência de múltiplos deuses, que também dominavam o panorama religioso ao tempo de Sócrates, Platão e Aristóteles. No *Timeu*, Platão concede à divindade um carácter politeísta, dela participando vários deuses, cada um com funções e domínios específicos – *o demiurgo é apenas o seu superior hierárquico*.

E quer queiramos quer não, também o nosso mundo está repleto de deuses...

Anote-se, apesar de tudo, que enquanto os filósofos gregos se debatiam com a questão dos seus deuses e do seu lugar no mundo, o povo judeu já havia encontrado a resposta às suas inquietações: o seu Deus e Senhor era único e apresentara-se a Moisés como Javé, “Eu sou o que sou”.

Segundo Simplicio, alguns filósofos, nomeadamente Anaximandro, Demócrito, Leucipo e no período tardio da filosofia grega, Epicuro, imaginaram mundos incontáveis que nasciam e morriam *ad infinitum*, alguns nascendo sempre e outros morrendo.

Muito antes das descobertas científicas iniciadas com Galileu e Copérnico, já os gregos expunham hipóteses absolutamente verosímeis: **Enópides**, que viveu no tempo de Anaxágoras, descobriu a obliquidade da elíptica; **Heráclides do Ponto**, nascido em 388 a.C., descobriu que os planetas Vénus e Mercúrio giram em torno do Sol e que a Terra gira sobre o seu próprio eixo, com uma rotação completa a cada 24 horas; **Aristarco de Samos**, nascido em 310 a.C., afirmou que todos os planetas giram à volta do Sol, incluindo a Terra, que tem um movimento de rotação de 24 horas; **Arquimedes** afirmou, por seu turno, que quer as estrelas fixas quer o Sol não se movem e que a Terra gira em volta deste. A hipótese de Aristarco apenas foi defendida na Antiguidade, por **Seleuco**, que floresceu por volta do ano 150 a.C, e tida por errónea até Copérnico – *custa-nos a acreditar que este a desconhecia*.

SÓCRATES, foi mestre de Platão e nas palavras de Cícero trouxe a filosofia do céu para a terra. Filósofa sobre o homem e o mundo que com ele interage, tendo adoptado a divisa delfica “Conhece-te a ti mesmo”.

Devemos o conhecimento dos seus ensinamentos a Platão.

É justo afirmar, que quer Platão quer o seu discípulo Aristóteles foram os filósofos mais influentes de todo o período filosófico até à idade moderna. Talvez Platão, tenha exercido uma maior influência do que o seu discípulo Aristóteles, já que a filosofia cristã até ao século XIII foi essencialmente platónica.

PLATÃO pensa tudo o que é pensável. Segundo Karl Jaspers – *Iniciação Filosófica* –, “atingiu uma culminância tal, que parece, ninguém poder subir mais alto nos domínios do pensamento. É dele que dimanam até hoje os mais profundos impulsos para a filosofia”. O mesmo filósofo afirma “que o futuro pensador assinala-se pela maneira como compreende Platão”.

Pode dizer-se que foi tão longe quanto possível. Não há nada que lhe seja indiferente. Quis que a pesquisa filosófica incidisse sobre “as figuras rectas ou circulares, as cores, o bem, o belo e o justo, todo o corpo artificial ou natural, o fogo, a água e todas as coisas do mesmo género, toda a espécie de seres vivos, a conduta da alma, as acções e as paixões de toda a espécie”.

Para Platão, o Universo foi architectado por um demiurgo que teve como imagem ou padrão o Bem.

ARISTÓTELES, discípulo de Platão, é indubitavelmente um dos fundadores da filosofia ocidental. Os seus ensinamentos tiveram uma fama imensa, quase “ditatorial” durante a Idade Média.

Em Aristóteles o Bem é imutável e o Universo tem uma tendência irresistível à sua imitação.

A ESCOLA PERIPATÉTICA nada trouxe de inovador aos ensinamentos do mestre Aristóteles. Destacam-se Teofrasto, que defendeu a teoria aristotélica da eternidade do mundo e Estrató, que não se socorre da divindade para explicar a criação do mundo.

As três grandes escolas pós-aristotélicas, que dominaram o panorama filosófico da antiguidade, são: o ESTOICISMO, o EPICURISMO e o CEPTICISMO. Evidentemente, que as mencionadas escolas não podem estar de acordo quanto aos seus pressupostos teóricos, mas nos fins a atingir ao nível prático, denotam uma curiosa concordância: prosseguem todas elas a felicidade do homem, que se obtém essencialmente pelo fim da inquietude e ausência de desejos e paixões.

O estoicismo desbravou o caminho para o cristianismo.

A época clássica da filosofia grega, reconheceu na pesquisa o seu valor fundamental. A investigação filosófica alicerça-se na razão, e não na tradição e na revelação, como ocorre com a teologia.

Com os filósofos tardios – *contando-se entre eles os ecléticos* – e o seu profundo interesse religioso, muito especialmente com os do denominado período romano – *Séneca, Epicteto, Marco Aurélio* –, quer a tradição quer a revelação tomam assento nas especulações, quase que pressagiando o aparecimento da filosofia cristã.

A filosofia antiga, termina com a figura ímpar de Plotino.

4 – FILOSOFIA CRISTÃ

A história do pensamento ocidental, a partir dos finais da Antiguidade, é fortemente influenciada pelo cristianismo. A filosofia cristã teve a sua existência iniciada pelos Padres da Igreja – *v.g. Orígenes* –, passando por Santo Agostinho, S. Tomás e outros, até ao Renascimento. O primeiro período é dominado por Santo Agostinho e o segundo por São Tomás de Aquino, que tal como os seus sucessores adoptou a filosofia aristotélica. Curiosamente, diga-se, que entre Boécio – *nascido em 480* – e Santo Anselmo – *nascido em 1033* – decorreram mais de cinco séculos, e se algum filósofo se destacou, foi Escoto Erígena.

O período compreendido entre 600 e 1000, ficou conhecido como Idade Obscura. No entanto, na China é a época da dinastia Tang, florescente e pródiga fundamentalmente no domínio da poesia. Também a civilização islâmica floresceu neste período.

Com a filosofia cristã, estabeleceu-se o princípio de que a verdadeira vassalagem do homem é para com Deus, e não para com a autoridade do Estado.

Se a filosofia grega é procura e liberdade, a filosofia cristã começa por se ater à revelação. Mas, não se cinge única e exclusivamente à “verdade” dogmática, antes procura compreender para a poder realizar, a mensagem de Jesus.

Para atingir os seus objectivos, não deixou de recorrer à filosofia grega, em especial à do seu último período, profundamente imbuída de conceitos religiosos. O aproveitamento destas doutrinas, ocasionou não em poucas especulações, resultados contraditórios ou até absolutamente

incompatíveis com os dogmas e princípios fundamentais do cristianismo. O teólogo Dean Inge, afirma que não é possível separar o platonismo do cristianismo, sem que este seja dilacerado, e que São Tomás sofreu maior influência de Platão do que de Aristóteles – *esta opinião no tocante à maior influência de Platão do que de Aristóteles em São Tomás não tem a anuência da maior parte dos historiadores da filosofia*. Não olvidemos, que a influência de Plotino – *último dos grandes filósofos da antiguidade e fundador do neoplatonismo* – na teologia cristã, se dá por intermédio de Santo Agostinho.

A pesquisa está limitada na maior parte dos filósofos aos ensinamentos e determinações da Igreja. E aqui, ou se sabe para crer ou se crê para saber. Vive-se na certeza da existência de Deus, da imortalidade da alma, da criação do mundo e da providência divina.

Na filosofia cristã deparamo-nos com um conceito metafísico absorvente: o de Deus, o deus do monoteísmo judaico, que se transforma no Deus do monoteísmo cristão.

Os Evangelhos são os alicerces de toda a estrutura do pensamento desta época. Os judeus ainda aguardam o Messias, enquanto que os cristãos já o tiveram na pessoa de Jesus Cristo, que é o Logos da filosofia grega – *veja-se o Evangelho de João, onde Jesus é identificado com o Logos platónico e estóico*.

Tenha-se em consideração que o Inferno não é uma crença de origem cristã, mas baseia-se em crenças ancestrais.

A **PATRÍSTICA** é a filosofia dos Padres da Igreja, que termina em meados do século VIII – *com João Damasceno e Beda o Venerável*. Dedicou-se essencialmente ao estudo das relações entre filosofia e teologia, ao conhecimento da existência de Deus e da sua essência, ao mistério da Trindade e à criação do mundo.

A gnose resultou num ataque contra o cristianismo. Mais do que a fé, é conhecimento, pesquisa filosófica, condição essencial à salvação. Recebeu uma influência determinante das doutrinas dos filósofos gregos.

É evidente que as teorias gnósticas afrontavam e colocavam em risco a harmonia doutrinal do cristianismo. Aí, surgem pensadores cristãos que polemizam contra a gnose, vendo-se obrigados a uma elaboração doutrinal mais refinada, do que a assumida pelos padres apologetas dos primórdios da Patrística.

O século VI sofreu a influência de três grandes homens: Justiniano – *pelas leis* –, S. Bento – *pela organização das ordens monásticas* – e Gregório Magno – *pelo incremento do poder papal*.

O conhecimento da obra de Santo Agostinho dá-nos um acesso seguro à filosofia cristã do primeiro período e a toda a pesquisa que tenha a alma por objecto. Para o Santo, Deus é a substância única que tem uma existência própria, que existe por si só. Por outro lado, o mundo, tudo o que por exclusão não é Deus, e cuja existência deste depende.

A **ESCOLÁSTICA** define a especulação filosófica e teológica que teve abrigo nas múltiplas escolas eclesiásticas e nas universidades da Europa a partir do século IX e até ao Renascimento. Durante este período procurou conciliar-se a razão com a fé, com o apoio da filosofia grega – *em especial a de Aristóteles*.

Em São Tomás de Aquino, Deus é o “Ele que é” do monoteísmo judaico. É o Ser, uma das questões metafísicas mais obscuras e de difícil resposta. O Ser é o acto em função do qual a essência é. Retomando o conceito de causa última, sendo assim suprema, Deus é o ente em que existência e essência coexistem, o que o leva a afirmar que “todos os seres pensantes conhecem implicitamente Deus em toda e qualquer coisa que conhecem.” Segundo Étienne Gilson, São Tomás foi tão longe quanto possível em metafísica, opinião que não é partilhada por Bertrand Russel.

Depois de S. Tomás, realcemos as figuras de Rogério Bacon – *representante do experimentalismo científico do século XIII* –, Duns Escoto e Occam – *último grande filósofo da Escolástica* –, sem que olvidemos o misticismo de Mestre Eckhart.

5 – RENASCIMENTO

Surgiu na Itália, na primeira metade do século XIV, um movimento denominado Renascimento. Este, é um verdadeiro regresso à cultura grega e latina, por oposição ao obscurantismo da Idade Média.

A filosofia grega era pesquisa, liberdade indagatória, busca da verdade. A filosofia da Idade Média, estribava-se fundamentalmente na verdade revelada, criando fortes amarras à liberdade investigatória essencial ao conhecimento filosófico, já por si limitado pelas imperfeições da razão.

Com o Renascimento há uma nova concepção do mundo, que não a aristotélica. Naturalistas – v.g. *Bruno* –, platónicos – v.g. *Nicolau de Cusa* – e cientistas – v.g. *Copérnico* –, são disso um exemplo. Pode afirmar-se que o pensamento moderno tem os seus fundamentos ou, se se quiser, o seu início neste período.

A inclusão neste ensaio, de Copérnico, Galileu e Kepler, justifica-se porquanto, com o primeiro foi definitivamente destruída a cosmologia aristotélica, com o segundo a ciência moderna atinge o amadurecimento necessário conducente às múltiplas investigações posteriores, e todos, foram atacados ou perseguidos, quer por católicos quer por luteranos.

6 – FILOSOFIA MODERNA

O período moderno é caracterizado pela perda da autoridade da Igreja e pelo estabelecimento definitivo da autoridade da ciência. Durante a Idade Média, praticamente todos os filósofos eram religiosos. No período moderno, os filósofos são leigos, excepcionando-se, em especial, Malebranche e Berkeley. Pode dizer-se, que a partir do século XIX, a Igreja andou apartada da filosofia.

Inexiste coesão sistemática na filosofia moderna, contrariamente ao que aconteceu com a filosofia antiga e com a cristã.

O deus dos filósofos é um conceito não religioso do divino. Pascal – *Memorial* – distingue aquele que não é objecto de fé, ao Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob. O deus dos filósofos é a causa do que o segue, e é antes do mais, causa de si mesmo.

Se Deus criou este mundo, podemos ou não assacar-lhe as múltiplas imperfeições dos seres, da responsabilidade do mal?

A religião de Rosseau é natural: “Creio que o mundo é governado por uma vontade poderosa e sábia: vejo-o, ou melhor, sinto-o e isso importa-me saber. Mas este mundo será eterno ou criado? Haverá um

princípio único das coisas? Haverá dois ou vários? E qual é a sua natureza? Nada sei e que me importa!”

Kant julga que Deus é indemonstrável. Não é pela razão que Deus pode ser atingido, sendo a sua existência um mero investimento moral. Ele é uma “pura crença da razão”.

Com as conquistas operadas pela ciência no século XX, os filósofos começaram a isolar a fé na existência de Deus, da compreensão do mundo natural. Acreditar em Deus, é algo que decorre da interioridade de cada ser humano, algo de absolutamente prático.

Não concordamos com Malraux quando afirma que “o século XXI será espiritual ou não existirá”, nem integralmente com a asserção de Freud, que a religião nada mais exige para se curar do que a “educação para a realidade”.

Deus, a alma, a ressurreição, a reencarnação, são pontos de referência da inquietude humana que se compreendem em função de uma angústia essencial e do seu melhor aliado: o medo.

Na perspectiva de Étienne Gilson, o problema metafísico de Deus é dominado pelo pensamento de Kant e Comte. Relevam ainda, sobremaneira, todos os que nos dois últimos séculos “mataram” Deus: Charles Darwin, Friedrich Nietzsche e Karl Marx.

Procurámos resumir o pensamento de alguns dos mais importantes filósofos modernos, escolhendo como representante da pós-modernidade, Bertrand Russel.

FILOSOFIA ANTIGA

HESÍODO

Aristóteles afirmou que foi Hesíodo o primeiro a procurar um princípio das coisas.

A *Teogonia* terá sido na Grécia o mais antigo escrito da cosmologia mítica. É uma obra de carácter mitológico, mas que é uma cosmogonia.

Hesíodo narra a genealogia dos deuses personificadores de forças naturais e o modo como o mundo nasceu do caos – *mundo que tem em si a ordem*.

É Zeus vitorioso, que garante a ordem e exerce o seu poder sobre todas as coisas e seres.

Depois de Hesíodo, conhece-se a cosmologia de Ferecides de Siros – *ver infra*.

“Antes de todas as coisas era o Caos, depois veio a Terra, sólido e eterno,

assento de quanto existe.

E Eros, o mais belo dos deuses mortais (...).

Do Caos nasceram Érebo e a escura Noite e, da Noite, se geraram o Éter e a Luz do Dia.”

Teogonia

FERECIDES DE SIROS

Séculos VII – VI a.C.

Ferecides, nasceu por volta de 600 a.C., foi contemporâneo de Anaximandro e escreveu um livro onde se pode ler no seu início:

“Zeus, Cronos e Ctónia são imortais.
Ctónia tomou o nome de terra
Quando Zeus lhe enviou uma oferenda.”

Zeus existiu desde sempre e juntamente com Cronos e Ctónia, é um dos principais deuses.

Zeus, transformado em Eros, que representa o Amor, procede à construção do mundo.

SETE SÁBIOS

A designação de “Sete Sábios” é meramente simbólica. Apenas quatro aparecem em todas as enunciações: Tales, Pítaco, Bias e Sólon.

Platão fez-lhes crescer: Cleóbulo, Míson e Quílon.

São-lhes atribuídas sentenças morais.

Uma enumeração geralmente aceite: Cleóbulo de Lindos, Sólon de Atenas, Pítaco de Mitilene, Tales de Mileto, Bias de Pirene, Quílon de Lacedemónia, e Periandro de Corinto.

BIAS DE PIRENE

Um dos Sete Sábios.

São-lhe atribuídas, entre outras, as seguintes sentenças:

“A maior parte dos homens é desonesta; A maioria é perversa; Vê-te num espelho (que equivalerá ao “conhece-te a ti mesmo”); Quanto aos deuses, limita as tuas afirmações a dizer que são deuses.”

TALES DE MILETO

VII – VI a.C.

Terá sido Tales quem primeiro recebeu o epíteto de Sábio e quem é unanimemente tratado em todos os tratados e histórias da filosofia como o primeiro dos filósofos, por ter sido provavelmente o primeiro, a negar a tradição mítica e a iniciar o trilha do método científico.

É possível que nada tenha escrito.

O fundador da escola jónica deve ter nascido no ano 624 a.C. e falecido em 546 ou 545, e para além de filósofo foi astrónomo, físico e matemático.

Ficou famoso por ter predito um eclipse, que terá ocorrido em 585 a.C.

Como refere Aristóteles, na *Política* (1259,a), era bastas vezes censurado pela sua pobreza, que parecia mostrar a inutilidade da filosofia. Daí, a famosa história dos aluguer dos lagares de azeite, quando previu uma boa colheita de azeitona, demonstrando que se o sábio não enriquece é por que o não pretende.

Algumas sentenças morais que lhe são atribuídas por Demétrio de Falera:

“ Evita os adornos exteriores e procura os interiores; Evita a compaixão alheia; Evita a desonestidade.” Há ainda quem lhe atribua a máxima, “Conhece-te a ti mesmo”, adoptada por Sócrates.

Segundo Cícero, afirmou ser a água a origem de todas as coisas, sendo Deus a inteligência criadora, tomando a água por matéria prima. Assim, a água para Tales é o primeiro princípio de todas as coisas, talvez a substância viva e divina do universo. Unida à água estaria uma força vivificante, o que o terá levado a afirmar que “tudo está pleno de Deus”.

“As aparências sensíveis levaram-no a tal conclusão, porque os seres vivos carecem de humidade para se manterem vivos, pois o que seca, morre, acontecendo por isso, serem húmidos todos os germes, os quais possuem uma seiva.” (*Simplício*)

Terá também afirmado que a terra repousa sobre a água (*Simplício*) e o Cosmos é Uno, sendo Deus a inteligência universal e o líquido elementar penetrado pela energia divina, que assim o coloca em movimento (*Aécio*).

ANAXIMANDRO DE MILETO

Séc. VI a.C.

Anaximandro, da Escola Jônica, da família de Tales, foi seu discípulo e sucessor. Teria 64 anos em 546 a.C. Há quem refira que nasceu em 610 a.C., e que faleceu em 547.

Na sequência das investigações físicas encetadas por Tales, descobriu o equinócio, o solstício e os quadrantes relativos às horas, introduzindo os princípios do relógio de sol.

É o primeiro autor conhecido de escritos filosóficos da Grécia antiga. A sua obra, denominada *Acerca da Natureza*, é extraordinariamente interessante na audácia das teses cosmológicas.

Para Anaximandro, a terra tem a forma cilíndrica e é um astro que se encontra no centro do nosso mundo – *porquanto muitos outros nos circundam* –, não sendo arrastada para qualquer dos seus lados em virtude de se encontrar equidistante.

Tudo deriva de uma substância prima, infinita e eterna – *apeiron* – que contém em si todos os mundos. Essa substância prima, não pode ser qualquer um dos elementos conhecidos, porquanto se um o fosse, conquistaria e destruiria os restantes. Todas as coisas provêm do *apeiron* – *o que não tem limites, o infinito* – e todas retornam ao *apeiron*. Neste particular, lembra-nos Einstein, que afirmou a impossibilidade da matéria ser criada ou destruída.

“A origem dos seres é o infinito, no qual tudo se gera e tudo se dissipa, de onde já ter havido um número inestimável de mundos gerados e corruptos pelo retorno à origem. Expôs as causas segundo as quais o princípio é o infinito, dizendo que a razão da origem não conhece nenhuma carência; mas não esclareceu se esse infinito é o ar, a água, a terra ou outro elemento.” (Aécio)

O infinito é o princípio – *ao que os seus predecessores denominavam substância única, chamou princípio* – que tudo abarca. Os seus atributos concedem-lhe o estatuto de divindade: indestrutível e por conseguinte, imortal. Se infinito, é ilimitado e, este, é eterno. Ilimitado, indestrutível, eterno, é matéria, mas matéria em que os mais variados elementos estão ainda indiferenciados. Princípio infinito e indefinido.

Pelo processo de separação decorrente do movimento incessante da matéria infinita geram-se mundos finitos – *não há nada que o infinito não comporte* – que se sucedem ininterruptamente. Não podemos dizer que Anaximandro previu, não a criação dos mundos, mas antes a sua evolução. O próprio homem provém de espécies diversas da nossa.

ANAXÍMENES DE MILETO

Séc. VII – VI a.C.

Anaxímenes, da Escola Jónica, nasceu por volta do ano 550 a.C. e faleceu em 480. Foi discípulo de Anaximandro, e considerou constituir o ar o primeiro princípio, sendo manifestamente superior aos corpos simples.

O ar encontra-se em incessante movimento, sendo um princípio infinito – *veja-se Anaximandro, que postulou as mesmas características para a substância primeira, sem que no entanto a identificasse com qualquer elemento específico*. É uma força vivificante que produz a ordenação do mundo e do que o envolve. É o princípio de que tudo deriva.

Contrariamente ao seu mestre Anaximandro, reconheceu ser o ar a única substância infinita. Este elemento, difere nas substâncias em virtude da dilatação e da condensação: quando subtil é fogo, quando condensado, vento, nuvem, água, terra e rocha (Simplício).

O ar é divino. É do ar que tudo deriva: deuses, seres, coisas.

Assim como a alma, que é ar, nos suporta, orienta e mantém, assim o sopro e o ar envolvem o cosmos (Fragmentos).

O mundo respira – *a respiração é a sua própria vida e alma* –, e a nossa alma é constituída por ar. Há uma antiga tradição que julga que sendo a alma ar, poderia ser casualmente expulsa do corpo pelos espirros; daí a atitude supersticiosa de protecção, que leva a que as pessoas que estão junto daquele que espirra, a pronunciar mecanicamente um “Deus te abençoe” ou “santinho”, fazendo assim, com que a alma retorne ao corpo, caso tivesse sido efectivamente expelida.

A terra é um disco cercado completamente por ar.

Não deixa de ser interessante anotar, que na Antiguidade foi mais célebre que Anaximandro, tendo-se invertido os papéis a partir da Idade Moderna.

ANAXÁGORAS

Séc. V a.C.

Membro da Escola Jônica, foi discípulo de Anaxímenes. Nasceu em Clazomene por volta de 500 a.C. Viveu durante cerca de trinta anos em Atenas, onde terá fundado uma escola. Faleceu no ano de 428 a.C. Na escola que fundou em Atenas, participaram entre outros, Péricles e Eurípides.

De Anaxágoras ficaram-nos umas duas dezenas de fragmentos, que incidem sobre questões físicas e metafísicas.

Viveu para “contemplar o Sol, a Lua e o céu”. Não se desassossegou com negócios ou com a vida política. Um dia, acusaram-no de ser indiferente à sua pátria, ao que apontando para os céus, disse: “A minha pátria importa-me muitíssimo”.

Aceitou o princípio de Parménides, no que toca à imutabilidade do Ser.

Para Anaxágoras, Deus é a inteligência criadora do Universo (Aécio). Sendo Deus, ou estando o divino separado do mundo, sendo sua causa, alterou o pensamento dos filósofos que afirmaram a não criação do mundo, v.g., de Anaximandro. A existência de ordem no mundo é consequência dessa entidade onisciente.

A alma distingue o homem da matéria, e é a origem do movimento. Segundo ele, em cada coisa há uma porção de todas as outras, exceptuando-se a alma, que apenas algumas coisas contém. A alma tem poder sobre tudo o que é vivo, é infinita, autoguiada, e nela não há qualquer mistura ou aglomeração de elementos das restantes coisas – *as coisas por mais pequenas que sejam, contêm porções de todos os contrários, como por exemplo, o quente e o frio, o branco e o preto.*

Todas as coisas estavam juntas, sendo infinitas em número e em grandeza, na ilimitada pequenez, porquanto o infinitamente pequeno também existia, e enquanto estiveram juntas, nenhuma podia distinguir-se das outras, como consequência dessa pequenez. O Caos era ocupado pelo ar e pelo éter, ambos ilimitados, porque são eles que transcendem todas as coisas em número e em grandeza.

A terra formou-se de coisas separadas, como a água se separa das nuvens, a terra da água e, da terra, em virtude do arrefecimento, as pedras, ainda mais do que a água, precipitando-se para o exterior.

Diz que os Helenos falam erroneamente quando dizem “nascer” e “morrer”, porque nada nasce, nada morre, apenas se verificando que as coisas se combinam ou se separam, ou melhor: todas as coisas tiveram um princípio por composição, e todas acabam por decomposição.

ARQUELAU DE ATENAS

Séc. V a.C.

Arquelau pertenceu à Escola Jónica, foi discípulo de Anaxágoras e mestre de Sócrates – *daí que o mencionemos*.

Considerou ser o ar infinito o primeiro princípio, condensado e rarefeito.

HERACLITO DE ÉFESO

Séculos VI – V a.C.

Para Heraclito, cidadão de Éfeso, da Escola Jónica, que viveu cerca de 500 a.C. – *terá nascido em 576 e falecido em 480* –, contemporâneo de Parménides, o fogo é a origem de todas as coisas e todas elas se convertem em fogo, a cujo destino não podem fugir. O fogo é um princípio dinâmico, criador, que existiu desde sempre e existirá no porvir. Do fogo nasce a chama, mas para que esta nasça, algo tem de morrer – *verbi gratia, o combustível*. “Os mortais são imortais e os imortais são mortais, uns vivendo a morte dos outros e morrendo a vida dos outros.”

Escreveu a obra *Da Natureza*, de que nos restam pouco mais de cem fragmentos.

A sua fama depende essencialmente da doutrina que afirma o fluxo de todas as coisas. A vida é uma sequência de factos dissemelhantes, um fluxo contínuo de criação e morte. O fogo é o elemento primitivo da matéria, que está submetida a perpétua mudança.

Para além da doutrina do fluxo perpétuo, teorizou ainda a harmonia de tensões opostas ou da combinação dos opostos. Assim, bem e mal são o mesmo e para Deus todas as coisas são belas, justas e boas, sendo o próprio homem que erroneamente julga umas justas e outras injustas.

“Deus é dia e noite, Verão e Inverno, guerra e paz, saciedade e fome; mas toma formas várias como o fogo; quando misturado com aromas toma o nome de cada um deles.”

Tinha um manifesto desprezo pela humanidade, tendo afirmado entre outros, que o burro prefere a palha ao ouro.

Por oposição a “deuses”, Heraclito fala em Deus. O caminho que conduz à sabedoria é o de Deus, nunca o dos homens, já que estes são como crianças para Deus, tal como a criança é para o homem.

O Universo é Uno e não foi criado por nenhuma divindade. Todas as coisas têm a sua origem no Uno – *que é Deus*. O Uno vem de todas as coisas e todas as coisas do Uno.

Segundo Platão, sustenta que todas as coisas se encontram em processo, em perpétua mudança, que nenhuma permanece como parece e, comparando-as a um rio, ninguém pode descer duas vezes nas mesmas águas: “Não é possível descer duas vezes ao mesmo rio nem tocar duas vezes numa substância mortal no mesmo estado; pela velocidade do movimento, tudo se dissipa e se recompõe de novo, tudo vem e vai”. A morte da terra é a sua transformação em água, a da água é a sua mudança em ar e o ar transforma-se em fogo e o fogo em ar.

A doutrina do fluxo perpétuo não aquietava o homem na busca de algo que seja permanente. Foi Parménides, que procurou resolver esta inquietude essencial, inerente à natureza humana.

A alma é composta por fogo e água, o primeiro, obviamente um elemento nobre, enquanto que a água lhe é inferior. Daí que a alma seca, seja mais sábia e melhor. Interessante é a imagem do homem bêbado: “Um homem bêbado é conduzido por um rapazola imberbe, tropeça, não sabe onde põe os pés, por ter a alma húmida.”

Heraclito defende que o conhecimento da alma nos é interdito: “Tu não encontrarás os confins da alma, caminhaes o que caminhaes, tão profunda é a sua razão”.

Antecedendo Sócrates, considera que o ser humano deve examinar-se a si mesmo e aos outros.

FRAGMENTOS

O Sol tem um diâmetro correspondente ao tamanho do pé do homem.

Noctâmbulos, magos, sacerdotes de Baco, sacerdotisas da pipa de vinho, negociantes de mistérios.

Os mistérios praticados pelos homens são ímpios.

Juntai o pleno ao nulo, a concórdia à discórdia, a harmonia à desarmonia, pois tudo é uno, e o uno é tudo.

O que espera os homens após a morte não é, nem o que esperam, nem o que julgam.

Este mundo, o mesmo para todos, não foi criado, nem pelos deuses, nem pelos homens; é, como sempre foi, e sempre será, um fogo permanente, com moderação se extinguindo e com moderação se iluminando.

E eles dirigem preces a essas imagens, e é como se falassem para as paredes, não sabendo o que são os deuses e os heróis.

Descemos e não descemos às águas do mesmo rio, somos e não somos.

Todas as coisas se modificam pelo fogo e o fogo modifica-se por todas as coisas, assim como as mercadorias se trocam por ouro e o ouro por mercadorias.

DIÓGENES DE APOLÓNIA

Séc. V a.C.

Diógenes de Apolónia, da Escola Jónica, foi discípulo de Anaxímenes e um fisiólogo de renome.

Considera que o ar infinito é a origem de todos os seres e defende a tese da finitude do mundo.

Segundo Diógenes Laércio, são estas as teorias de Diógenes de Apolónia:

- Existe um elemento, o ar, e um caos ignoto e insondável. Consoante a densidade, o ar gera os seres;
- Nada nasce do nada e nada volta ao nada;
- A terra é esférica e situa-se no centro do Universo.

FRAGMENTOS

“Penso que a substância primordial que contém a razão é o elemento chamado ar, que governa e ordena todas as coisas, sendo ainda o ar, na minha opinião, a própria divindade, por se encontrar em toda a parte.”

PITÁGORAS DE SAMOS

Séculos VI – V a.C.

Pitágoras, discípulo de Ferecides de Siros, deverá ser englobado na Escola Itálica. Talvez tenha também sido discípulo de Anaximandro e viveu por volta de 532 a.C. É uma personagem enigmática, mítica, a quem foram atribuídos poderes miraculosos. Como S. Francisco, pregava aos animais, já que “todas as coisas vivas devem tratar-se como aparentadas”. Era considerado pelos seus discípulos como um semideus.

Não sabemos se escreveu alguma obra. No entanto, há uma doutrina que lhe é unanimemente reconhecida: a imortalidade da alma e sua transmigração para outros seres. Dicaireos afirma que Pitágoras foi o primeiro a ensinar que “a alma é imortal e se transforma em outras espécies de seres vivos”.

Os seus ensinamentos estarão reunidos num poema denominado *Os Versos de Ouro*, datado do século IV, ainda que de forma muito incompleta.

A matemática enquanto demonstração dedutiva, inicia-se com Pitágoras. A vida é um jogo de números.

Bertrand Russel considera-o um dos homens mais importantes de sempre.

Foi fundador de uma religião onde se afirmava a transmigração das almas e a proibição de comer favas. Eis alguns preceitos da sua religião:

- Não comer favas;
- Não apanhar o que caiu;
- Não tocar num galo branco;
- Não partir pão;

- Não passar sobre uma tranca;
- Não comer o coração;
- Não passar em estradas.

Algumas das doutrinas que lhe foram atribuídas tiveram uma divulgação quase universal:

- a alma é imortal;
- a alma transforma-se em outros seres;
- os fenómenos naturais são cíclicos;
- não existe nada de novo na terra;
- tudo se parece.

Segundo Pitágoras, “somos estrangeiros no mundo; o corpo é o túmulo da alma, mas não devemos fugir pelo suicídio; porque nós somos bens de Deus, nosso pastor, e sem sua ordem não temos o direito de nos evadirmos. Na vida há três espécies de homens, exactamente como nos jogos olímpicos. A classe inferior é a dos que vêm comprar e vender; a seguinte, a dos competidores; e, acima de todos, os que simplesmente vêm. A maior purificação é portanto a ciência desinteressada, e o homem que mais se lhe dedica, o verdadeiro filósofo, é quem mais se liberta da roda dos nascimentos”.

Para os pitagóricos a matemática exprimia a verdade. O número 10 é o número autêntico. A sua energia depende do número 4: se partirmos do número 1 e somarmos os números até ao 4, obtemos o $10 = 1+2+3+4$.

Russel, crê ser a matemática a principal fonte da crença na verdade eterna e exacta e num mundo inteligível supra-sensível. Matemática e teologia, numa combinação profícua, tiveram o seu começo com Pitágoras e influenciaram as filosofias religiosas da Grécia, da Idade Média e da Moderna, até ao aparecimento de Kant.

Algumas das regras de ouro estabelecidas por Pitágoras:

- Presta culto aos deuses conforme o grau de divindade que lhes é atribuído;
- Cumpra a tua palavra;
- Honra pai e mãe e parentes de sangue;
- Domina o desejo, o sono, as paixões e a ira;
- Evita as acções pecaminosas, estejas só, estejas acompanhado;
- Cultiva o respeito por ti próprio;
- Exercita a prática da justiça;
- Pensa antes de fazer seja o que for, evitando acções fúteis;
- Procura ser saudável;
- Examina a tua consciência diariamente;

- Cumpre tudo isto (...) e terás fugido à lei da morte!

No que ao mundo respeita, os pitagóricos admitiam no seu centro, a mãe dos deuses, um fogo central donde derivaram todos os astros.

EMPÉDOCLES DE AGRIGENTO

Séc. V a.C.

Empédocles, da Escola Itálica, foi condiscípulo de Parménides, apesar de mais novo, e dos pitagóricos. Nasceu em Agrigento e terá vivido por volta de 440 a.C. Há quem estabeleça a data da sua morte no ano de 490 a.C.

Foi político e intitulou-se “deus”. É um filósofo lendário, do qual se diz ter operado inúmeros milagres – *v.g. a ressuscitação de uma mulher* – e ser capaz de dominar os ventos. Morreu tentando demonstrar a sua própria divindade, precipitando-se na cratera do vulcão Etna.

De Empédocles dispomos de cerca de 500 versos, das obras *Da Natureza* e *As Purificações*.

No poema *Da Natureza*, conceptualiza como origem de todas as coisas, quatro raízes – *quatro elementos*.

Nas *Purificações*, trata da transmigração das almas, o que é sempre um mal para o homem.

No domínio cosmológico, afirmou a existência de quatro elementos: o fogo, o ar, a água e a terra. Estes são eternos, mas combinam-se uns com os outros, em proporções diferentes, formando-se assim, todas as substâncias conhecidas.

Existem duas energias criadoras: o Amor e a Repulsa, uma que une e outra que cinde.

O mundo nasce ou morre consoante o predomínio do Amor ou da Repulsa. Quando o Amor domina, há um perfeito equilíbrio. Mas, durante este período os elementos estão fundidos num todo, que mais não é do que um deus que se compraz na sua própria solidão.

À sublimação chama Zeus, ao ar chama Hera, à terra chama Adónis, enquanto Néstia e a fonte viva significam o sémen e a água.

A purificação dos homens, faz-se através da transmigração das almas.

Os elementos não existem em lugares determinados, nem constantes, uma vez que se encontram em perpétua e recíproca transmutação.

FRAGMENTOS

Dos elementos provém tudo o que foi, tudo o que é, e tudo o que será.

Fui rapaz, depois rapariga, árvore e ave, peixe mudo do mar.

Deus é incorpóreo, não tem cabeça humana, nem dorso de onde saiam, como dois ramos, os braços; não tem pés, nem joelhos flexíveis, nem membro viril, tufado de pelugem; é um espírito augusto, uma inefável energia, cujo veloz pensamento trespassa o Universo.

XENÓFANES DE CÓLOFON

Séculos VI – V a.C.

Xenófanes foi o iniciador da Escola Eleática. Esta afirma, que as denominadas coisas não são mais do que uma coisa.

Das suas *Elegias* pouco sabemos, apenas que defendeu o panteísmo e distinguiu a ciência da mera opinião.

O mundo é incriado, eterno e incorruptível. (Aécio)

Os homens nascem da terra e da água. Todas as coisas têm a sua origem na água.

Acreditava num único Deus, que “sem esforço dirigia todas as coisas pela força do espírito”.

O seu Deus é um deus total e é obviamente eterno e imutável, que dirige o mundo pela força incomensurável do seu espírito. Criticou veementemente Homero e Hesíodo:

“Homero e Hesíodo atribuíram aos deuses as causas do opróbrio e da desonra dos mortais; o roubo, o adultério e a traição.

Os mortais julgam que os deuses são gerados como seres mortais, que se vestem, falam e possuem um corpo como o nosso.

Se os bois, os cavalos e os leões tivessem mãos, poderiam com elas apanhar os objectos e produzir obras como fazem os homens; os cavalos pintariam figuras divinas semelhantes a equídeos, os bois pintá-las-iam

tauriformes, enfim, cada animal pintaria os deuses à sua própria imagem e semelhança.

Os etíopes afirmam que os deuses são baixos e pretos; os trácios dizem que os deuses têm olhos azuis e cabelos ruivos.

Há um só Deus, senhor soberano dos deuses e dos homens, que não se parece com os homens, nem pelo corpo, nem pela alma. Que vê o todo, pensa o todo, sabe o todo. Que tudo põe em movimento, por vontade do pensamento, sem esforço.”

Contrariou a doutrina da metempsicose, chegando mesmo a ridicularizar Pitágoras. Este, passava numa rua enquanto um cão estava a ser maltratado. Xenófanos, dirigindo-se a quem maltratava o animal, de forma a que Pitágoras o ouvisse, disse: “Pára, não lhe batas, é a alma de um amigo! Reconheci-o pela voz.”

Tinha um perfeito conhecimento das suas limitações, quer filosóficas quer teológicas: “Nenhum homem sabe nem saberá a verdade exacta acerca dos deuses e de todas as coisas de que falo. Mesmo que um homem pudesse dizer alguma coisa inteiramente verdadeira, não o saberia; só há conjecturas”.

PARMÉNIDES DE ELEIA

Séculos VI – V a.C.

Terá nascido em Eleia no ano de 540 a.C. e falecido em 450.

Parménides foi discípulo de Xenófanos e de Anaximandro. Pode considerar-se o fundador do eleatismo. Sócrates, ainda jovem, ter-se-á encontrado com Parménides, com quem adquiriu preciosos conhecimentos.

Do poema *Da Natureza*, apenas temos acesso ao seu início, que é profundamente esotérico.

Se Heraclito considerava o fluxo permanente das coisas, ou seja, que tudo muda, Parménides em resposta a tal doutrina, afirmava que nada muda e que a mudança é uma ilusão.

A sua doutrina está condensada no poema *Da Natureza*, do qual subsistem 160 versos.

Para Parménides, o Todo é finito, equidistante do centro. O mundo é Uno.

Os sentidos iludem-nos, como ilusórias são as coisas sensíveis. O Uno, infinito, é o único ser verdadeiro – *o Uno de Parménides não é o que podemos entender por Deus, já que é material, infinitamente extenso, sendo uma esfera indivisível porquanto em toda a parte presente.*

Deus é imutável, limitado, esférico. O Ser é completo e perfeito. Completo apenas o pode ser algo finito, já que o infinito é incompletude. E é esférico, que é o símbolo da perfeição.

Quer Parménides quer Demócrito afirmaram que tudo se processa em função da necessidade, que consiste numa conjuntura de fatalidade, justiça e providência, criadora do mundo.

O mundo é incriado, eterno e incorruptível. A eternidade é a pura negação do tempo, contrariamente à tese que defende a infinitude temporal.

As duas vias indagatórias, segundo Parménides:

- Uma afirma que o Ser é, e que o ser não pode deixar de ser, sendo esta a via da verdade;
- A outra, que o Ser não é, que o Não-Ser é, nada se podendo aprender por esta via.

Em suma, o Ser é!

O Ser não pode em caso algum nascer. Se nascesse derivaria do não-ser, o que é de todo impensável, porquanto o não-ser não é. Também não pode perecer, porque ao perecer teria de se dissolver no não-ser, que como já ficou dito não é.

O que de Parménides foi mais marcante na complexa história da filosofia, não foi a impossibilidade de existir qualquer mudança, mas antes, a permanência da substância, atenta a sua indestrutibilidade.

MELISSOS DE SAMOS

Séc. V a.C.

Melissos, da Escola Eleática, foi discípulo de Parménides. Temos a informação de que comandava a frota de Samos, que no ano de 422 a.C. derrotou os Atenenses.

Postulou um universo ilimitado, um Cosmos infinito, imóvel, idêntico a si mesmo, com as qualidades do uno e do pleno. O Ser é infinito e eterno. Para além disso é incorpóreo. Se é, necessário é que seja uno; e se

é uno não pode ter corpo, porque se o tivesse seria constituído por partes, e o que é constituído por partes não pode ser considerado uno.

Afirmava que o movimento não existe, sendo antes uma ilusão dos sentidos.

No tocante aos deuses, teorizou ser desnecessária de todo uma explicação definitiva, atenta a sua incognoscibilidade.

FRAGMENTOS

O ser sempre foi e sempre será, porque se antes de ser tivesse sido, deveria não ter sido, e se não era, não poderia vir a ser.

Se não começa, nem acaba, mas sempre foi e será, não tem, nem princípio, nem fim, pois uma coisa não é totalmente se assim não for.

O que tem um princípio, ou um fim, não pode ser, nem eterno, nem infinito.

O cosmos é eterno, infinito, uno e contínuo; não se pode aumentar nem diminuir, nem é internamente mutável, nem sofre, nem se desgosta.

ZENÃO DE ELEIA

Séc. V a.C.

Zenão, da Escola Eleática, terá nascido por volta do ano 490 a.C. em Eleia. Faleceu cerca de 425.

Foi influenciado por Parménides, de quem foi discípulo.

São muito poucos os fragmentos de um *Tratado* escrito por Zenão. Assim, para a reconstituição do seu pensamento, teremos de contar com a preciosa colaboração de Aristóteles, muito em especial, no que respeita aos seus famosos paradoxos.

As suas doutrinas assemelham-se às do seu mestre. Aceitava a simplicidade e imutabilidade da Realidade e considerava os sentidos fonte de ilusão ou erro.

Ficou famoso pelos seus paradoxos – *procurando contrariar a tese dos que atribuíam aos sentidos papel fundamental na aquisição do*

conhecimento e que defendiam a pluralidade e a mudança –, sendo notáveis, o da seta, de Aquiles e da tartaruga e o do monte.

Postulou quatro teses sobre o movimento, as quais constituem uma fonte de dificuldades para quem as intentar entender – *ver Aristóteles, Física VI, 239-a*. Por outro lado, argumentou contra a multiplicidade e a divisibilidade das coisas. Zenão nega a multiplicidade, o espaço e o tempo.

O móvel não se move, nem no espaço onde se encontra, nem no espaço onde não se encontra.

LEUCIPO DE ABDERA

Séc. V a.C.

Se considerarmos a existência de uma Escola Abderítica, então Leucipo foi o seu primeiro representante, seguido por Demócrito. Deve ter vivido por volta de 440 a.C. Há quem aponte o seu nascimento para o ano de 460 a.C. e o falecimento em 370. Julga-se que algumas das suas obras tenham sido atribuídas a Demócrito.

Influenciou Epicuro e Lucrecio.

Teofrasto atribuiu a Leucipo a obra *Grande Cosmologia*, da qual muito poucos fragmentos restam.

Leucipo, terá sido discípulo de Zenão e foi o primeiro a sustentar que todas as coisas têm a sua origem nos átomos.

Postulou que o universo é ilimitado, sendo uma parte plena, enquanto que a outra é vazia. O Ser é o pleno, enquanto o não-ser, o vazio.

FRAGMENTOS

Nada se cria em vão, tudo se cria por determinação de uma causa, ou em virtude de uma necessidade.

DEMÓCRITO DE ABDERA

Séc. V a.C.

Nasceu em Abdera e foi contemporâneo de Sócrates. Discípulo de Leucipo, terá segundo a tradição viajado muito, estudando inclusivamente com os géometras do Egipto. Não obstante tenha sido contemporâneo de

Sócrates, parece que não travou conhecimento com ele. Conheceu Anaxágoras.

Terá escrito várias obras, mas apenas nos restam poucos fragmentos incidentes sobre a física e a ética, e alguns relativos à educação.

Tudo é composto por átomos. Entre eles, existe o vazio. Estão na origem de todas as coisas. Existem em grandeza e quantidades inumeráveis, movimentando-se num turbilhão – *não explica o seu primeiro movimento*. Deles geram-se os compostos, o fogo, o ar, a água e a terra.

Os átomos são divisíveis e a sua divisibilidade é eterna. No entanto, existem átomos que são incorruptíveis – *os que constituem o fogo, o ar, a água e a terra*.

Contrariamente ao que muitos afirmam, para os atomistas nada parece acontecer por acaso.

Os mundos são ilimitados, uns nascendo e outros morrendo. Apesar de incriados, são perecíveis. Pode acontecer que os mundos tenham sido criados, mas o Criador é incognoscível.

O Ser não deriva do Não-ser, nem a este retorna. Nada pode surgir a partir do que não existe, nem extinguir-se no que não existe.

A felicidade é um estado de repouso e de paz da alma, a qual não se deixa inquietar, quer por superstições quer por afectos. Onde faltar a justiça e a razão, haverá sempre medo da morte.

A alma, composta de átomos, é mortal, extinguindo-se com o corpo. Demócrito pode assim ser tido como materialista.

Pode ser considerado um cidadão do mundo quando diz: “A pátria da alma excelente é todo o mundo”.

PROTÁGORAS DE ABDERA

Séc. V a.C.

Terá nascido em Abdera no ano de 485 a.C. e falecido em 410. Era familiar de Péricles.

Protágoras, discípulo de Demócrito, viajou muito e foi um dos sofistas – *os sofistas ensinavam a troca de dinheiro* –, tal como Górgias e Pródico de Ceos. Os sofistas ensinavam aos jovens coisas úteis para a vida prática, mormente a arte de discursar em tribunal.

São muito poucos os fragmentos da obra de Protágoras. No entanto, para o conhecimento da sua especulação, poderemos sempre contar com o testemunho de Platão.

Conta-se que Protágoras ensinou um jovem com a condição de ser pago caso este ganhasse o seu primeiro litígio. Ora, foi o próprio Protágoras que lhe moveu uma acção para poder ser ressarcido do montante estipulado para ensinar o dito discípulo...

Terá sido o primeiro a sustentar que um orador pode efectuar dois discursos perfeitamente contraditórios sobre o mesmo tema, método que utilizou.

O homem é a medida de todas as coisas, das que existem e das que estão na sua natureza, das que não existem e da explicação da sua inexistência.

Escreveu um livro, com o título, *Dos Deuses*, dizendo nada poder afirmar relativamente a tal questão. Nem afirmar nem negar a sua existência ou a sua forma, em virtude de muitos serem os impedimentos, entre eles se contando, quer a obscuridade do assunto quer a brevidade da vida humana.

Esta sua indiferença para com os deuses, que deveriam ser olvidados, atenta a nossa incapacidade para atingir quer a sua existência quer a sua essência, fez com que fosse condenado à morte por impiedade, acabando por fugir de Atenas.

GÓRGIAS

Séc. V a.C.

Nasceu em Leôncio no ano de 487 a.C. e faleceu em Larissa no ano de 380. Deslocando-se a Atenas como embaixador da sua cidade, fascinou os atenienses com a sua arte oratória, ao que abriu uma escola. Tornou-se assim o primeiro dos professores de eloquência, a quem Platão chamou sofistas.

Escreveu uma obra denominada *Da Natureza ou do Não-Ser*, da qual existem duas versões, a do pseudo-Aristóteles e a de Sexto Empírico.

Górgias recusa qualquer problemática ontológica.

Sofista, definiu três princípios célebres:

- Nada existe;
- Se algo existe é incognoscível;
- Se for cognoscível, não poderá ser comunicado ou divulgado.

PRÓDICO DE CEOS

Viveu no tempo de Sócrates.

Escreveu *As Horas*, obra que se encontra reproduzida em *Os Memoráveis*, de Xenofonte. Nela, Heracles expõe com concisão as suas dúvidas morais. Duas mulheres, personificando respectivamente o vício e a virtude, fazem a apologia destas. A virtude vence e convence Heracles.

Foi rotulado de ateu, por julgar que os antigos criavam e veneravam os deuses em função da sua utilidade – *o Sol, a Lua, os rios (v.g. Nilo)* –, “e por isso, o pão era considerado Deméter, o vinho Dioniso, a água como Posídon, o fogo como Hefesto, e assim cada um dos bens segundo a sua utilidade”.

Tal como Protágoras, foi condenado à morte, mas com a acusação de corromper os jovens.

SÓCRATES

Nasceu no ano de 470 a.C. Era filho de um artesão e de uma parteira. Poderá ter sido aluno de Pródico.

É um marco decisivo na história da filosofia, não obstante desconheçamos se sabemos muito ou pouco acerca da sua vida. Tal como nos foi apresentado por Platão, exerceu uma grande influência sobre cínicos e estóicos. Se fosse possível resumir o que parece derivar dos seus ensinamentos, arriscar-nos-íamos a reduzi-los a dois:

- uma vida sem indagação ou constante investigação não merece ser vivida; e
- o autoconhecimento é o alimento da sabedoria.

Entende a investigação filosófica como pesquisa. Uma pesquisa que não se esgota, quer em nós quer nos outros. Cícero disse que Sócrates fez com que a filosofia descesse do céu à terra.

Tinha uma personalidade extraordinariamente forte, o que fez com que Platão, seu discípulo, o comparasse à tremelga, que entorpece quem a toca. Conhecemos a sua vida, essencialmente pelos escritos de Platão, em especial:

- Pela *Apologia de Sócrates* – que narra o processo e a sua condenação à morte. Sócrates foi acusado por Meleto, Ânito e Lícon de ser “culpado de investigar, em excesso, os fenómenos subterrâneos e celestes, de fazer prevalecer sobre a melhor causa a pior e de ensinar aos outros esta doutrina”. No entanto, o texto da acusação, tal como se encontra descrito por Diógenes Laércio, é o seguinte: “Esta acusação jurada é de Meleto, filho de Meleto, natural do demo piteu, contra Sócrates, filho de Sofronisco, natural do demo alopecense. Sócrates é culpado de não acreditar nos deuses em que acredita a cidade e de introduzir divindades novas; é ainda culpado de corromper a juventude. Pena pedida: a morte.”

A obra apresenta-se dividida em três partes. Na primeira, Sócrates expõe a sua defesa, sem os ornatos retóricos utilizados pelos oradores da época – *prescindiu inclusivamente dos serviços de um profissional afamado* –, atendo-se antes à pureza das suas palavras e à verdade, exprimindo-se do modo como habitualmente o fazia. Na segunda, depois de ter sido considerado culpado, propõe a pena que julga justa ao seu caso, ou seja, alimentado como os benfeitores da cidade até ao fim dos seus dias, no Pritaneu. Tal facto deve ter sido apreciado pelos juízes como uma provocação, levando-os a proferirem uma sentença de condenação à morte. Na terceira e última parte, filosofa sobre a sua condenação e sobre a própria morte.

- Pelo *Críton* – Sócrates condenado à morte, recusa-se à evasão, fundamentando tal atitude nos seus princípios, e no respeito dos seus ensinamentos filosóficos.
- E pelo *Fédon* – Esta obra narra os últimos momentos da sua vida, que depois de se ter negado à evasão, mantendo-se fiel aos seus princípios, discursa com serenidade, indiferente ao trágico momento que se aproxima, acerca da imortalidade da alma.

Se bem atentarmos, quer o processo quer a morte de Sócrates, constituem um acontecimento que só tem possibilidade de ser comparado ao de Jesus – *não sendo este o lugar próprio para valorar as duas personalidades tendo em conta a sua atitude perante a morte e aos princípios que enformaram as suas vidas. Neste particular, leia-se o pequeno ensaio de Bertrand Russell, “Porque Não Sou Cristão”, onde afirma que em termos de sabedoria, Cristo não está tão alto como outras figuras históricas, nomeadamente Sócrates e Buda.*

Para além destas obras, devemos mencionar a *Carta VII*, onde entre outros, Platão, enuncia os motivos que o empenharam na defesa de Sócrates, “o velho que amava”, e da sua injusta morte.

Sócrates adoptou a divisa délfica “Conhece-te a ti mesmo”, mas não limitou a actividade filosófica a si próprio, antes a estendeu aos outros, e aos inevitáveis relacionamentos nas suas múltiplas vertentes, entre ambos.

Considera que a filosofia é antes do mais uma missão divina. Não cremos, no entanto, que o Deus socrático seja o deus ou deuses dos gregos.

Durante toda a sua vida diz ter ouvido uma voz orientadora. Seria a voz da sua consciência ou a do seu Deus?

“Ao longo de toda a minha vida, a voz divina que me é familiar nunca deixou de fazer-se ouvir, mesmo a propósito de actos de menor importância, para me deter se eu estivesse para cometer alguma coisa de mal.” – *Platão, Apologia de Sócrates.*

O que está para além da morte é uma incógnita, um mistério metafísico. Sócrates tinha a esperança da existência de algo para além dela, que segundo a tradição e as crenças estabelecidas, seria muito melhor para os bons do que para os maus. Se realmente a morte nos libertasse de tudo, que boa sorte seria para os maus, ao morrerem, verem-se desembaraçados quer do corpo quer do mal e da sua maldade, ao mesmo tempo que da alma – *veja-se de Platão, o Fédon.*

“(…) recear a morte não é senão cuidar-se sábio quando se não é, pois será crer que se sabe o que não se sabe. Ninguém, efectivamente, sabe o que é a morte, nem se ela será justamente para o homem o maior dos bens, receando-a como se fosse coisa certa ser ela o maior dos males.” – *Apologia de Sócrates, Platão.*

Dirigindo-se aos juizes que o absolveram no processo em que foi condenado à morte, Sócrates terá dito:

“De duas coisas, uma: ou aquele que morre fica reduzido a nada e não tem nenhuma consciência seja do que for, ou, de acordo com o que se diz, a morte é uma mudança, uma transmigração da alma deste lugar em que nos encontramos para um outro lugar. Se a morte é a extinção de todo o sentimento e se parece com um daqueles sons em que nada vemos, mesmo em sonho, morrer é então um maravilhoso lucro (...)

Por outro lado, se a morte for como uma passagem de aqui debaixo para um outro lugar e se for verdade, como se diz, que todos os mortos aí se encontrarão reunidos, poderemos, ó juizes, imaginar um maior bem?” – *Apologia de Sócrates, Platão.*

Despedindo-se do tribunal que o condenou, disse:

“Mas chegou a hora de nos irmos, eu para morrer, vós para viver. Quem de nós tem a melhor parte, ninguém sabe, excepto o deus.”

O exame constante de si e dos outros justificou o sentido que sempre procurou dar à sua vida. Condenado à morte instou os juizes a aceitarem a morte com esperança, já que certo é o facto de que não há mal possível para o homem de bem, nem durante a sua curta vida nem depois de sua morte. Encarou a sua condenação com uma doçura quase inconcebível pelo comum dos mortais, reagindo-lhe como os cisnes lhe reagem, que sentindo aproximar-se a sua hora, cantam mais melodiosamente que nunca, pois sentem uma felicidade indescritível por irem encontrar-se com o deus que servem – *Platão, Fédon.*

Manteve-se sempre fiel aos seus princípios, não anuindo na fuga que os amigos lhe propuseram. A aceitação da condenação, da pena de morte, é o testemunho, o exemplo de tudo o que vinha ensinando.

Na perspectiva de se poder evadir, evitando a morte, disse dando voz às Leis:

“Vamos, Sócrates, escuta-nos, a nós que te sustentámos, e não ponhas os teus filhos, a tua vida, nem seja o que for acima da justiça, a fim de que, chegado ao Hades, possas declarar tudo isso em tua defesa aos que governam nesse lugar.

(...)

Se partires hoje para o outro mundo, partirás condenado injustamente, não por nós, as leis, mas pelos homens.

Se ao invés, te evadires depois de haveres tão vilmente respondido à justiça com a injustiça, ao mal com o mal, (...) então ficaremos iradas contigo o resto da tua vida.

E, no outro mundo, as nossas irmãs, as leis do Hades, não te irão receber favoravelmente (...). – *Platão, Críton*.

Antes da execução, exortou os amigos a cuidarem de si mesmos. Seguidamente, pegou na taça de veneno com perfeita serenidade e, sem tremer ou vacilar, levou-a aos lábios esvaziando-a na totalidade, com uma facilidade e calma perfeitas.

Um dos seus amigos, escondeu a cabeça e chorou, não a infelicidade de Sócrates, mas a sua, ao pensar no amigo que perdia. Este facto, confirma a asserção de que os mortos não choram, mas são os vivos que se choram a si mesmos.

As suas últimas palavras foram:

“Críton, devemos um galo a Asclépio. Não te esqueças de o pagar!” – *Platão, Fédon*.

Na época pagava-se um galo a Asclépio pela cura de uma doença, e Sócrates curara-se da doença da vida.

Após longa argumentação, Sócrates, no diálogo *Fédon*, conclui pela imortalidade da alma e pela sua imperecibilidade. A alma impura tem o destino de errar sozinha, na maior solidão, enquanto que a pura tem os deuses por guias. A alma que é ornamentada com a temperança, a justiça, a coragem, a liberdade e a verdade, parte para o Hades, onde receberá como consequência a suprema recompensa.

AS ESCOLAS SOCRÁTICAS

Para além de Platão, quatro discípulos de Sócrates fundaram outras tantas escolas: Euclides, a Escola Megárica; Fédon, a Escola de Élide; Antístenes, a Escola Cínica; e Aristipo a Escola Cirenaica.

Haverá ainda que referir também como discípulos de Sócrates, **Xenofonte, Ésquines, Símiás e Cebes**.

XENOFONTE

Deve ter nascido no ano 440. A história da filosofia deve-lhe os “Ditos Memoráveis de Sócrates”.

No *Banquete*, obra em forma de diálogo, inspira-se em Platão. Num banquete em casa de Cálias, Sócrates e alguns amigos expõem as suas ideias, contrapondo o amor terreno ao celeste.

Nos *Memoráveis* elabora a biografia de Sócrates. Aqui, Xenofonte, para além das suas próprias recordações acerca do velho Mestre, estriba-se de novo nas obras de Platão – v.g. *Apologia*, *Fédon* e *Críton*.

Na *Apologia de Sócrates*, tal como Platão, relata o processo de condenação do velho Mestre..

Refira-se que o estilo e capacidade filosófica de Xenofonte, são uma mera sombra das faculdades platónicas.

EUCLIDES

Da Escola Megárica, afirmava que o Bem é apenas um e é a Unidade, que é sempre a mesma, seja qual for o nome que lhe quisermos atribuir – *Deus*, *Razão*, ou *qualquer outro*.

Os megáricos foram exímios no desenvolvimento de argumentos paradoxais:

- do sorites – tirando um grão de areia de um monte o monte não diminui (**Eubúlides**);
- antinomia – se afirmas que mentiste ou estás a falar verdade e então mentiste ou falas falso e então estás a dizer a verdade.

Interessante é a posição de **Estílpon**, que cultivava a impassibilidade, e declarava que o sábio não tem necessidade de amigos, bastando-se a si mesmo. Foi contrariado por **Aníceris**, da Escola Cirenaica, que julgava dever o homem basear a sua vida na amizade e no altruísmo.

ANTÍSTENES DE ATENAS

Discípulo de Górgias e de Sócrates, cerca de vinte anos mais velho do que Platão, foi o fundador da Escola Cínica. Cínicos, são os que vivem como “cães” e não em função de convenções, preceitos sociais ou conveniências, demonstrando-o de uma forma que Sócrates provavelmente não aprovaria.

Era senhor de uma personalidade marcadamente forte. Terá sido a morte de Sócrates que o levou a desprezar os prazeres e luxos da vida,

pregando o regresso à natureza. Foi contrário a todas as convenções e poderes instituídos, tais como o Estado, a propriedade privada, a religião, o casamento. Condenou veementemente a escravatura.

O sentido da vida é a capacidade que o homem tem para atingir a felicidade, que consegue por intermédio da virtude, libertando-se dos condicionamentos e das amarras da vida social.

Afirmou que perante as leis, muitos são os deuses, mas segundo a natureza, só um existe, só há um Deus.

DIÓGENES DE SINOPE

Foi discípulo de Antístenes, mas foi mais famoso do que o seu mestre. A palavra cínico, deriva da sua intenção de viver como um cão.

Do filósofo restam-nos fragmentos coligidos por Diógenes Laércio e Díon de Pruse.

Levou o ensinamento de Antístenes às últimas consequências, rejeitando também todas as convenções.

Conta-se que quando Alexandre o Grande o visitou, lhe terá perguntado se desejava algo, algum favor em especial, ao que respondeu: “desejo apenas que não me tires o Sol”.

A vida dos cínicos era de simplicidade e desprezo pelos bens do mundo, prezando apenas os que lhes eram estritamente necessários à sobrevivência.

A doutrina cínica influenciou em muito o estoicismo.

ARISTIPO

Fundador da Escola Cirenaica, ensina que o fim a atingir pelo homem não é a felicidade, mas antes o prazer, que é vivido no instante presente, sendo irrelevantes, quer o passado quer o futuro, porquanto o primeiro já não existe e o segundo é uma incógnita, desconhecendo-se se existirá ou não. Vivendo o instante, atingiu a liberdade que lhe permitia asseverar que possuía sem ser possuído.

TEODORO O ATEU

Também da Escola Cirenaica, julga que o fim a atingir pelo homem é a felicidade, que identifica com a sabedoria. Negou a existência de todos e quaisquer deuses.

EGESIAS

Da Escola Cirenaica, julga que a felicidade é algo praticamente inatingível, atento o padecimento que acompanha a vida. O sage, mais do que buscar a felicidade deve evitar os males. Um seu escrito denominado “O suicida”, fez com que lhe atribuíssem o cognome de “advogado da morte”.

Na sua perspectiva, a vida que é um bem para o néscio, é indiferente ao sábio.

PLATÃO

Platão, jovem aristocrata de Atenas – *foi familiar de Alcibíades e de Crítias* – tinha como nome verdadeiro Arístocles. O cognome deverá ter-se ficado a dever à envergadura dos seus ombros ou então à sua largueza de vistas, à sua abertura de espírito – *S. Tomás de Aquino, na sua época de estudante, também foi alcunhado de “boi mudo”, por via da sua estatura e do silêncio com que assistia às aulas.*

Nasceu no ano 428 a.C. e faleceu em 347. Com apenas vinte anos fez-se discípulo de Sócrates, até ao ano da sua condenação à morte (399). Teve sempre pelo mestre um enorme respeito e considerável admiração.

Consta-se que antes de ter sido discípulo de Sócrates, seguiu as lições de Crátilo.

A injusta condenação do mestre, e a sua marcante personalidade, modelaram as especulações platónicas – *no sentido da pesquisa de uma comunidade organizada onde vigorasse a justiça.*

Logo após a morte de Sócrates, viajou pela bacia oriental do Mediterrâneo. De retorno a Atenas, depois de uma estadia em Siracusa, fundou no ano de 387, a Academia.

Obras:

Hípias Menor – Neste diálogo, Platão procura demonstrar que o mal apenas pode ser cometido por ignorância.

Alcibíades – Deste diálogo nasceram todos os grandes temas relacionados com a reflexão filosófica de Platão.

Íon – O tema do diálogo é a poesia e a sua criação, que é um privilégio concedido pelos deuses ao homem.

Eutifrôn – Trata de descobrir o que é a piedade. Piedoso é o que agrada aos deuses, ou é piedoso o que é do agrado dos deuses?

Lisis – Diálogo sobre a amizade.

Apologia de Sócrates – Obra de referencia, respeita ao processo e à condenação de Sócrates.

Críton – Trata da justiça. Sócrates recusa-se a evadir-se. É neste diálogo que surge a célebre “Prosopopeia das Leis”.

Cármides – Diálogo sobre a verdadeira natureza da sabedoria.

Laques – Da coragem.

Protágoras – Um dos diálogos mais importantes do filósofo. Aborda as questões essenciais do seu pensamento.

Górgias – É fundamentalmente uma crítica da retórica.

Ménon – Diálogo sobre a virtude.

Menexeno – Este diálogo denuncia a arte dos oradores e dos sofistas.

O Banquete – Diálogo eloquente, que tem por motivo principal o amor.

Crátilo – Ou da justiça dos nomes.

Eutidemo – Caricatura os sofistas, tratando temas como a virtude, os meios de ensinar e a natureza do saber.

Fédon – Narra os últimos instantes da vida de Sócrates e é um diálogo sobre a alma. Constitui com o *Críton* e com a *Apologia*, uma trilogia essencial ao conhecimento da personalidade do Sócrates histórico.

A República – Ou sobre a justiça. Uma utopia, que terá nascido da indignação consequente à condenação injusta do velho Mestre. Talvez a obra mais reconhecida do filósofo.

Fedro – Trata do amor e da retórica.

Teeteto – Tem como objecto o conhecimento.

Parménides – O mais difícil dos diálogos platónicos. A Teoria das Ideias e a relação do Uno e do Múltiplo, ocupam-no em parte.

O Sofista – Aqui, Platão elabora uma crítica exaustiva aos materialistas.

O Político

As Leis – Sobre a legislação.

Carta VII – Expõe as viagens que realizou à Sicília entre 390 e 388 a.C. Expõe algumas das suas teses.

Filebo – O Bem Soberano. Prazer ou Sabedoria?

Crítias – Nesta obra é exposto o mito da Atlântida.

Hípias Maior – Do belo ou da beleza. O que é a beleza?

Timeu – Aqui, Platão explora a sua física, a sua cosmologia – lembremos do demiurgo.

A *República* é a mais antiga de todas as utopias. A sua trave mestra é a de que os governantes devem ser filósofos, e o seu objectivo o de nos fornecer um conceito de justiça.

A causa do mundo é o demiurgo, o deus artífice criador do universo, que tem como função a difusão do bem. É incorpóreo, tem inteligência pura, alma e vida.

Deus criou o mundo, que por tal motivo não pode ser eterno. Sendo bom, desejou que toda a criação fosse boa, tanto quanto possível.

O mundo, entidade viva dotada de alma e de inteligência, não foi criado do nada, mas a partir da matéria preexistente, ou seja, de todos os elementos. Só há um mundo e não muitos, como pensavam alguns dos filósofos pré-socráticos.

Platão sustentava a existência da Ideia suprema do Bem. Na filosofia platónica não será a Ideia de Bem a do próprio Deus? Na sua perspectiva, o Bem é o autor cósmico de todas as coisas belas e correctas, pai da luz e da verdade. Temos dúvidas, mas o filósofo parece elaborar uma aproximação entre a Ideia de Bem e a de Deus.

Platão não é monoteísta, é politeísta e tradicionalista. O demiurgo ocupa o lugar mais elevado dos deuses, cada um com seus atributos e funções. Para além do Deus criador existem muitos outros deuses.

O mundo só pode existir por força da acção da divindade. Se algo se move por efeito de uma outra coisa, não pode este ser o primeiro movimento. O primeiro movimento é o que se move a si mesmo. E o que se move a si mesmo é a alma, que também move tudo o que o mundo contém. Deus, à alma deu inteligência, e ao corpo deu uma alma. Esta, foi criada antes do corpo.

A divindade preocupa-se com os homens – *se não se preocupasse seria indolente e preguiçosa* –, mas devemos afastar a superstição de que a podemos influenciar com ofertas: “esses põem a divindade a par dos cães que, amansados com presentes, deixam depredar os rebanhos, e abaixo dos homens comuns, que não atraíam a justiça aceitando presentes oferecidos com intenção delituosa”.

A morte é a separação da alma e do corpo – *dualismo platônico*. O corpo é visível, enquanto que a alma é invisível, assim, a alma é eterna.

A alma é imortal, tendo nascido inúmeras vezes. É invisível e não é destrutível, sendo a reminiscência uma prova da sua imortalidade.

Renascerão os vivos dos mortos, utilizando a expressão platônica?

“As almas dos mortos existem forçosamente algures, de onde regressam à vida.” – *Platão, Fédon*.

Se a alma se encontrar impura, contaminada pelos apetites do corpo, então, ficará prisioneira da natureza que corresponde à conduta que teve durante a vida, nomeadamente: os que se entregaram à gula e à violência, irão encarnar em corpos de asnos e de outras bestas similares, enquanto que os que optaram pela injustiça e pela rapina, encarnarão em corpos de lobos e milhafres. Apenas a alma pura do que se entregou à filosofia verdadeira, será recebido no seio da raça dos deuses.

“Sendo certo que aprender é recordar, a alma tem necessariamente de existir em qualquer outra parte antes de ser aprisionada no corpo.” – *Platão, Fédon*.

A psicologia em Platão é fundamentalmente espiritualista. A alma é eterna, tendo antes de estar unida ao corpo, contemplado em plenitude as Ideias. Como consequência da reminiscência reconhece essas Ideias quando encarna.

“Desde o momento em que a visão de uma coisa te levou a pensar noutra, seja ela semelhante, seja dissemelhante, é absolutamente necessário tratar-se de uma reminiscência.” – *Platão, Fédon*.

No Fédon, Sócrates examina se a alma depois de haver usado um grande número de corpos em múltiplas encarnações, não perecerá também ela ao deixar o último corpo, e se não é precisamente na destruição da alma que consiste a morte, já que o corpo está em constante decesso. Mas após longa pesquisa justifica a metempsicose.

Não obstante um verdadeiro filósofo não tenha medo da morte, e contrariamente ao comum dos homens até a possa desejar como libertação, não a dará a si mesmo, por ser contra a lei – *aqui entendida como lei natural*. Assim, o homem é prisioneiro sem direito de fuga.

No Eutifrôn, Platão pergunta-se quem é o santo: O que agrada aos deuses? Ou agrada aos deuses porque é santo? A santidade identifica-se com a virtude, que é a justiça no seu sentido mais amplo.

A ACADEMIA

Platão elegeu para dirigir a sua escola, Espeusipo, seu sobrinho. A Antiga Academia teve uma existência de vários séculos, após a morte daquele.

ESPEUSIPO

Identificou a divindade à razão, concebendo-a como a alma que ordena o mundo.

XENÓCRATES

Influenciado pelas doutrinas pitagóricas, divinizou os elementos e afirmou a existência de inúmeros demónios, verdadeiros intermediários entre a divindade e os homens. Define a alma, como um número que se move por si – *número que querará dizer ordem*.

PÓLEMON

Considerou que a vida do homem deve ser o mais possível conforme à natureza – *influência da Escola Cínica*.

CRANTOR

Afirma que a dor moral nos afasta dos instintos animais.

HERACLIDES DO PONTO

Nascido em 388 a.C., descobriu que os planetas Vénus e Mercúrio giram em torno do Sol e que a Terra gira sobre o seu próprio eixo, com uma rotação completa a cada 24 horas.

A alma é constituída pelo éter, que é a matéria mais subtil entre as subteis.

FILIPE DE OPUNTE

Para Filipe os corpos celestes são perfeitos no seu movimento. São vivos e foi a divindade que lhes concedeu uma alma. Assim, são também deuses, passíveis de adoração.

ARISTÓTELES

Nasceu em Estagira, em 384 a.C. Foi educado na corte macedónica, em virtude de seu pai, Nicómaco, ter sido médico de Amintas II, rei da Macedónia.

Entrou para a escola de Platão com dezoito anos, tendo sido o seu melhor discípulo, aí permanecendo durante vinte, até à morte do mestre ocorrida em 347. Depois da morte de Platão, foi suspeito de ser partidário dos Macedónios, o que o obrigou a abandonar a cidade de Atenas. Foi preceptor de Alexandre a partir do ano 343 e voltou a Atenas em 335, tendo fundado o Liceu, escola que apresentava alguma rivalidade com a Academia.

As obras a que temos acesso, foram escritas tendo em vista o ensino.

Durante cerca de dois mil anos influenciou o pensamento ocidental, com uma autoridade quase indiscutida.

Obras:

Protréptico – É uma instigação aos estudos filosóficos.

Ética a Eudemo – Trata do problema moral.

História dos Animais – O primeiro estudo de cariz biológico, do filósofo.

Poética – Trata da tragédia e da epopeia. A parte relativa à comédia, ter-se-á perdido.

Física – Estudo da realidade natural.

Os Meteorológicos – Estudo dos fenómenos meteorológicos.

Da Geração e da Corrupção – Poderá ser considerado um verdadeiro apêndice ao *Tratado do Céu*.

Das Partes dos Animais

Da Geração dos Animais

Retórica – Obra composta por três livros. Os Livros I e II são dedicados à argumentação e o III à forma do discurso.

Constituição de Atenas

Da Alma – Obra que se consagra ao estudo da alma, sua essência e faculdades.

Ética a Nicómaco – Obra composta por dez livros, designa as concepções morais.

A Metafísica – Reúne os conhecimentos de Aristóteles em sede de filosofia primeira, do estudo do Ser enquanto ser.

Organon – Obra consagrada à lógica formal. É composta por outras seis: *As Categorias, Da Interpretação, Os Primeiros Analíticos, As Refutações Sofísticas, Os Segundos Analíticos, e Os Tópicos.*

A Política – Estuda a forma e a possibilidade de moderar os costumes do Estado, por intermédio das instituições e da cultura.

Tratado do Céu – É nesta obra, que em quatro livros é exposta a cosmologia aristotélica.

Assemelha-se ao mestre, quando julga que nada há na natureza, seja ou não aparentemente insignificante, que não valha a pena ser investigada.

Como já se disse, foi preceptor de Alexandre, entre os treze e os dezasseis anos deste, desconhecendo-se na realidade, qual a influência que exerceu sobre o jovem discípulo – *as opiniões de historiadores são diversas, inexistindo consenso.*

Em 335 fundou a sua escola em Atenas e faleceu no ano de 322.

Se Platão influenciou pela sua metafísica, Aristóteles fê-lo essencialmente pela lógica, sendo certo que como ensina Russel, “quem hoje quiser aprender lógica perderá o seu tempo a ler Aristóteles ou qualquer discípulo seu.”

Tal como Platão, Aristóteles não é monoteísta, mas politeísta. Deus é um ser vivo, eterno, maximamente bom, dono da vida e da eternidade. É a Primeira Causa, a Primeira Forma ou Ideia. Autocontempla-se ininterruptamente e não tem qualquer interesse nos acontecimentos terrestres.

Deus é identificado com o primeiro motor, o motor imóvel que tudo move sem que seja movido.

Tal como Espinoza, julga que os homens devem amar Deus, mas a este não lhe é possível amar os homens.

No que ao movimento respeita, Deus é o primeiro motor, o motor imóvel e transcendente que dirige o mundo. Ordena-o, mas não o cria.

Deus sendo uma forma pura e uma realidade pura, não pode mudar. Deus é forma sem matéria.

Para Aristóteles, há três tipos de substâncias:

- as sensíveis perecíveis – plantas e animais;
- as sensíveis não perecíveis – os corpos celestes;
- as não sensíveis nem perecíveis – a alma e Deus.

Logo a seguir à divindade por excelência, seguem-se as divindades dos céus e dos astros celestes. Anote-se que para Aristóteles o éter era concebido como o que mais se aproximava da divindade e do qual eram constituídos os corpos celestes. Se o mundo sublunar era composto pelos quatro elementos – *água, terra, ar e fogo* –, o dos astros era-o pelo éter, não estando sujeito à mudança ou à extinção. Esta doutrina foi aceite até ao século XV, acabando por ser abandonada em grande parte por obra de Nicolau de Cusa.

O seu principal argumento quanto a Deus, é o da primeira causa. O que produz o movimento tem de estar imóvel, tem de ser eterno. Deus, motor imóvel, ordenador do mundo no sentido da perfeição, é a causa primeira, mas não é o único motor, porquanto se limita a mover o primeiro céu. As restantes esferas são movidas por outras tantas divindades – *ao tempo, os astrónomos identificavam um conjunto de esferas celestes susceptíveis de movimentar os astros num movimento circular.*

Sendo Deus o que de mais perfeito pode existir, pensa-se a si mesmo e é pensamento do próprio pensamento, o que o faz plenamente feliz – *o pensamento é o que pode existir de mais doce, é o que de mais excelente existe.*

O argumento da existência de Deus, prende-se com a hierarquia da perfeição. Na existência de gradações no sentido da perfeição, terá de existir sempre algo absolutamente perfeito. Essa entidade, sumamente perfeita, só poderá ser Deus.

Interessante é a adaptação que realizou do mito da caverna. Daí retirava uma prova inequívoca da existência da divindade. Caso tivessem existido homens a viver em casas sumptuosas, rodeados por tudo o que de mais belo o homem possa conceber, mas no subsolo, sem que alguma vez tivessem contemplado o mundo natural e apenas tivessem uma ideia, ainda que ténue de Deus, seriam imediatamente convencidos da sua existência, se pudessem contemplar, ainda que por breves minutos, a natureza e a sua perfeição. Para Platão, o mito da caverna demonstra-nos a ilusão que é gerada pelo mundo sensível, enquanto que para o seu discípulo, dignifica e

atesta a sua perfeição, bem como adianta um argumento a favor da existência de Deus.

O mundo, para Aristóteles, existiu desde sempre, e nunca deixará de existir, alicerçando-se num Acto de Pensamento que tem por essência a eternidade e a completude, aqui entendida como auto-suficiência e subsistência total.

O mundo é perfeito, finito e eterno. É finito, porque se fosse infinito seria incompleto. Para além das estrelas fixas não há espaço. Assim, estariam erradas as teses de Anaximandro e de outros filósofos quanto à existência de inumeráveis mundos e de todos aqueles que admitiram o vazio.

A alma é objecto de estudo da sua Física, porquanto forma incorporada na matéria, vivificando-a. No entanto, não podemos dissociar tal estudo da metafísica. Tal como Platão admite que a alma ao encarnar esquece as percepções adquiridas ao longo da sua existência. Mas, regressando ao além, por efeito da morte, rememora o que aprendeu nesta vida.

Com algum pessimismo, anota que a mais preciosa condição da alma é a sua existência independente do corpo, chegando a afirmar que: “Dado que para o homem é impossível participar da natureza do que é verdadeiramente excelente, seria melhor não ter nascido, e dado que nasceu, o melhor é morrer quanto antes”.

A ESCOLA PERIPATÉTICA

Por volta do ano 335, após treze anos de ausência, Aristóteles regressou a Atenas e fundou o Liceu, onde era praticada a vida em comunidade. Para além do edifício principal e dos jardins, existia o passeio ou peripato, donde a designação da escola.

TEOFRASTO

À morte de Aristóteles sucedeu-lhe na direcção da escola.

Escreveu *Os Caracteres*, que representa um conjunto de trinta retratos morais, de uma forma algo cómica, apesar da argúcia do seu autor, nomeadamente, o vaidoso, o cínico, o idiota, o adulator.

Atente-se que esta obra influenciou La Bruyère (século XVIII).

Escreveu também a obra *Metafísica*, que reuniu múltiplas questões colocadas por Platão e por Aristóteles.

Defendeu a doutrina aristotélica da eternidade do mundo – *doutrina que padecia de alguma contestação*.

ESTRATÃO

Sofreu a influência de Demócrito, não recorrendo à divindade para explicar o aparecimento do mundo.

ESTOICISMO

Como já vimos na introdução, o período concernente à filosofia pós-aristotélica ocupa-se fundamentalmente do problema moral. Sócrates, foi no nosso entender, o filósofo que mais influenciou os estóicos. A aceitação de uma sentença injusta que poderia ter sido por si evitada, a resignação que demonstrou no cárcere, a recusa em aproveitar uma fuga organizada, a tranquilidade no momento da execução, a sua indiferença ao luxo e aos prazeres mundanos consubstanciam uma atitude puramente estóica.

O estoicismo teve um primeiro desenvolvimento grego e um segundo romano. A virtude é o caminho para a felicidade. O filósofo estóico deverá recolher-se na “fortaleza da alma” (Marco Aurélio).

De todos os estóicos, só dos tardios – *Sêneca, Epicteto, Marco Aurélio (séculos I e II d.C.)* – temos obras completas.

O estóico obedece a Deus, acolhe com uma alma pura todo e qualquer acontecimento não se lamentando do destino. Aceita e reconhece o que os infortúnios trazem de bom – *porquanto nada é só bom ou mau* –, não se deixando inquietar pelas excitações produzidas pelo prazer e pela dor.

Procuravam aceitar sem se revoltarem as inúmeras contrariedades e o sofrimento causados pela vida.

ZENÃO DE CITIUM

Nascido por volta de 336 a.C., foi o fundador da escola, tendo sido discípulo do cínico Crates. Daí a aproximação da doutrina estóica à cínica. Supõe-se que tenha posto fim aos seus dias voluntariamente.

Está representado com algumas dezenas de páginas, na obra *Fragmentos dos Antigos Estóicos*.

Os estóicos buscam a felicidade por intermédio da virtude, mas não abandonam nem minimizam a ciência, antes a julgam necessária para a prossecução do fim a que aspiram. De qualquer modo, a virtude é o melhor e o mais excelente dos bens; é o conceito central da filosofia de Zenão.

Consideram a existência de uma ordem que não é mutável, absolutamente necessária e perfeita, que tudo mantém, identificando-a com Deus – *são panteístas* –, que é um princípio activo – *do qual derivam todas as coisas, ou melhor, causa de tudo o que existe* –, o próprio cosmos. Deus é corpóreo e o espírito ígneo do mundo.

Deus não está separado do mundo. Ele é a alma do mundo e cada ser humano contém em si uma parte do fogo divino.

A alma é corpórea. Curiosamente, Deus também o é. Só quatro são as coisas incorpóreas: o significado, o vazio, o lugar e o tempo. É uma parte da Alma do mundo, que é Deus, sobrevivendo à morte por nela se refugiar.

Os estóicos aceitavam face à noção de dever, que o homem deve abandonar esta vida, mesmo que esteja inundado de felicidade. Zenão morreu de morte voluntária no ano de 264.

Contrariamente a Aristóteles, que justificava a escravatura, consideravam-na uma verdadeira crueldade.

CLEANTES DE ASSOS

Nascido em 330 a.C. e falecido em 232, terá sido no princípio da sua vida atleta e fez-se discípulo de Zenão. Consta-se que durante a noite era cavador de poços, de forma a poder seguir durante o dia os ensinamentos do mestre. Após a morte deste, passou a dirigir a escola estóica.

Afirmou que Aristarco de Samos devia ser condenado por impiedade.

As almas sobrevivem até ao momento da conflagração universal, momento em que tudo é absorvido em Deus.

CRISIPO

Nasceu em 280 e faleceu em 207 a.C. Foi o terceiro mestre do estoicismo antigo. Terá sido discípulo da Academia antes de se tornar um dos mais firmes defensores do Pórtico.

Julga, que apenas Zeus – *o fogo supremo* – é imortal. Todos os outros deuses – *nomeadamente o Sol e a Lua* – tiveram nascimento e estão sujeitos à inevitável morte.

A felicidade do homem de bem é similar à felicidade de Deus.

Só a alma do homem sábio, do virtuoso, sobrevive até à conflagração universal – *posição parcialmente contrária à de Cleantes*.

O EPICURISMO

A doutrina epicurista ficou definida com o seu fundador, contrariamente ao que aconteceu com o estoicismo, que sofreu desenvolvimentos até à morte de Marco Aurélio, em 180 d.C.

EPICURO

Fundador do estoicismo, nasceu em 341 ou 342 a.C., tendo passado a infância em Samos. Começou a estudar filosofia aos 14 anos. Em 311 fundou em Mitilene a sua primeira escola, e em Atenas no ano de 207. Morreu em 270-1 a.C.. Foi muito provavelmente aluno de Xenófanés.

A vida na sua escola era simples e a comida frugal, essencialmente pão, e a bebida água. Dizia que o corpo lhe tremia de prazer quando se sustentava de pão e água, e cuspir nos prazeres luxuosos, não por eles, mas pelos males deles resultantes.

Epicuro escreveu extensa obra. Apesar de não restar muito dos seus escritos, do que dispomos, ficamos com uma ideia algo precisa do seu pensamento.

Diógenes Laércio transcreveu três cartas suas:

- *A Heródoto*, sobre a Física;
- *A Pitoclo*, sobre os meteoros; e
- *A Meneceu*, sobre a moral.

Para além destas, dispomos de quarenta máximas. Num manuscrito existente no Vaticano, foram descobertas cerca de oitenta outras máximas. Temos ainda acesso a alguns fragmentos da sua obra *Sobre a Natureza*.

A sua filosofia destinava-se a dar tranquilidade ao homem, mas buscava mais a extinção do sofrimento, do que propriamente o prazer. Deve ter sido o problema do medo, que o levou à sua doutrina filosófica. As suas causas são a religião e a morte.

A filosofia é o verdadeiro caminho para a felicidade, e esta, só é atingível quando o homem se conseguir libertar das paixões que o assolam e lhe dizimam o espírito. Julga e pratica a máxima de que “é não só mais belo, mas também mais agradável fazer o bem do que recebê-lo”.

A doutrina epicurista teve reprovável aproveitamento por alguns dos seus intérpretes e seguidores, o que levou Séneca a acorrer em seu auxílio, dizendo que Epicuro nos forneceu preceitos veneráveis e justos, que quando devidamente observados, denotam severidade. A fama de ser uma escola de perdição é uma injustiça, um erro – o que não impediu a sua prejudicial reputação.

Tudo é corpo, menos o vazio, que é incorpóreo – *Epicuro adoptou quase que na íntegra a física de Demócrito*.

Admite a existência de deuses, que não são activos, pois com nada se preocupam, atenta a felicidade de que gozam, não se imiscuindo nos assuntos dos seres humanos, pelo que não devem ser temidos.

A alma, que é material, composta de átomos dispersos pelo corpo, morre com este, já que os seus átomos se dispersam – *a influência da doutrina atomista é clara nesta tese*.

A morte é inevitável, mas não forçosamente um mal.

A filosofia de Epicuro, pode ser sintetizada num “remédio quádruplo”:

- Libertar a humanidade do medo dos deuses, já que pela sua natureza, absolutamente feliz, não se interessam nem se ocupam das coisas dos homens;

Os deuses não são activos, porquanto: *A divindade, ou quer suprimir os males e não pode, ou pode e não quer, ou não quer nem pode, ou quer e pode. Se quer e não pode é impotente; e a divindade não o pode ser. Se pode e não quer, é invejosa, e a divindade não o pode ser. Se não quer e não pode, é invejosa e impotente, portanto não é divindade. Se quer e pode (que é a única coisa que lhe é conforme) donde vem a existência dos males e porque não os elimina?*

- Libertar os homens do medo da morte. Já que ela em nada consiste. Em bom rigor, quando existimos nós, não existe a morte, e quando ela existe, somos nós que não existimos.
- Indicar ao homem o caminho que leva ao prazer, atenta a sua acessibilidade.

Epicuro afirmou na obra “Sobre o Fim”: *Em minha opinião não sei conceber que coisa é o bem se prescindindo dos prazeres do gosto, dos prazeres do amor, dos prazeres do ouvido, dos que derivam das belas imagens percebidas pelos olhos e, em geral, todos os prazeres que os homens têm pelos sentidos. Não é verdade que só o gozo da mente é um bem; dado que também a mente se alegra com a esperança dos prazeres sensíveis em cujo desfrute a natureza humana pode livrar-se da dor.*

- A brevidade da dor.

Lucrécio, nascido em 99 a.C., foi o maior discípulo de Epicuro, tendo poetizado a sua doutrina, sem a desvirtuar – *De Natura Rerum*.

O CEPTICISMO

Os cépticos procuram como muitos outros, alcançar a felicidade, mas através da ataraxia. Através da indagação refutam todas as doutrinas, demonstrando a sua falibilidade. É de todo impossível saber seja o que for. Só podemos conhecer através da percepção, mas esta é manifestamente suspeita, por ilusória, e em consequência, não confiável.

O céptico opta por uma afirmação inicial que o não conduz à investigação: ele não sabe, ninguém sabe, e ninguém virá a saber em tempo algum.

PIRRO

Nasceu em 365 a.C. Foi discípulo de Demócrito e combatente do exército de Alexandre. Terá conhecido os pensadores indianos quando acompanhou Alexandre na sua expedição. Faleceu em 275 a.C..

Foi o fundador do cepticismo.

Afirma que não existem coisas boas ou más, belas ou feias, e o mais importante, verdadeiras ou falsas. Considerando que as coisas não são perfeitamente apreendidas pelo entendimento humano, melhor será que suspendamos o nosso juízo sobre a natureza das mesmas. A suspensão do juízo, conduz-nos pela indiferença, à ataraxia.

É com Pirro que o cepticismo ganha o estatuto de “escola filosófica”. No entanto, não podemos considerar o cepticismo uma verdadeira escola, mas uma mera orientação teórico-prática, que foi o sustentáculo de várias escolas da antiguidade.

Pirro influenciou Sexto Empírico, que nos deu a conhecer com alguma precisão os seus ensinamentos – *Esboços Pirronianos*.

TÍMON

Foi discípulo de Pirro e faleceu em 235 a.C..

A filosofia grega apenas admitia a lógica dedutiva, partindo de princípios evidentes. Se estes princípios não podem ser de forma alguma encontrados, então, nada pode ser demonstrado.

ARQUESILAU

Foi contemporâneo de Tímon, tendo nascido em 316 a.C. e falecido por volta de 240 a.C.

Foi fundador da Nova Academia. Opôs-se a Zenão de Citium, o estóico, acusando-o de dogmatismo.

Não expendia quaisquer doutrinas, mas refutava todas aquelas com as quais era confrontado.

A sua influência fez com que a Academia permanecesse céptica por mais de dois séculos.

SEXTO EMPÍRICO

Viveu no século II d.C. Foi influenciado por Platão e por Pirro de Élis.

Viveu em Alexandria e em Atenas, tendo dirigido a escola céptica de 180 a 210. Exerceu a medicina.

Não escreveu nenhuma obra que possa ser considerada relevante no domínio do pensamento filosófico. Pelos seus escritos, *Esboços Pirronianos*, *Contra os Dogmáticos*, *Contra os Professores*, fez-nos conhecer praticamente tudo o que sabemos acerca do cepticismo grego e dos ensinamentos de Pirro. É assim, a fonte mais fidedigna do antigo cepticismo, por ser o único filósofo céptico do período antigo de quem temos obras.

Diz-nos nos *Esboços Pirronianos*, obra que resume o pensamento céptico da antiguidade, que pelo cepticismo atingimos em primeiro lugar a suspensão do pensamento – *pelo reconhecimento de que não vale a pena preocuparmo-nos com o que não pode ser conhecido* –, e de seguida, a liberdade em relação às perturbações – *a felicidade é a libertação da perturbação mental (ataraxia)*.

Criticou veementemente o conceito estóico de divindade na obra *Argumentos contra a Crença em Deus*.

FILÓSOFOS POSTERIORES

SÉNECA

Nasceu nos primeiros anos da era cristã – *há quem refira que o seu nascimento se reporta ao ano 3 a.C.*. Político, foi professor de Nero. Como estóico, desprezava a riqueza, mas foi conhecido por ser extraordinariamente rico, fortuna adquirida provavelmente por intermédio da prática da usura. Foi condenado por Nero à morte, tendo-lhe sido permitido suicidar-se, o que ocorreu em 65 d.C. Assim que a ordem lhe foi comunicada, interrompeu o seu trabalho, e pôs fim à vida sem lamento ou contestação, não porque quisesse morrer, mas por não temer a morte. Nos seus últimos momentos, exortou a família a não se lamentar da sua sorte, e

que lhes legava muito mais do que riquezas: o verdadeiro exemplo de uma vida virtuosa – *julgamos no entanto, que a sua vida não teve uma integral correspondência com os preceitos que são a sua herança filosófica.*

A via da felicidade é a via da virtude. A sua pátria era o Universo, governado por deuses.

Séneca é um estóico eclético absorvido por profunda religiosidade. As suas doutrinas aproximam-se das do cristianismo, o que levou alguns autores a preconizar um pretenso relacionamento com S. Paulo. Entre os cristãos, podemos mencionar S. Jerónimo, que procurou estabelecer tal relacionamento, atestando a sua cristandade – *de todo duvidosa.*

Escreveu as seguintes obras: *Da Vida Feliz, Da Vida Breve, e Cartas a Lucilius.*

Na *Vida Feliz*, afirma que a via da felicidade é a virtude. Insiste também no facto de nada haver de reprovável na riqueza do filósofo, desde que esta tenha sido obtida de forma lícita.

Deus é o Senhor do Universo, estendendo-se para o exterior, mas regressando, no entanto, de todo o lado, interiormente a si próprio. É necessário seguir Deus, pois nascemos num reino em que a nossa liberdade depende da obediência que lhe dedicamos – *há aqui uma aceitação expressa do destino dos mortais.*

Para que exista uma efectiva aproximação a Deus, não temos necessidade de olhar para fora de nós, basta-nos olhar para nós mesmos, recolhermo-nos no nosso interior. Pela introspecção alcançamos a verdade. O soberano bem é o acordo da alma consigo mesma.

Tal como Platão, considera que o corpo é o túmulo da alma. O dia da morte do corpo, é o dia do nascimento da alma para a vida eterna.

Nas *Cartas a Lucílio*, inserem-se todos os temas da ética estóica. Será provavelmente a obra mais importante do filósofo.

Escreveu um *Tratado* dedicado a Lucílio, que oscila entre duas teses (Denis Huisman):

- É na adversidade que o homem virtuoso encontra seguramente a ocasião de exercer a sua sabedoria; os males permitem, assim, ao sábio revelar a sua força de alma; e
- As pretensas infelicidades de que o homem de bem é vítima, na realidade não são males; uma vez que não afectam a capacidade do homem de se governar pela vontade, de males só têm o nome.

Elucidativa da teoria do Deus que inunda a nossa alma, é a seguinte passagem: “Não devemos erguer as mãos ao céu nem pedir ao guarda do templo que nos permita aproximar-nos das orelhas da estátua de Deus,

como se assim pudéssemos mais facilmente ser ouvidos; a divindade está próxima de ti, está contigo, está dentro de ti”.

EPICTETO

Nasceu por volta do ano 50 da era de Cristo, talvez no ano 60 e terá falecido pelo ano 100. De nacionalidade grega, foi escravo, alforriado por Nero, acabando por ser seu ministro. Ensinou em Roma até ao ano 90. As suas doutrinas assemelham-se às de Séneca, ou melhor, as de Séneca assemelham-se às suas, e os seus pensamentos são simples e plenos de sinceridade.

Nada escreveu.

As Conversas, terão sido lições orais do filósofo, que Flávio Arriano, seu discípulo, transcreveu.

A obra que conhecemos como *Manual*, constitui um resumo dos seus ensinamentos, também provavelmente coligidos por Flavius Arrianus. É um conjunto de 53 máximas estreitamente ligadas à vida. Simplício (séc. VI) escreveu acerca desta obra: “é um punhal que é preciso ter sempre ao alcance e de que aqueles que querem viver bem se devem sempre servir.”

Distingue as coisas que de nós dependem – *actos e obras do nosso foro íntimo* –, das que de nós não dependem – *v.g., corpo, riqueza, celebridade*. É sabedoria dominar as primeiras e não nos apoquentarmos com as segundas. A impassibilidade é meta a atingir pelo filósofo, mas não é tarefa isenta de espinhos.

Deus é o nosso pai, e está no nosso interior, na nossa alma. Por tal motivo, por muito sós que estejamos, temos sempre Deus conosco, o que afasta toda e qualquer solidão.

A maior devoção para com os deuses, é ter sobre eles juízos de clareza. Eles existem e tudo governam com sabedoria e justiça. Devemos obedecer-lhes aceitando tudo o que acontece, na convicção de tudo o que por eles foi feito o foi da melhor forma possível.

Um homem sente-se seguro se for familiar do próprio Imperador. Não se sentirá em muito maior segurança, sendo parente de Deus?

Se Deus é o pai, então a vida é um dom concedido por esse ser.

Na terra somos prisioneiros de um corpo terrestre. Todo o ente possuidor de uma alma, tende a desviar-se naturalmente do mal. O que avalia os seus desejos e aversões, torna-se piedoso.

O que nos perturba não são realmente as coisas, mas os juízos que formulamos sobre elas. A morte não é temível, mas no juízo que dela fazemos, considerando-a temível, é que reside o seu aspecto terrível. O homem deve estar preparado para que a alma parta tranquila, como tranquilo e sereno é o que o liberta.

MARCO AURÉLIO

Nasceu em 121 d.C. e faleceu de peste nas margens do Danúbio, no ano 180. O imperador Antonino Pio era seu tio e padasto, tendo-o adoptado. Praticou a “vida” estóica.

A obra *Pensamentos*, foi certamente escrita para si próprio. Por tal motivo, também a encontramos com a denominação *Pensamentos para Mim Próprio*. É o resultado da consciência do Imperador, que se interessa quase que exclusivamente pela moral. Os seus pensamentos podem considerar-se um verdadeiro guia do estoicismo – *e talvez de parte do pensamento ocidental*.

Marco Aurélio mais do que um imperador que se interessava pela filosofia, era um filósofo que exercia as funções de imperador. Considerou uma graça divina o facto de se ter apaixonado pela filosofia, mas não caindo na alçada dos ensinamentos de um qualquer sofista, nem perdendo o seu tempo a examinar autores ou a “embasbacar-se” com a física celeste.

Conheceu as obras de Epicteto por intermédio de Rústico, que as possuía na sua biblioteca.

Como Séneca e Epicteto, Marco julga que o filósofo se deve retirar para dentro de si, meditando interiormente. “Olha para dentro de ti: dentro de ti está a fonte do bem, sempre capaz de brotar, se souberes sempre escavar em ti próprio.” O homem deve buscar a divindade que nele habita, em vez de se distrair em vãs pesquisas e actividades.

Acredita na existência de Deus pelos sinais do seu poder, o que o leva a venerá-lo.

A harmonia do universo nasce da obediência à vontade por Deus manifestada. Nas obras dos deuses, que são inteligência, resplandece uma providência e tudo o que acontece é por força da necessidade, contribuindo para o bem geral do universo.

As coisas da carne, que nada mais é do que barro, sangue, veias, artérias, ossos e um fino reticulado de nervos, devem ser desprezadas como se estivéssemos para morrer neste preciso momento.

A morte não é a perda nem do passado, nem do futuro – *ninguém pode perder o que já não possui e o que não sabe se possuirá* –, mas do presente. Quer o nascimento quer a morte são mistérios da natureza.

Despedirmo-nos dos homens pela morte, desde que os deuses existam, nada tem de aterrador, e se não existirem, de que modo pode ao homem interessar um mundo sem providência? Mas, Marco julga que os deuses existem e que velam pelas coisas humanas.

Se dissiparmos os fantasmas que ensombram a morte, ela é tão-somente uma obra da natureza, e obras da natureza apenas são temidas pelas crianças.

Ao corpo pertencem as sensações, à inteligência os princípios, e à alma os instintos. No entanto, a alma impregna-se de ideias. Consoante estas sejam, assim ela será. Deus vê as almas despojadas dos seus invólucros materiais.

A alma liberta-se do corpo com a morte. Libertas do corpo sobem aos ares, para depois de algum tempo se fundirem na razão universal geratriz, permitindo que outras ocupem o seu lugar.

Parece ter dúvidas quanto à imortalidade, quando se refere a que alma espera ou extinguir-se ou ser transferida para algures.

NUMÉNIO DE APAMEIA

Segunda metade do século I d.C.

Viveu na Síria, sendo a sua doutrina influenciada, quer pelos pitagóricos quer por Platão.

Interessante é realçar que julga derivar a filosofia grega da oriental.

Reconhece três entes divinos: o Deus primeiro, é o princípio da realidade e rei do cosmos, sendo puro intelecto; o demiurgo, segundo Deus, age sobre a matéria e forma o mundo; o próprio mundo é o terceiro Deus.

Tal como os estóicos e Platão, declara que a encarnação da alma é sempre um mal, por se ver aprisionada e sujeita às múltiplas intempéries perniciosas da vida.

PLUTARCO DE QUERONEIA

Platónico, nasceu no ano 46 d.C. e terá falecido em 125. Efectuou os seus estudos em Atenas. Viajou bastante.

As suas obras principais são:

- Vidas Paralelas dos Homens Ilustres; e
- Obras Morais. Esta, num âmbito demasiadamente vasto, incide sobre questões científicas, literárias, religiosas e políticas. Intentou defender o platonismo dos ataques desferidos, quer pelos estóicos quer pelos epicuristas.

O mundo não deriva de uma só causa, ou seja, de Deus. A divindade apenas poderia criar o bem. Se existe o mal, é porque ao seu lado, existe um outro princípio que é o seu causador.

Deus está acima do mundo – *o puro bem não se confunde nem pode confundir com um mundo onde abunda o mal* –, relacionando-se com ele por intermédio de outras divindades menores.

FÍLON DE ALEXANDRIA

Nasceu em Alexandria por volta do ano 30 a.C. Esteve em Roma no ano 40 d.C., como embaixador dos judeus de Alexandria.

É um profundo conhecedor das Sagradas Escrituras, que muito venera, mas foi também muito influenciado pela filosofia grega.

Na *Alegoria das Leis*, para além da exposição acerca da Lei, elabora uma teologia, com inspiração nos livros do Antigo Testamento, bem como uma cosmologia, inspirando-se esta no Génesis.

A Imortalidade de Deus, é um comentário dos versículos do Génesis.

A sua especulação filosófica estriba-se em três princípios:

- A transcendência de Deus relativamente ao mundo – *A perfeição de Deus é incompreensível. A sua natureza é incognoscível.*

- O Logos é o intermediário entre o homem e Deus – *O Logos ou Verbo de Deus, é a imagem que se pode conceber mais perfeita de Deus, e é o criador do mundo.*
- O objectivo do homem é a união com Deus – *Para atingir Deus, o homem deve libertar-se do que o escraviza, ou seja, da sensibilidade e de tudo que o liga ao corpo, bem como da razão, aguardando que aquele faça descer sobre si a Sua graça.*

PLOTINO

Podemos considerá-lo o último dos grandes filósofos da antiguidade.

Fundador do neoplatonismo – *última manifestação do platonismo no mundo antigo* –, nasceu no Egipto em 203 ou 204 d.C. e faleceu em 270. Há autores que referem **Ammonius Saccas** como seu fundador, e não Plotino. Terá estudado o pensamento oriental.

No ano de 244, abriu em Roma uma escola que teve um enorme êxito, tendo tido como auditor, entre outros, o imperador Galiano.

A sua obra principal é *As Enéadas*, escrita em Roma e editada por Porfírio. Obra de referência da filosofia antiga. Nesta, é abordado o problema de Deus, sua natureza, da criação, do mundo físico e do homem.

Influenciou quer pagãos quer cristãos. Santo Agostinho foi um dos grandes filósofos que a estudou meticulosamente e com base nela estruturou em parte o seu sistema.

A metafísica de Plotino, também é uma trindade como no cristianismo, mas com valorações diferentes: primeiro o Uno, depois o Nous – *que é identificado com o Espírito por uns e com o Intelecto por outros* – e por fim a Alma.

A transcendência de Deus é levada até aos seus limites. O nome que lhe deve ser atribuído é o de Uno, causa de todas as coisas, por demonstrar inequivocamente a diferença existente com tudo o que vem depois dele.

O Uno exclui o múltiplo. Ele é o Bem. É o que É. Incognoscível, apenas isso, porque tudo transcende, ignorando mesmo a criação.

Plotino é politeísta: “Não restringir a divindade a um único ser, fazê-la ver múltíplice como ela própria se manifesta, eis o que significa conhecer o poder da divindade, capaz, ainda que permanecendo aquele que

é, de criar uma multiplicidade de deuses que se ligam com ele, existem para ele, e vêm dele”.

Deus não cria. Está imóvel no centro da criação. Do Uno emanam sucessivamente, com sensível e progressiva diminuição da perfeição, o Intelecto ou Espírito – *a sua imagem mais próxima, a luz pela qual este se vê a si mesmo* –, a Alma do mundo – *que procede do Intelecto, elemento criador de onde provêm todas as coisas* – e as almas singulares – *que são parte da Alma do mundo*.

A alma tem o momento certo para ser incorporada no corpo e não tem a forma deste. Porque é essência, é eterna. Se pecou durante a sua existência, entrará num outro e sofrerá a punição adequada ao mal cometido. Irá esquecendo tudo o que se passou nas suas múltiplas vidas, até que pela purificação se reuna ao *Nous*, mas mantendo a sua identidade – *Nous e alma serão em simultâneo, dois e um*.

É pelo retorno a si próprio, que o homem regressa a Deus. Libertando-se das exigências do corpo e purificando-se por intermédio da virtude, com o auxílio da música, do amor e da filosofia, a alma encontra o seu Amado.

Na música não se deve bastar com os sons sensíveis, mas atingir pela melodia e pela harmonia a suprema beleza. Pelo amor, caminhando da contemplação da beleza corpórea, erguer-se-á até à da incorpórea, que é a imagem do Bem, ou seja, a de Deus. Da filosofia terá de tomar em consideração as suas limitações: no pensamento existe a dualidade pensador e objecto do pensamento, observador e observado, enquanto que na visão divina esta dualidade está excluída. Assim, não será certamente pela inteligência que Deus será alcançado.

Plotino teve várias experiências místicas, em que se alheava do próprio corpo e entrava em comunhão com a ordem mais elevada.

FILOSOFIA CRISTÃ

A PATRÍSTICA

JUSTINO

Nasceu em princípios do século II, na Palestina. Pode ser considerado o fundador da Patrística, e é um apologeta – *Padre que defendia o cristianismo dos ataques desferidos.*

As velhas escolas filosóficas não o satisfazem. Os estóicos desconhecem Deus, os peripatéticos desejam com elevada intensidade os bens materiais, as coisas do mundo, os pitagóricos são meramente teóricos, e os platónicos excedem-se nas suas especulações. Considera que o cristianismo é a única filosofia absolutamente segura e útil, lugar onde se realiza a Verdade.

A razão é o Verbo de Deus: “Nós aprendemos que Cristo é o primogénito de Deus, e que é a razão de que participa todo o género humano. E aqueles que viveram segundo a razão são cristãos, ainda que tenham sido considerados ateus como, entre os Gregos, Sócrates, Heraclito e outros; e entre os bárbaros, Abraão e Ananias e Azarias e Misael e Elias. De modo que também aqueles que antes nasceram e viveram irracionalmente eram maus e inimigos de Cristo e assassinos daqueles que vivem segundo a razão; mas aqueles que viveram e vivem conformes com a razão são cristãos impávidos e tranquilos”.

Deus é eterno, e eterno é o que não teve princípio nem terá fim. É algo de inexplicável. Imediatamente a seguir, apresenta-se-nos o Logos, gerado antes da criação e por intermédio do qual aquele criou e ordenou tudo o que existe. Depois de Deus pai e do Logos, está o Espírito Profético, que produz no homem, quer a virtude quer os inúmeros dons proféticos.

A alma humana é por vontade de Deus, imortal. Imortalidade de que o corpo acabará por participar quando da segunda parusia de Cristo, momento em que os corpos ressuscitarão – *aos justos serão concedidos os bens celestes, enquanto que os iníquos serão condenados ao fogo eterno para todo o sempre.*

TACIANO O ASSÍRIO

Padre apologeta, foi discípulo de Justino. Tardiamente, renegou a Igreja e passou para os gnósticos.

Para Taciano, necessitamos de distinguir o espírito da alma. O espírito é a imagem de Deus, essência pura, enquanto que a alma não é una, mas composta. Assim sendo, não é imortal, qualidade que obtém apenas pela união com o espírito.

O homem retorna a Deus pelo espírito.

ATENÁGORAS DE ATENAS

Escreveu a apologia “Súplica a Favor dos Cristãos”, que dirigiu a Marco Aurélio. Nela, surge-nos a prova racional da unidade de Deus. A possibilidade de existir mais do que uma divindade incriada não permitiria a sua existência no mesmo espaço. Se os mundos forem muitos e incomunicáveis, então, cada um deles pode ter o seu deus, mas nenhum deles afectará os restantes, não sendo por conseguinte tomado em mundo estranho como divindade.

O Logos foi gerado pelo Pai, sendo com ele coeterno. É a energia que deu origem a todas as coisas. O Espírito Santo é uma irradiação de Deus, do mesmo modo que um raio de sol.

TEÓFILO DE ANTIOQUIA

Padre apologeta, bispo de Antioquia, legou-nos três livros, “Ad Autolico”.

Deus é eterno, imutável, o criador de tudo quanto existe, que gerou do nada. É através da criação que se torna perceptível o seu poder, criação essa, que o manifesta.

Da sua beleza, que é suprema, inefável, nada pode ser dito. Os olhos do corpo não a podem alcançar, só aos olhos da alma purificada é concedida tal visão.

Foi por intermédio do Logos e da omnisciência, que tudo gerado.

Utilizou a palavra Trindade para distinguir os entes divinos: Deus pai, o Logos e a Sabedoria.

MINÚCIO FÉLIX

Padre apologeta latino, viveu no tempo de Tertuliano.

Os filósofos concordam em geral, com a unicidade de Deus. Daí concluiu, que “ou os cristãos são os filósofos de agora ou os filósofos de então eram cristãos”.

É na criação do céu e da terra, que Deus se manifesta. Quando entramos numa residência e vemos todas as coisas nos seus devidos lugares, com uma organização perfeita, imputamos essa harmonia ao seu dono e à sua personalidade e conhecimentos. Assim, quando constatamos a mesma ordem, quer no céu quer na terra, passamos a ter fé na existência de algo que rege o mundo e detenha o seu governo, como o proprietário governa a sua casa. Esse algo, é Deus.

ARNÓBIO

Padre apologeta latino, foi professor de retórica. É autor de uma apologia denominada “Adversus nationes”.

É um filósofo pessimista, no que ao homem respeita, motivo pelo qual, foi bastas vezes comparado com Pascal – *deveria ser Pascal comparado com Arnóbio, e não o contrário.*

O homem é um ser repugnante, com atitudes de grande baixa moral, mesquinho, e a sua existência não tem qualquer utilidade para o mundo, que se manteria estável, caso não existisse. A história confirma o

carácter ignóbil do ser humano: sucedem-se em cascata, a violência generalizada, os delitos, o mal em todas as suas múltiplas facetas. Por conseguinte, Deus, criador de um mundo ordenado e perfeito, não poderia ter gerado tal criatura, essa coisa infeliz e miserável, que se dói de ser, detestando e chorando a sua triste condição, cujo objectivo ou sentido parece ser o da difusão do mal. Provavelmente, foi criado por um Deus inferior, seja no seu poder seja na sua dignidade – *admite a existência de inúmeras divindades, mesmo as pagãs, mas todas as subordinadas ao Deus cristão.*

A alma não é divina – *como os platónicos afirmaram* – e a doutrina da reminiscência é ostensivamente afastada. A sensação é a base do conhecimento. A alma, que não é espírito nem corpo, mas uma substância intermédia e indeterminável, não é imortal. Apenas Deus, única ideia inata no ser humano, pode conferir-lhe tal atributo, desde que aquela, tenha pelo reconhecimento e pelo serviço, atingido o requerido grau de pureza. Os que não conseguirem purificar-se serão condenados ao fogo do inferno, até à sua total extinção.

A morte da alma – *incondicional, como reconhecem os Epicuristas* – , ou a sua imortalidade – *também incondicional, como atesta Platão* – é um erro absurdo. A alma terá o destino que deriva da sua acção, e da pureza que atingiu em vida.

LÚCIO CÉLIO FIRMIANO LACTÂNCIO

Padre apologeta latino, foi discípulo de Arnóbio. Julga que a verdade não é atingível pela filosofia, mas pela revelação.

Quando olhamos para o céu, temos a noção imediata da existência de algo, ordenador e gerador de leis conducentes à perfeição. Mas, será um único Deus o regente ou pelo contrário, várias são as divindades? O corpo humano, composto por inúmeras partes, só tem uma regência: a da alma. O mundo, por analogia, só deve ter também, uma entidade ordenadora.

O mundo não foi criado a partir de uma matéria preexistente. Deus na sua potência, cria a matéria.

O Deus Pai e o Logos não estão divididos. São uma única substância e um único espírito.

O Filho foi criado antes do mundo, para aconselhar Deus no seu projecto e execução.

Deus criou o mundo para o homem – *que necessidade tem Deus, de algo que esteja fora de si?* Mas, a criação do homem, teve um desígnio diferente: Deus gerou o homem para que reconhecesse o seu poder e perfeição.

O homem é corpo e alma. Esta é subtil. A coesão dos dois, é um bem para o primeiro e um mal para a segunda – *podemos deduzir desta afirmação, que nada é bom e só bom e mau e só mau?*

Aderem ao ser humano princípios contraditórios que lutam ininterruptamente. Quando os princípios da alma vencem, esta torna-se imortal e é admitida na Luz de Deus, se forem os do corpo, estará a alma sujeita à escuridão e à morte.

CARPÓCRATES DE ALEXANDRIA

Gnóstico, procurou demonstrar a superioridade e excelência de Cristo pela doutrina platónica da reminiscência. Ele é em muito superior à humanidade, em virtude da sua alma ter recordado na terra tudo o que havia percebido junto de Deus pai: este, concedeu-lhe o dom de poder regressar ao seu seio, quando a sua missão findasse.

A alma, desde que purificada à imagem de Cristo, terá um destino semelhante ao deste: o regresso a Deus pai.

VALENTINO

Gnóstico, admitiu a figura do Primeiro Pai, um Deus não gerado, imutável e eterno.

Os homens são repartidos em três classes:

- os carnisais, destinados à perdição;
- os psíquicos, cuja salvação pode ser obtida, ainda que com muito esforço; e,

- os espirituais, cuja salvação depende apenas da gnose, ou seja, do conhecimento dos mistérios divinos.

MANI

Gnóstico, natural da Pérsia, terá nascido por volta do ano 216.

Declarou-se a si mesmo, Paráclito, isto é, aquele que estaria destinado a conduzir o cristianismo à sua perfeição absoluta.

Admite dois princípios: o das trevas e o do bem ou da luz, cujo combate no mundo é incessante.

O homem só atingirá a perfeição da sua alma, caso se abstenha dos alimentos animais, das palavras impróprias, da propriedade, do trabalho, do casamento, e de qualquer relação carnal.

Santo Agostinho foi seu adversário.

IRINEU

Polemizou contra a gnose. Nascido por volta de 140, talvez em Esmirna, faleceu pelo martírio.

A única e verdadeira gnose, no seu entender, é a que foi legitimamente transmitida pelos apóstolos.

Não conseguimos pensar ou compreender Deus. Ele é a razão, mas a sua razão em nada se assemelha à nossa. É luz, mas uma luz que nos é totalmente desconhecida.

Está convicto de que a ignorância no que a Deus respeita, é muito superior às grandes especulações. A crença na sua existência e o amor que lhe dedicamos e que faz jorrar sobre nós, supera qualquer pesquisa, por mais subtil que seja ou pareça ser.

Deus é conhecido pela fé, pela revelação, que pode também ocorrer através da sua obra que é o mundo.

Os gnósticos erram profundamente, quando:

- consideram que o criador do mundo não é o próprio Deus, mas o Logos. É de todo estranho, que a divindade com todo o poder que lhe é imputado não consiga por si mesma executar o que projecta;
- teorizam gradações entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Estes, têm a mesma essência. Tanto o Filho, quanto o Espírito Santo coexistem desde sempre com o Pai, e participam da sua excelência.

O homem é o resultado do somatório da alma e do corpo, e pelo espírito torna-se perfeito, elevando-se até Deus pelo respeito dos seus mandamentos ou injunções.

O mal tem a sua origem, não no corpo, mas na livre escolha do homem, quando desobedece a Deus. O bem consiste tão somente na obediência à vontade do Senhor. Pelo bem, a alma torna-se imortal e pelo mal é punida com a morte eterna.

A ressurreição dos corpos ocorrerá depois da chegada do Anticristo, e as almas então incorporadas na sua própria carne poderão usufruir da visão beatífica de Deus.

HIPÓLITO

Discípulo de Irineu, polemizou contra os gnósticos.

Face à indisciplina que reinava nos meios eclesiásticos, encabeçou um partido cismático, podendo ser considerado um dos primeiros antipapas.

Deus Pai e Deus Filho, não são a mesma pessoa. O Filho existia no Pai, e quando a este lhe aprouve, separou-o de si. “O Pai manda, o Filho obedece e o Espírito Santo ilumina; o Pai está acima de tudo, o Filho está por tudo, o Espírito Santo está em tudo. Não podemos pensar num único Deus, se não acreditarmos no Pai, no Filho e no Espírito Santo.”

Deus criou o homem para que possa agir em liberdade, em consonância com a lei que o deve conduzir pelo caminho da vida, lei essa,

que foi transmitida a Moisés e aos Profetas. Aí, o perfeito seguidor dos preceitos divinos, transforma-se em Deus.

TERTULIANO

Nasceu por volta de 160 em Cartago. Filho de pagãos, converteu-se ao cristianismo e foi ordenado sacerdote. Passou para os montanistas e acabou por fundar uma seita – *a dos tertulianistas*.

A *Apologética* é a primeira apologia escrita em latim, como reacção contra a perseguição de que os cristãos foram vítimas no ano de 197 pelos governadores das províncias romanas.

Tertuliano condena a imoralidade romana, o seu politeísmo e vícios degradantes, acusando-os de serem os próprios causadores dos males que injustamente assacavam aos cristãos.

Tertuliano é um crítico da filosofia. Desta, nascem as heresias e os erros. Platão é o pai de todas as heresias. A verdade religiosa funda-se na fé e na revelação. Desde que o homem atinja confiantemente a fé, nada mais tem a pesquisar, nem confirmar, sob pena de pelo exercício defeituoso da razão cair no maior dos erros e na heresia.

Deus é corpóreo – *só é incorpóreo o que não é* –. O Filho e o Espírito Santo estão subordinados ao Pai. O que o Filho é, deve-o ao Pai. É o Filho que cria o mundo.

A alma tem natureza espiritual, mas também é corpórea, com a mesma forma do homem que anima. É “uma substância simples, nascida do sopro de Deus, imortal, corpórea e dotada de uma figura, capaz por si mesma de sabedoria, rica em atitudes, partícipe de arbítrio, sujeita às circunstâncias, mutável de humor, racional, dona da sua capacidade, rica de virtudes, adivinhadora, multiplicando-se a partir de um único ramo”. Se se multiplica a partir de um único ramo, Tertuliano adopta o traducianismo, ou seja, a alma é transmitida de pai para filho, geração após geração.

A morte é a separação da alma e do corpo. Na vida, o que a morte desintegra, está integrado. Cristo ressuscitou; tal facto garante a nossa própria ressurreição. A alma é obviamente imortal.

Estranhos, no mínimo, são os argumentos que fundamentam a fé. Crê que o Filho de Deus morreu, porque é inconcebível que tal ocorresse. Sepultado, ressuscitou dos mortos, o que é certo por ser impossível. Quanto mais absurdo for o argumento deduzido a favor da fé, mais certa será – *Credo quia absurdum est.*

CLEMENTE DE ALEXANDRIA

Nasceu por volta do ano 150, provavelmente em Atenas.

Estrómatos é uma obra composta por oito livros, onde trata das doutrinas filosóficas da antiguidade e do cristianismo. Nas sua perspectiva, os cristãos não devem deixar de conhecer a filosofia grega, mas devem saber reconhecer, que esta foi influenciada pelas Sagradas Escrituras que lhe são anteriores. Muitas questões teológicas – v.g. *a ascese, a continência, a fé* – são abordadas no livro.

No *Pedagogo*, desfere um ataque frontal ao gnosticismo e demonstra aos fiéis como se devem conduzir, de molde a curarem as suas almas das paixões e vícios.

No *Protrético*, exorta a humanidade à conversão ao cristianismo – no *Pedagogo dirige-se aos cristãos confirmados* –, demonstrando a falsidade dos mitos gregos aos quais contrapõe a verdadeira filosofia, que é a cristã.

O que o homem pode atingir de mais elevado, é indubitavelmente o conhecimento. Mas, entre este e a fé, há uma união indissolúvel: não podem subsistir isoladamente. A filosofia é a intermediária entre a fé e o conhecimento.

Deus é o incognoscível e o pensamento é impotente para o atingir. Temos uma maior facilidade em conhecer o que Ele não é do que aquilo que Ele é.

É no Logos que tudo se move, e é o Logos o guia da conduta dos homens.

O Espírito Santo, luz da verdade, está subordinado ao Logos.

ORÍGENES

Terá nascido no ano 185 ou 186, em Alexandria, e morreu mártir com 69 anos de idade. Foi tal como Plotino, discípulo de Ammonius Saccas, que é considerado por muitos o verdadeiro fundador do neoplatonismo.

No ano de 230 é ordenado, para no ano seguinte ser excomungado.

Castrou-se voluntariamente, numa interpretação literal do texto evangélico, não obstante, a condenação da Igreja de tal interpretação.

Mencionamos aqui duas obras:

Contra Celso – Celso foi um filósofo (séc. II d.C.), que inspirado no platonismo, desferiu ferozes ataques contra o cristianismo, nomeadamente na obra *Discurso Verdadeiro*, influenciando muitos dos pensadores que se opuseram e criticaram a doutrina cristã. Orígenes procurou refutar todas as suas afirmações.

Tratado dos Princípios – Esta obra debruça-se sobre as Sagradas Escrituras. Com ela, propôs-se refutar as heresias existentes à época, mas afirmando audaciosas teses, tal como a da preexistência da alma, acabou por ser ele mesmo acusado de heresia.

As escrituras foram inspiradas por Deus, o que é demonstrável pelas profecias que antecederam a vinda de Jesus Cristo e pelos milagres.

Para Orígenes, incorpóreo só Deus: Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

Deus não é corpo, tendo natureza espiritual. Não é o todo, porque o todo é composto de partes, nem obviamente uma parte, que é menor que o todo. É onipotente, mas a sua onipotência está limitada pela sua própria natureza: não pode cometer injustiças. Ele é o bem, a absoluta bondade – *compare-se com o conceito platónico de bem*.

Deus tem necessidade de punir para “curar”, da mesma forma que um professor castiga para orientar no recto caminho os seus pupilos. Se Deus tivesse como único atributo a bondade, teríamos tendência a não a valorizar; se fosse tão-somente severo, os nossos pecados seriam motivo de desespero.

Se a substância participa de Deus, Deus não participa dela e é-lhe manifestamente superior. Está assim, para além de todas as coisas.

O Logos é a imagem de Deus, coeterno com Ele, mas em posição subordinada. É a substância das substâncias. Recebeu a “vida” do Pai, de quem depende a sua eternidade.

Se quer o Pai quer o Filho são Deus, já o Espírito Santo foi criado pelo Filho e não tem uma função específica, não obstante se constitua como uma força religiosa.

Julga que há uma pluralidade de mundos, que se sucedem, até que em dado momento se extinguem.

As estrelas são seres racionais, dotados de alma. Esta alma, tem existência anterior aos corpos, sendo-lhes concedida por Deus.

Nos homens, as almas são incorporadas desde o nascimento. *Nous* e alma, têm conceitos aproximados aos de Plotino. Quando o *Nous* decai, transforma-se em alma. Por outro lado, pela virtude a alma torna-se *Nous*.

O homem renascerá em vários mundos, purificando-se sucessivamente do pecado original. Aí, será restituído ao amor de Deus.

Talvez tenha sido Orígenes o primeiro filósofo a empregar a palavra misticismo para traduzir o conhecimento directo de Deus.

Não há ser que não possa obter a salvação, inclusivamente Satanás.

Recusa a doutrina da ressurreição da carne.

Foi condenado por via de quatro heresias:

- a doutrina da preexistência das almas – *vide Platão*;
- que Cristo já detinha antes da encarnação a natureza humana;
- após a ressurreição, os corpos não serão mais materiais, mas integralmente etéreos;
- todos podem atingir a salvação, inclusivamente o Diabo.

METÓDIO

Foi bispo de Filipo e morreu mártir por volta de 311. Polemizou contra Orígenes.

Deus é a perfeição suprema, podendo ou não criar o mundo, segundo a sua vontade.

A alma humana não é preexistente ao corpo.

O mal tem a sua causa no livre arbítrio do homem.

ARIO

Morreu em 336.

Pai e Filho têm diferentes naturezas. O Logos não é eterno. Foi criado como tudo, do nada. Se o apelidamos nos livros sagrados de Filho de Deus, é no mesmo sentido de que todos os outros homens também o são.

A sua doutrina foi condenada por grande maioria no Concílio de Niceia, realizado no ano de 325.

ATANÁSIO

Nasceu no ano de 295. Opôs-se à doutrina expandida por Ario e no Concílio de Niceia – *primeiro concílio ecumênico* – que ocorreu no ano de 325, exerceu uma considerável influência na condenação do arianismo.

Pai e Filho são idênticos. O Filho participa da divindade do Pai e em consequência de todos os seus poderes.

O Espírito Santo procede do Pai e do Filho. Um só Deus e três pessoas – *doutrina aceita pelo Concílio de Niceia e defendida por outros filósofos cristãos, como Basílio o Grande, Gregório Nazianzeno e Gregório de Nisa.*

BASÍLIO O GRANDE

Nasceu em 311.

Considera que a fé tem precedência sobre a razão.

Tal como Atanásio afirma a existência de um só Deus em três pessoas.

Conhecemos Deus pela criação. É-nos possível pelas suas obras conhecer seja o seu poder, seja a sua sabedoria e arte, mas de modo nenhum a sua natureza. Até o conhecimento do seu poder é limitado, porquanto pode não ter aplicado toda a sua capacidade na execução da sua obra.

Conhecer a essência divina é conhecer a sua incompreensibilidade. Há um limite para a razão no conhecimento do transcendente, que o revela.

GREGÓRIO NAZIANZENO

Nasceu cerca de 330. Manteve contactos com Basílio O Grande.

Por intermédio da razão atingimos o conhecimento da existência de Deus – *atenta a perfeição do mundo* –, mas não a sua essência. No entanto, temos a noção ainda que indefinida, que essa sua essência supera todas as outras.

Deus é um oceano infinito e indeterminado de essências.

A Trindade resulta numa única divindade unida em três.

GREGÓRIO DE NISA

Era irmão de Basílio o Grande.

Defende tal como seu irmão a subordinação do conhecimento à fé.

Qualquer essência, seja divina ou humana, é una e simples. Mas, a humana é participada por um número indeterminado de seres, enquanto que a divina é por três.

O cristianismo ao afirmar a unicidade e a trindade de Deus, recorreu e conciliou o monoteísmo judaico – *só há um Deus, porque se vários houvesse a sua perfeição não seria integral* – com o paganismo – *a multiplicidade de pessoas divinas*.

Deus é uma essência não corpórea, imutável, inexprimível.

O mundo foi criado por Deus, tal como o homem, este por acto de puro amor. O primeiro homem assemelhava-se aos anjos, estado que perdeu como consequência do pecado, tendo o Logos a função de o orientar no retorno ao estado original.

A ressurreição não se assume como um facto material.

SANTO AGOSTINHO

Nasceu em 354, de pai pagão e mãe cristã. Convertido ao cristianismo por influência de sua mãe, foi baptizado em 387, ordenado sacerdote em 391, e consagrado bispo – *de Hipona* – em 395. Faleceu no ano de 430.

Agostinho declarou – *Solilóquios* – : “Desejo conhecer Deus e a alma. E nada mais? Nada mais, absolutamente”.

Mencionamos as seguintes obras:

Contra os Filósofos da Academia – Esta obra é constituída por três livros. Espelha a discussão filosófica que manteve no Outono de 286 com seu filho Adeodato e três amigos deste. Trata de várias questões, nomeadamente, a vida bem-aventurada, consubstanciada na máxima de que só o sábio atinge a verdade, mas sempre com o auxílio de Deus.

Do Livre Arbítrio – Aqui, discute-se a natureza do mal e afirma-se a capacidade do homem em optar por este ou pelo bem – *o que implica a responsabilidade pelos seus actos, dado que Deus lho permite*.

O Mestre, é o diálogo entre Agostinho e o seu filho Adeodato, onde procura demonstrar, que dentro de cada um de nós, existe a palavra divina, nosso único Mestre.

Da Trindade, afirma a realidade do mistério da Trindade, apesar de a razão o não conseguir atingir. Deus é aquele que ama, o que é amado, e o próprio amor, sendo apenas Um.

Confissões – Esta é a obra mais conhecida do Santo. A primeira parte (Livros I a IX) é um relato da vida de Agostinho, até ao momento em que

se converteu ao catolicismo, facto que em muito se ficou a dever à influência de sua mãe. A segunda (até ao Livro XIII) tem uma natureza especulativa, filosófica.

Muito resumidamente, diga-se que se ocupa da conversão de Agostinho e da busca incessante de Deus.

A *Cidade de Deus* é uma obra extensa de filosofia e teologia. Nela, responde com fortes argumentos à acusação feita aos cristãos no ano de 410, que os responsabilizava pelo abandono dos deuses da cidade e da derrota de Roma às mãos dos Godos.

Estabelece a existência de duas cidades celestes: a de Deus – *habitada pelos anjos* – e a do mal – *habitada por demónios*. Para além destas, a cidade terrestre é caracterizada pelo desapego a Deus, pela morte e pelo pecado original. O homem pode realizar a sua escolha, que estará submetida ao Juízo Final, onde o bem será premiado com a felicidade eterna e o mal com a infelicidade, também eterna.

O problema teológico em Agostinho, é o seu próprio problema enquanto homem, plasmado de forma brilhante no mais famoso dos seus escritos – *As Confissões*.

Parece dominado pelo pecado, questão que o preocupa antes e depois da conversão – *converteu-se ao cristianismo quando professava o maniqueísmo*. É famosa a sua prece: “Deus me conceda a castidade, mas não agora.”

O princípio fundamental da teologia de Agostinho pode expressar-se no aforismo: a verdade é Deus. Um Deus de verdade e de Amor. O conhecimento de Deus é atingível por intermédio de Jesus Cristo, e devemos apoiar-nos nas Escrituras Sagradas.

Deus revela-se ao homem, que diligentemente o busca na profundidade do seu eu, da sua alma. Só assim poderá o Senhor ser encontrado.

Com a morte poderemos retornar a Deus. Mas, para que tal ocorra, o homem velho ou carnal, deve renascer para o espiritual.

Deus de tudo é fundamento, o criador de tudo o que existe. A mutabilidade do mundo sensível, não é o ser, e não o sendo teve de ser criado por um ente eterno. Este, para além de criar o mundo, criou o tempo – *falar do tempo antes da criação é destituído de qualquer sentido* – estando para além dele, já que a eternidade é um eterno presente, sem passado nem futuro. A criação a partir do nada, é ideia que os filósofos gregos desconhecem. Quer Platão quer Aristóteles preconizam a existência

de uma matéria primordial a que Deus dá forma; mais do que criador ele é o artífice da substância eterna e incriada. Santo Agostinho, cristão ortodoxo, não contradiz o Génesis e afirma a criação do mundo por Deus a partir do nada.

O mal contradiz a bondade de Deus. Agostinho negou a sua realidade. O único mal que existe no mundo é o pecado, e este é consequência de uma vontade defeituosa que renuncia a Deus e se entrega ao que é reprovável. O mal é a ausência do bem e não uma força demoníaca.

A alma é sobretudo a entidade e interioridade espiritual onde a verdade tem assento, por oposição ao exterior, errante. Surgiu do nada por efeito da vontade criadora de Deus e apesar de ser uma essência imortal, não perde o seu carácter individual. O misticismo é em Agostinho a iluminação da alma pela luz divina.

Admitiu o traducianismo – *doutrina segundo a qual a alma é transmitida de pai para filho através da fecundação* –, já que o criacionismo é contrário à bondade de Deus, porquanto é inadmissível que este crie uma alma condenada à perdição – *o traducianismo justificava a transmissão do pecado original*.

Erram todos os que como Porfírio negam que no Céu os santos estejam providos de corpo. Estes, serão possuidores de corpos espirituais e subtis, masculinos ou femininos. Realce-se, que todos os que faleceram durante a infância, irão renascer em corpos adultos. Em rigor, existem duas ressurreições. A da alma, como consequência da morte e o corpo, como consequência do Juízo Final.

Após a ressurreição do corpo, os que não obtiveram a salvação arderão – *sem se consumirem* – eternamente no Inferno. As penas infernais, não podem de modo algum ser minimizadas, nem pela intercessão dos santos. A eterna condenação aguarda hereges e os católicos que caíram irreversivelmente no pecado.

Os não baptizados, ainda que crianças, vão para o Inferno, onde sofrem os piores tormentos.

O homem deverá escolher a vida segundo a carne – *cidade terrena* – ou segundo o espírito – *cidade de Deus*.

SINÉSIO DE CIRENA

Nasceu por volta do ano 370 e faleceu em 413.

É um neoplatónico que afirma ser Deus a unidade da unidade.

Não admite nem a ressurreição da carne, nem o fim do mundo.

NEMÉSIO

Foi bispo de Emessa, na Fenícia.

Pelo corpo o homem pertence ao mundo sensível; pelo espírito ao dos anjos.

O primeiro homem foi criado por Deus com a capacidade de escolher entre a imortalidade e a impermanência. Com a transgressão das Suas leis, tornou-se mortal, mas pode tornar-se imortal, desde que retorne à divindade.

A alma é incorpórea, está em todo o corpo, vivificando-o. Tem liberdade de escolha atenta a sua racionalidade, e não é gerada com o corpo, nem no corpo.

ENEIAS

Tornou-se célebre por via da sua obra “Teofrasto” – *que trata da imortalidade da alma e da ressurreição do corpo.*

As almas são geradas por Deus no momento em que estas são unidas ao corpo – *Deus cria-as quotidianamente.*

ZACARIAS

Bispo de Mitilene e irmão de Eneias, combateu a doutrina que afirmava a eternidade do mundo, estribando-se fundamentalmente em argumento de negação da sua necessidade.

Se Deus criou o mundo por força da sua vontade, não é o mesmo, algo que deriva necessariamente da sua natureza divina. Por outro lado, se foi criado, é posterior ao Criador.

MÁXIMO CONFESSOR

Nasceu no ano de 580 em Constantinopla e faleceu em 622.

Deus é a causa da criação e pode ser reconhecido nas coisas criadas. Mas, estas, revelam apenas alguns dos seus atributos e não o seu ser em si.

Não temos acesso ao conhecimento de Deus com as nossas capacidades intelectivas.

JOÃO DAMASCENO

Considera a subordinação da filosofia à teologia.

A essência de Deus é incompreensível. Apenas a sua existência pode ser demonstrada pela razão.

A alma é imortal em virtude de ser uma substância espiritual.

A criação é mudável – *por vir do nada para o ser* –, pressupondo um criador incriado e imutável.

A harmonia do mundo pressupõe um ente que a mantenha.

BOÉCIO

Nasceu em 480, em Roma. Faleceu em 524.

Patrício, foi conselheiro de Teodorico.

Podemos considerá-lo o último dos filósofos antigos e o primeiro dos medievais.

Traduziu inúmeras obras dos filósofos antigos, directamente do grego – *nomeadamente de Aristóteles* – e escreveu tratados sobre lógica, matemática, música e astronomia. No entanto, a sua obra principal, *Da Consolação da Filosofia*, escrita na prisão, num período em que foi torturado – *foi preso, submetido à tortura e executado por ordem de Teodoro, enquanto seu ministro, por suspeita de traição* –, é a mais conhecida e afamada. Nela questiona a sua própria fé em Cristo, ao constatar a existência de um Deus que permite o sofrimento atroz dos que abraçam o bem, e em impensável contrapartida, a alegria e prosperidade dos iníquos. Debruça-se também sobre o livre-arbítrio e sobre o problema do mal. Nela, dialoga com a filosofia – *que apresenta sob a forma de uma esplendorosa mulher* – lamentando-se da sua sorte. No entanto, acaba por admitir que a felicidade é o bem soberano guiado pela razão, de nada valendo as honrarias e os bens materiais. O soberano bem reside no soberano Deus, que aparentemente concede benefícios aos maus, descurando e maltratando os virtuosos.

Deus é para Boécio um ser pessoal. É o Ser em si. A substância divina é forma sem matéria. Deste modo, é unidade. É o bem supremo, que em si encerra todos os outros bens. É eterno – *aqui entendido como fora do tempo* – e o mundo sempiterno – *apesar de não ter tido princípio nem ter fim, vive no seio do tempo*.

A felicidade consiste em Deus, origem de todas as coisas, já que nada é em todos os sentidos mais excelente do que ele.

A ESCOLÁSTICA

A Escolástica é a filosofia cristã da Idade Média. Não é propriamente investigação no sentido da filosofia grega, fundamentando-se essencialmente na tradição religiosa.

JOÃO ESCOTO ERÍGENA

João Escoto surge-nos a meio do século IX, em época excepcionalmente obscura. Deve ter nascido por volta do ano 800 na Irlanda, donde provém o cognome de Erígena. Faleceu em 877. Neoplatónico, helenista, pelagiano e panteísta.

Razão e revelação são ambas fontes de verdade, mas deve preferir-se a primeira à segunda.

A sua investigação filosófica, estruturada numa vasta erudição, atenta a pobreza especulativa da época, tem como pressuposto o acordo entre a razão e a fé. Na sua perspectiva, o filósofo deve conformar-se com a razão que busca a verdade, sem que esteja oprimida por qualquer tradição vinculativa. Esta liberdade, que por associação de ideias nos faz remontar à filosofia grega, não implica necessariamente a negação ou afastamento da religião, já que esta, mais do que tradição e autoridade, é também investigação – *daí a conexão entre filosofia e religião*.

Tal como em Santo Agostinho, a fé o local de aterragem, o ponto de chegada, não o de partida.

Divide a natureza em quatro partes:

- a primeira cria e não é criada, cria e é incriada, é a primeira causa. É Deus, o alfa e o ómega, o princípio, o meio e o fim;
- a segunda é criada, mas também cria. Cria e é criado. São as ideias subsistentes em Deus. O próprio Verbo divino, o Logos através do qual tudo foi criado;
- a terceira é criada e não cria. É o mundo. O conjunto de todas as coisas distribuídas pela acção do Espírito Santo;
- a quarta não cria, nem é criada, ou seja, Deus, aqui entendido como fim último da criação. Deus é singularmente visto, não como criador, mas fim e destino de tudo, de todas as coisas. Tudo o que emana de Deus procura retornar-lhe, o fim igualando assim o começo.

É em Deus que as coisas sensíveis têm o seu princípio, mas também é nele que têm o seu fim.

Deus é incognoscível, supera todo o entendimento. A nossa verdadeira sabedoria advém da ignorância que dele temos. Nenhum nome lhe é adequado, porque todos têm contrários, e em Deus não há contrários. Manifesta-se na criação – *teofania*. O mundo é Deus, mas Deus é muito mais do que o mundo, porquanto o criador está sempre para além do “objecto criado”. Está acima das coisas e em todas as coisas – *panteísmo*. É tudo em tudo, está no Cosmos por inteiro, nas suas várias partes, porque é o todo e a parte e não é nem o todo nem a parte.

Segundo as Sagradas Escrituras o mundo foi criado, e segundo a razão é eterno, por ter a sua subsistência no Verbo divino.

João, não é pessimista. O homem apesar de conter em si todas as criaturas, tem a compreensão do anjo e se não pecasse, seria perfeito tal como Deus o é.

Tal como Orígenes, considera que o castigo não é eterno e o próprio demónio pode ser salvo.

O homem é um conceito intelectual que foi eternamente criado na mente de Deus, tal como todos os outros entes e coisas restantes. Tem a liberdade de se ater aos preceitos divinos, pecando ou não, o que lhe trará o merecido prémio ou o eterno castigo.

A morte é a dissolução dos quatro elementos, seguindo-se a ressurreição, que é uma nova reunião destes elementos, onde cada um de nós voltará a ser corpo, e a posterior transformação deste em espírito. Por fim, a “natureza” humana acabará por se movimentar em Deus, do mesmo modo que o ar se move na luz.

ANSELMO DE AOSTA

Nasceu no ano de 1033, tendo sido elevado ao priorado em 1063. Faleceu quando procurava esclarecer a natureza e a origem da alma.

Das suas obras, mencionamos:

Monologion, que tem como objecto a essência divina. Contém as provas ontológicas da existência de Deus. Refere-se também à controversa questão da Trindade – *Deus é uno na sua natureza e triplo na sua pessoa*.

Proslogion – Santo Anselmo investiga a possibilidade de existir um único argumento, que por si só seja suficiente para garantir a existência de Deus, e concebe-o então, como aquilo de que se não pode pensar algo maior, ou seja, aquilo que é maior do que o maior que se possa pensar – *desta obra ressalta o que a partir de Kant é referido como argumento ontológico, e que foi retomado por S. Boaventura, Duns Escoto, Descartes e Leibniz e rejeitado por S. Tomás e Kant*.

Da Verdade – Diálogo em treze capítulos, trata da verdade, que é a rectidão da relação com Deus.

Da Liberdade de Escolha – Diálogo em 14 capítulos, demonstra que a liberdade é um poder – *a vontade que não tem o poder de pecar é mais livre do que aquela que o tem*.

É fundamentalmente conhecido pela prova ontológica da existência de Deus. Se Deus é o que de maior pode ser pensado, e se como tal esse objecto do pensamento não tem existência, outro como ele e que exista será maior. Assim o maior dos objectos do pensamento terá de existir, sob pena de ser possível a existência de um maior, ao que Deus existe.

A sua investigação é essencialmente religiosa, já que se entrega nas mãos de Deus para compreender. É pela fé que pretende atingir o conhecimento supremo. Pede a Deus que o ensine a procurá-lo e imploramente que se lhe mostre, já que o não pode procurar sem o seu ensino, nem encontrá-lo sem que se mostre. Crê para compreender.

Não procura entender para crer, mas crê para entender e tem a firme convicção de que se não acreditar primeiro, nada poderá compreender – *se não temos fé nada poderemos entender*. Por outro lado, a fé é uma exigência cuja validade deve ser demonstrada e validada pela razão.

Deus é um ser, acerca do qual, nada de maior ou de mais perfeito pode ser pensado. Está em todo o lado, para além do espaço e do tempo, vivendo um presente perfeito. Deus não é justo, mas é a própria justiça.

Criou o mundo do nada.

A Trindade é incompreensível. Usa a seguinte imagem para desvendar no possível, o seu mistério: Há uma fonte donde brotam águas, um rio que delas nasce e por fim um lago que as acolhe. A este conjunto, a estas três realidades, damos o nome de um rio, de Nilo. Apesar de serem realidades distintas, não lhes damos nomes diferentes. Há uma verdadeira trindade na unidade e uma unidade na diversidade.

No que toca à alma, Santo Anselmo segue Santo Agostinho. Ela é uma reprodução da Trindade, imortal, destinada a amar Deus. Tanto a justa quanto a injusta têm o atributo da imortalidade, mas os seus destinos são obviamente diversos, pois a primeira é premiada e a segunda eternamente punida.

ABELARDO

Nasceu em 1079, tendo falecido em 1142. Foi discípulo daquele que foi considerado por alguns investigadores o primeiro escolástico, de nome Roscelino – *da sua doutrina muito pouco se sabe, já que dos seus escritos resta-nos apenas uma carta a Abelardo sobre a Trindade.*

O livro mais famoso do filósofo é o *Sic et Non*. Escreveu uma obra de lógica, denominada *Dialéctica* e um interessante *Diálogo entre um Judeu, um Filósofo e um Cristão*. Este diálogo confronta três homens, cuja crença é num Deus único, mas com diferentes argumentos. O Judeu apoia-se no Antigo Testamento, o Filósofo no exercício da razão e o Cristão no Novo Testamento, que concilia fé e razão. Na sua perspectiva, Cristo, contém a verdade do judaísmo e a verdade filosófica, reconciliando-se assim, fé e razão.

Contrariamente a Santo Anselmo privilegia a razão e a dúvida. Para além das Escrituras, infalíveis, tudo é falível, duvidoso. Por ter impulsionado a investigação racional, alguns autores referenciam-no como

o fundador do método escolástico. No entanto, quando a razão não tiver meios para atingir a verdade, o homem deve respeitar a autoridade, conquanto afirmação que pareça verdadeira a todos os homens ou aos mais doutos de entre eles. Mas, a fé, se cega, é algo instável e suspeito. Para crer é necessário compreender.

Deus com todo o seu poder, apenas podia fazer o que fez e o mundo foi necessariamente crido.

A alma é uma essência simples, que tem em si a imagem da Trindade, incorpórea, mas princípio de vida.

GILBERTO DE LA PORRÉE

Pertenceu à escola de Chartres.

A fé é a percepção acompanhada de aprovação, da verdade de uma coisa.

Se por um lado, em sede de teologia, a fé ocupa um lugar de destaque precedendo a razão, já em sede de filosofia deve por esta ser precedida. No entanto, julga que fé e razão devem estar unidas na investigação filosófica. Pela fé é conferida autoridade à razão e esta confere assentimento àquela.

Deus é uma forma simples.

Corpo e alma constituem a unidade do homem. Com a morte, cessa a existência do homem enquanto corpo, mas não a da alma.

JOÃO DE SALISBÚRIA

Da escola de Chartres, nasceu cerca de 1115 e faleceu em 1180, depois de ter sido nomeado em 1176 bispo de Chartres.

A investigação filosófica está naturalmente limitada pelas múltiplas insuficiências do ser humano. Na imensa dificuldade em descortinar o que

é verdadeiro ou falso, devemos satisfazer-nos com a mera probabilidade, sendo o provável, o que com frequência acontece.

Esta dificuldade cognitiva faz com que não se possa demonstrar nem a existência nem a inexistência de Deus, não obstante João atribua um valor relevante à doutrina da causa primeira.

A alma é a vida do corpo e Deus a da alma. Se Deus abandonar a alma, esta perde a sua verdadeira vida.

BERNARDO DE CLARAVAL

Pertence à escola mística. Nasceu em 1091, perto de Dijon, foi abade do mosteiro de Claraval, morrendo em 1153.

Monge cisterciense, é encarregado no ano de 1115, de fundar a Abadia de Claraval, a qual foi detentora de grande êxito. Fez com que a Ordem dos Templários fosse reconhecida no ano de 1128, tomou partido por Inocência II contra Anacleto, e conseguiu que as teses de Abelardo fossem condenadas.

Para S. Bernardo, a razão tem um valor reduzido, tal como o próprio homem, que se deve reconhecer como nada. Este deve optar pela vida ascética e pela prática mística.

O ser humano deseja conhecer, mas o conhecimento não é mais do que fútil curiosidade e as filosofias com as suas inglórias discussões, uma espécie de loquacidade repleta de vento.

S. Bernardo quer conhecer Jesus e a sua crucificação.

O último grau da contemplação mística é o da união da alma com Deus, quando este se digna descer sobre ela – *êxtase* –, o que ocorre quando o corpo é totalmente esquecido.

HUGO DE S. VICTOR

Pertence à escola mística. Nasceu na Saxónia em 1096. No ano de 1115 foi para o convento de S. Victor, onde exerceu funções de docência. Faleceu em 1141.

Se S. Bernardo preferia o caminho do misticismo ao da investigação filosófica e considerava o conhecimento como torpe curiosidade, Hugo fundiu as duas vias e exaltou o conhecimento: nada há que não mereça ser conhecido, porquanto nada é supérfluo.

Deus que está oculto no coração do homem pode ser conhecido pela razão – *em si ou nas coisas exteriores* – e pela revelação – *pela iluminação interior e pela doutrina confirmada por milagres*.

A demonstração da existência de Deus, parte do próprio homem – *que reconhece a sua imperfeição e a impossibilidade de ser o seu próprio criador* – e da existência das coisas do mundo – *tudo o que é impermanente deve ter um criador*.

Deus é causa sem ser efeito. Criou em primeiro lugar a matéria informe. A matéria é efeito sem ser causa. A criação não é um acto necessário, mas uma pura manifestação da sua bondade. Criou o homem para o servir e o mundo para servir o homem.

Deus criou o mundo segundo si, porquanto não necessitou de qualquer auxílio exterior, e por causa de si, em virtude de não existir outra causa interveniente na criação. As coisas criadas têm existência eterna na mente divina.

Poderia criar um mundo mais perfeito do que aquele que criou, já que só não pode realizar o impossível e não poder realizar o impossível, não é em caso algum um não poder. Não quis que o mundo fosse eterno.

Deus não é o criador do mal, mas permite-o, de modo a que pela sua natural oposição ao bem, este seja exaltado.

O caminho do misticismo tem três estádios: pensamento, meditação e contemplação. Por efeito desta última atinge-se a visão de Deus, sobe-se até Deus.

RICARDO DE S. VICTOR

Para além de S. Bernardo e de Hugo de S. Victor, Ricardo é outro dos grandes místicos desta época.

Sucedeu a Hugo e faleceu no ano de 1173.

O conhecimento do homem atém-se à experiência no conhecimento das coisas sensíveis, e à razão e à fé nas divinas.

No homem existem duas substâncias, a alma e o corpo, enquanto que em Deus deparamo-nos com uma única substância e três pessoas.

A via mística tem o seu início no conhecimento da alma. Depois deste, pode o homem ascender a Deus, numa contemplação suprema. Aí, o homem deixa de ser homem, num verdadeiro êxtase de abandono de si mesmo, momento em que a razão “se cala”. Por esta via são ultrapassados os limites impostos ao homem pela sua própria natureza.

PEDRO LOMBARDO

Nasceu em Lumello, perto de Novara. Foi bispo de Paris (1140) e terá falecido em 1160.

É célebre por via das suas *Sentenças*. Constituídas por quatro livros, foram durante a Idade Média – *até à sua substituição pela Suma Teológica de S. Tomás de Aquino* – obra obrigatória de estudo, que teve inúmeros comentários, alguns, de filósofos famosos – *v.g. do próprio S. Tomás*.

Entre outros, trata da criação, do mistério da Trindade, dos sacramentos.

O homem conhece Deus a partir da Sua criação.

O que é impermanente tem de ter a sua causa no que é permanente.

Deus é onipotente, podendo assim ter criado um mundo melhor do que o criado.

A alma é colocada directamente por Deus no ser humano.

S. BOAVENTURA

Da ordem franciscana, nasceu em 1221 e faleceu em 1274. Foi um místico. Foi influenciado por Santo Anselmo, tendo feito “renascer” o argumento ontológico demonstrativo da existência de Deus.

Num regresso a Santo Agostinho, não tem por Aristóteles a admiração de muitos outros filósofos desta época, que o consideravam o filósofo por excelência ou o detentor da verdade possível.

Para S. Boaventura, a fé é superior à ciência. Pela fé atinge-se a verdade, enquanto que a ciência se limita a aniquilar a dúvida.

A alma que se conhece a si mesma, conhece Deus, sem que haja auxílio ou intervenção dos sentidos.

Deus é a origem de tudo, realizando a criação a partir do nada.

O mundo foi criado e como tal não é eterno – *não pode ser eterno o que é, depois de não ter sido.*

Se o mundo fosse eterno, as almas humanas seriam infinitas, o que repugna à razão.

A alma, criação de Deus, entidade que anima o corpo – *doutrina platónica* –, é substância espiritual distinta deste, e como tal não está sujeita à corrupção e é imortal, tendo por fim último alcançar a beatitude no seio do Ser supremo.

O êxtase é a união do homem com o seu criador, estado em que participa da sua essência.

ALBERTO MAGNO

Nasceu na Suábia em finais do século XII. Ingressou nos dominicanos e ensinou em vários conventos. Foi mestre de teologia em Paris, onde teve como aluno S. Tomás de Aquino. Faleceu em 15 de Novembro de 1280.

Considera a obra de Aristóteles, a obra mais perfeita que a razão pode conceber.

A sua Suma de Teologia foi obra que ficou inacabada. Nela, intentou conciliar o aristotelismo com as concepções de Santo Agostinho, buscando uma relação de equilíbrio entre a revelação e a razão, na investigação da alma.

Procedeu a uma rigorosa separação entre filosofia e teologia, já que muitos, na sua opinião, pensando seguir um caminho, seguiam inadvertidamente o outro.

Deus revela-se aos filósofos através de uma iluminação com natureza geral – *acessível a todos os homens* –, e aos teólogos por uma iluminação superior, o que os faz intuir com precisão as coisas divinas.

Deus é eterno, livre para criar, precedendo o mundo, que deste modo não é eterno. A eternidade é a medida de Deus, enquanto o tempo é medida do mundo, criado que foi a partir do nada.

O homem, corpóreo – *da mesma forma que corpóreas são todas as coisas sublunares* –, difere dos outros seres pela existência da alma, entidade espiritual que não é atingida pela morte corporal.

S. TOMÁS DE AQUINO

Nasceu em Roccasecca em 1225. Ingressou na ordem dos dominicanos, tal como Alberto Magno, de quem foi aluno. Faleceu em 1274. É indubitavelmente o maior dos filósofos escolásticos.

S. Tomás foi desde sempre um filósofo que recebeu os maiores méritos e reconhecimentos da Igreja. Foi canonizado pelo papa João XXII no ano de 1323. Durante as sessões do Concílio de Trento, a sua fama de teólogo universal fez com que a *Suma Teológica* fosse colocada no altar, lado a lado com a Bíblia. S. Pio V proclamou-o em 1567 Doutor da Igreja, e as suas obras eram as aprovadas por praticamente todas as universidades teológicas – *católicas*. Em 1879, o papa Leão XIII, na encíclica *Aeterni Patris*, exaltou os méritos do teólogo, propondo-o como inspirador da teologia a ensinar em todas e quaisquer instituições do mundo católico, considerando-se o seu sistema como o único verdadeiro. Esta proposta foi recolhida pelo Código de Direito Canónico de 1918, e no Concílio Vaticano II, bem como no Código de 1983. Estranha atitude de consagração de uma obra, que o próprio autor desprezou – *vide infra*.

De S. Tomás mencionamos as seguintes obras:

O Ser e a Essência – Tem como objectivo definir o que é o “Ser” e o que é a “Essência”.

O “ser” cobre coisas ou mesmo palavras, que podem ou não ter realidade, enquanto que a “essência” aponta elementos reais, elementos que têm existência.

Em Deus, que é forma pura, identificam-se essência e existência.

Comentário Sobre As Sentenças De Pedro Lombardo – As Sentenças são uma obra de referência nas Universidades do século XIII. Os comentários de S. Tomás, são um dos muitos que foram produzidos, analisando os temas religiosos mais importantes, como a Criação, a Providência e a Trindade.

Suma Contra Os Gentios – O seu tema principal é a essência de Deus e o conhecimento que o homem dela tem.

S. Tomás, questiona-se quanto ao facto de um ser limitado, mortal, poder ter uma rigorosa concepção de um Ser imortal e perfeito.

A existência de Deus é demonstrada pela razão, enquanto que os dogmas – v.g. *Trindade* – não podendo sê-lo, são aceites por um acto de fé.

Comentários Sobre Aristóteles – Obra que procura explicitar com precisão a doutrina aristotélica.

Há quem afirme que a sua abordagem à doutrina de Aristóteles é a mais perfeita possível.

Suma Teológica – É talvez a obra mais importante do filósofo.

A primeira parte trata de Deus, da sua essência, das provas possíveis da sua existência. Trata ainda dos mistérios da Trindade e da Criação.

Na segunda, ocupa-se do movimento ascendente dos homens na busca de Deus.

A terceira parte, dedicada a Cristo, ficou inacabada. Cristo é o Salvador, aquele que nos transporta até Deus Pai.

A Unidade Do Intelecto – Refuta algumas interpretações do Tratado da Alma, de Aristóteles, afirmando a identidade do intelecto e da alma, que sobrevivem ao corpo.

Se Santo Agostinho cristianizou as ideias de Platão, S. Tomás fê-lo com as de Aristóteles.

São Tomás deu continuidade ao trabalho de Alberto Magno, e tal como este, considera que Aristóteles estendeu a sua especulação até aos limites da razão. Para além destes, principia o domínio da fé. A razão tem limitações que só a fé pode suprir, mas mesmo assim, esta é assistida por aquela, nomeadamente para demonstrar a existência de Deus.

A razão natural pode demonstrar a existência de Deus e a imortalidade da alma. Mas, está limitada quanto à demonstração da Trindade, da encarnação e do Juízo Final.

O acto de fé é um pensar com anuência sobre coisas que se não vêem, ou seja, que não são objecto dos sentidos ou da experiência.

Deus é a sua mesma essência, já que se assim não fosse, não seria um ente simples, mas composto – *de essência e de existência*. Assim, essência e existência são similares no Ser supremo.

A natureza de Deus dá-se-nos a conhecer através do que não é. Tudo compreende de modo instantâneo e nele há prazer, alegria e amor. Deus conhece-se a si próprio e a todas as coisas através da sua essência.

As provas da existência de Deus em S. Tomás:

- 1ª - Prova cosmológica – O movimento é uma realidade. Para que este movimento exista é necessário que algo tenha produzido a sua existência, e assim sucessivamente, até que se atinja um primeiro movimento. Se tudo o que se move é movido por outrem, não podemos continuar até ao infinito na busca do primeiro movimento, não havendo assim um primeiro motor, que não é movido seja por quem for. O primeiro motor terá de ser Deus;
- 2ª - Prova causal – Cada coisa tem uma causa. Remontando de causa em causa, acabaremos por encontrar uma causa que seja a original. Em sede de causas eficientes não podemos continuar até ao infinito, já que desse modo inexistiria uma primeira causa. Não existindo uma primeira causa, não existirão causas intermédias e finais. A razão induz-nos a crer que existe uma causa primeira e que essa causa é Deus;
- 3ª - Prova das coisas possíveis e das necessárias – Neste mundo constatamos que as coisas são mudáveis e dependem de outras na sua existência. As coisas possíveis existem como consequência das coisas necessárias. As necessárias têm a causa dessa necessidade em si mesmas ou em qualquer outra. Estas últimas, remetendo para outra, e assim sucessivamente, poderiam levar-nos até ao infinito, o que também repugna à razão. Necessitamos de encontrar algo nessa cadeia, que seja necessário por si. Esse Ser necessário por si, é Deus;
- 4ª - Prova dos graus – Há um grau evidente de perfeição nas coisas. Ora, a absolutamente perfeita só poderá ser Deus, donde todas as outras derivam;

- 5ª - Prova do ordenamento das coisas – Constatamos a existência de uma ordem no Universo. Essa ordem deve depender de uma Inteligência Suprema. As coisas privadas de inteligência têm uma finalidade, uma ordem, pressupondo um Ser inteligente que as governa. Esse ser é Deus.

Para S. Tomás, os dogmas mais importantes do cristianismo – *v.g. a criação, a Trindade, a encarnação, a ressurreição* – são artigos de fé, indemonstráveis pela via filosófica.

Só Deus tem a capacidade de realizar milagres.

O homem é composto de substância corporal e de substância espiritual, sendo esta por via da sua subsistência, incorruptível.

A alma, forma pura, é imortal; unida ao corpo, tem a sua forma e está presente em todas as suas partes. Nela persiste a individualidade.

Não se transmite através da procriação, mas é criada para cada homem que nasce. Em S. Tomás surge-nos a mesma questão que perturbou Santo Agostinho – *que S. Tomás deixou por resolver*. Se quem peca é a alma e não sendo ela transmitida, mas criada, como poderei eu ter herdado o pecado original?

Quando da ressurreição, as almas retomarão a matéria do corpo.

O pecado é a deficiência da acção, a escolha deliberada do mal, a violação da lei divina. A infracção desta, acompanhada da ausência de fé, da esperança e da caridade – *virtudes teológicas* – impedem a alma de atingir a beatitude eterna.

Ninguém ascenderá ao Paraíso se não for baptizado. Atente-se que os sacramentos são válidos, mesmo que ministrados por quem incorra ou tenha incorrido no maior dos pecados.

Tal como Bertrand Russel, não consigo acompanhar o argumento que afirma ser a oração útil, embora a Providência seja imutável.

No dia 6 de Dezembro de 1273 – *feira de São Nicolau de Bari* –, três meses antes da sua morte, enquanto celebrava missa no convento de Nápoles, S. Tomás experimentou uma espécie de êxtase, após o qual abandonou a escrita da sua obra mais conhecida, a *Suma Teológica*, obra que estava a terminar. A partir daí, não escreveu mais uma única linha. Questionado pelos monges de tão estranha atitude, respondeu: “Já não posso mais, porque tudo o que escrevi me parece palha”.

Segundo Russel, S. Tomás antes de começar a filosofar já sabe a verdade, porquanto declarada nos dogmas de fé. Não concorda que possa ou deva ser considerado um dos mais excelentes filósofos como tem sido defendido por um grande número de investigadores.

ROGÉRIO BACON

A Bacon chamaram o “Doctor mirabilis”. Frade franciscano, teólogo, alquimista e místico, pode ser considerado um precursor da ciência moderna, não obstante tenha vivido no século XIII. Tinha a paixão das ciências. Julgou a lógica inútil e considerou ser a matemática a única fonte de certeza não revelada.

A obra *Opus Tertium* dá continuidade à *Opus Majus* e à *Opus Minus*, incidindo sobre as ciências naturais e a ética.

Será interessante anotar que Bacon preconiza a aplicação dos resultados obtidos pelo experimentalismo às Sagradas Escrituras.

Julga que é pela experiência que o conhecimento pode atingir o possível. E esta, tanto pode incidir sobre as coisas externas, como ser de natureza interna. A primeira estrutura-se nos sentidos, enquanto que a segunda deriva da iluminação divina, derivando respectivamente de uma e de outra, a verdade natural e a sobrenatural.

A sua investigação – *tendo em vista a experiência externa* – incidiu sobre a astronomia, a matemática, a história natural, a óptica e a gramática.

A investigação interna corresponde à via do misticismo, que engloba sete graus:

- o da iluminação científica;
- o das virtudes;
- o dos dons do Espírito Santo;
- o das bem-aventuranças;
- o dos sentidos espirituais;
- o da paz de Deus; e
- o do êxtase.

JOÃO DUNS ESCOTO

Duns Escoto nasceu em 1266. Entrou para a ordem dos franciscanos no ano de 1281 e foi ordenado em 1291. Faleceu em 1308.

Foi um filósofo que exerceu considerável influência nos séculos seguintes.

Escreveu pouco, e as suas doutrinas estão expendidas fundamentalmente nos comentários que fez às sentenças de Pedro Lombardo.

Opus Oxoniense é uma compilação das suas lições proferidas em Oxford, que contém o seu comentário à *Sentenças* de Pedro Lombardo.

O *Tratado do Primeiro Princípio*, foi escrito por Escoto no final da sua vida, e contém a síntese da sua doutrina.

Nele procura demonstrar a existência de Deus como primeiro princípio, enunciar as suas qualidades, e determinar a sua infinitude, para além de insistir na absoluta liberdade do Ser supremo.

Contestou S. Tomás, sustentando que a teologia e a filosofia são disciplinas diversas, apenas necessitando aquela, dos instrumentos desta.

A percepção dá-nos um conhecimento imediato e directo dos indivíduos, sendo neste particular desnecessária a revelação divina. Cada indivíduo e coisa têm em si uma essência única, que faz com que sejam precisamente esse indivíduo ou coisa e não outra.

O conhecimento pode ser obtido pela razão natural, e pede a Deus que lhe conceda tal dom.

Fé e ciência são antagónicas: a visão que se segue ao crer não é uma visão especulativa, mas prática.

Da fé fazem parte um conjunto de proposições que não nos é permitido demonstrar, nomeadamente a natureza e atributos de Deus, bem como a imortalidade da alma. Em bom rigor, sem a luz de Deus nada pode ser conhecido.

Sustentava a doutrina do livre arbítrio.

Defendeu a doutrina da Imaculada Conceição, tornada dogma da Igreja Católica no ano de 1854, o que lhe valeu o cognome de “Doutor Mariano”.

GUILHERME DE OCCAM

Occam, também denominado “Doctor invencibilis”, nasceu cerca de 1290 e faleceu em 1348, sendo o último dos grandes pensadores da escolástica. Como franciscano, combateu a opulência do papado de Avinhão.

Na obra *Brevilóquio sobre o Poder do Papa*, faz uma clara distinção entre o poder temporal e o espiritual, contestando a doutrina segundo a qual o papa seria detentor de um poder absoluto, transmitido directamente por Cristo.

Na *Suma de Toda a Lógica*, apresenta-nos a divisão entre o conhecimento racional e a fé. As verdades divinas deixam de ser objecto do conhecimento racional.

Escreveu ainda um *Comentário sobre as Sentenças de Pedro Lombardo*.

Nele, não há “casamento” possível entre a investigação filosófica e a verdade revelada. Sendo impossível investigar pela razão a verdade revelada, Occam anuncia o fim da escolástica. Isto não quer dizer, que tenha sido completamente destruída, feita tábua rasa, mas que se limitou apenas a influenciar com alguns dos seus conceitos os filósofos da modernidade, que nunca conseguiram libertar-se integralmente dos seus condicionamentos.

Tal como para Bacon, a experiência é a base de todo o conhecimento.

A fé não pode ser demonstrada, já que não temos qualquer conhecimento de Deus, assim como as provas da existência deste não têm qualquer valor – *só se conhece a essência do que se conhece a existência (e não temos o conhecimento intuitivo de Deus), e como não se conhece a sua existência, está-nos vedado o conhecimento da sua essência.*

Não estando demonstrada a existência de deus, não estão demonstrados quer os seus atributos, quer a sua imutabilidade.

A Trindade é um paradoxo. Uma única essência e três pessoas, é algo inconcebível para a razão natural.

Para Occam as Formas platónicas e os Universais aristotélicos, eram uma verdadeira aberração ou tolice, atenta a sua complexidade.

Põe em causa a física aristotélica da diversidade da natureza dos corpos celestes e dos sublunares. Depois de Occam, foi Nicolau de Cusa quem questionou a validade da doutrina aristotélica.

Deus pode realizar o que lhe aprouver. Daí, nada o impede de criar todos os mundos que bem entender, o que implica a possibilidade razoável de existência do infinito. Admite, pois, a pluralidade de mundos e do infinito. Considera provável a eternidade do mundo, mesmo tendo consciência de que esta implica a sua necessidade e exclui a criação.

Não é apenas pela fé que os homens se podem salvar, mas também pelo exercício de uma recta razão.

O pecado é a desconformidade da vontade e da acção do homem, relativamente às leis divinas.

A vida eterna consiste na presença e no gozo de Deus.

A Igreja é a livre comunidade de fiéis, e nem o papa nem o concílio têm a capacidade natural para estabelecer verdades de fé absolutamente indiscutíveis, podendo quer um quer o outro decair em heresia, que já não ocorrem no seio daquela comunidade.

Grosso modo, o famoso argumento conhecido como “navalha de Occam”, é a doutrina segundo a qual, quando nos deparamos com um determinado problema, e após minuciosa e diligente investigação, será a sua mais simples explicação, a verdadeira.

JOÃO DE MIRECOURT

Para João, é Deus a causa directa do pecado. O homem peca voluntariamente com o Seu assentimento.

A alma pode salvar-se, mesmo que o ser humano não tenha enveredado por uma vida caritativa, e a tenha inclusivamente pautado por sentimentos negativos e pecaminosos, tal como o ódio.

JOÃO BURIDAN

Foi Reitor da Universidade de Paris.

Afrontou a física aristotélica – v.g. *movimento dos projecteis, teoria do impetus* –, chegando a afirmar que o movimento dos astros poderia ser causa de um ímpeto provocado por Deus; esse movimento não cessaria ou diminuiria como consequência de forças opostas.

A figura de Buridan está intimamente conexcionada ao exemplo do burro, que colocado entre dois fardos de feno, não se decide, quer por um quer pelo outro, acabando por morrer de fome.

NICOLAU DE ORESME

Bispo de Lisieux, faleceu em 1382.

Na obra *Tratado do Céu e do Mundo* expôs a sua doutrina cosmológica. Foi indubitavelmente um dos percursores de Nicolau Copérnico ao negar a existência do centro fixo do Universo.

Julga que não se pode afirmar o movimento diurno dos céus em detrimento do da Terra, mas antes pelo contrário.

MESTRE ECKHART

Nascido em 1260 é o fundador da mística alemã – *investigação da possibilidade de ascese do homem em direcção a Deus*.

Dominicano, tentou justificar a fé em si mesma, por contraposição aos últimos escolásticos.

O Livro da Consolação Divina é a obra principal e mais conhecida do Mestre, que instiga o homem no intuito de o libertar de todo o sofrimento e a voltar-se única e exclusivamente para Deus, lembrando-nos Santa Teresa de Ávila:

Nada te inquiete,
nada te assuste;
pois tudo passa,
Deus nunca muda.
A paciência alcança tudo.
Quem Deus possui
nada lhe falta.
Só Deus nos basta.

Deus é o Ser, o inominável, que nasce no homem pela fé, tornando-se este por tal via, seu filho. A visão de Deus é atingida quando nos vemos a nós próprios e a todas as coisas como nada, quando morremos para nós e para o mundo. Dessa “negação”, nasce Deus no ser humano.

O mundo é eterno e foi criado por Deus, ao mesmo tempo que o Verbo.

Existe uma identidade indiscritível entre o homem que atinge a santidade e Deus.

As criaturas são um puro nada, porque não têm ser, já que este depende da presença do divino nelas.

O RENASCIMENTO

DANTE ALIGHIERI

Dante anuncia o Renascimento, não obstante possamos configurar ainda a sua ligação à Idade Média.

A *Divina Comédia* é indubitavelmente uma obra de referência. Obra dividida em três partes, Inferno, Purgatório e Paraíso. A primeira é a que maior celebridade atingiu. A *Divina Comédia* constitui-se quase como uma enciclopédia, sintetizando num estilo excelente os conhecimentos da época.

Entende que a Igreja necessita de profunda remodelação, com o regresso à doutrinação de S. Domingos e de S. Francisco de Assis.

PETRARCA

Petrarca nasceu no ano de 1304 e faleceu em 1374, dando voz ao humanismo renascentista.

A obra *De Contemptu Mundi*, é um diálogo entre Petrarca e Santo Agostinho. Para este, num verdadeiro processo de autoconhecimento, inexistente problema que não seja o seu próprio problema e além do mais, doutrina que não decorra de uma inquietação pessoal. O problema Agostinho, nesta perspectiva, é também o problema Petrarca.

Também seu, é o processo autobiográfico de Agostinho – *foi sobremaneira influenciado pelas Confissões*.

Afirma-se dividido pelas coisas do mundo e pelas da alma ou divinas. Desta inquietude nasceu algum pessimismo.

COLUCCIO SALUTATI

Coluccio nasceu no ano de 1331 e faleceu em 1406.

Caso o homem se dedique única e exclusivamente à contemplação de Deus, deixará de ser verdadeiramente um homem, mais se parecendo com um ser inanimado, porquanto viverá ausente de compaixão. A vida activa, é assim, melhor opção do que a contemplativa.

A morte é uma mal natural, de nada valendo as consolações dos filósofos a tal respeito. E é um mal para quem morre, bem como para o círculo de familiares e amigos do falecido.

Não há mal maior do que aquele que conduz à perda do ser.

Se a alma sobreviver à morte, fica destruída a unidade do homem – *corpo e alma* –; tal facto, fazendo com que esta desapareça na sua integralidade, é um mal maior, agravado pela circunstância de impotência perante tal contingência.

O único remédio para a inevitabilidade da morte é a fé, que nos é concedida por Deus, e nos auxilia a enfrentá-la com a serenidade possível.

LEONARDO BRUNI

Discípulo de Salutati, nasceu em 1374 e faleceu em 1444.

Julga que os filósofos da antiguidade mais não ensinaram que os filósofos da cristandade. Chegou mesmo, a identificar a doutrinação de Paulo – *apóstolo por vocação* – com a de Platão.

NICOLAU DE CUSA

Nicolau Krebs nasceu em Cusa no ano de 1401. É uma das mais importantes personalidades filosóficas do século XIV, renovador do pensamento platónico na época do Renascimento.

Doutor da Universidade de Pádua em 1424, participa no Concílio de Basileia em 1431. Representou o papa no Oriente em 1437 e na Alemanha de 1438 a 1448. Cardeal, acabou por residir em Roma.

A Doute Ignorância é o resultado de uma visão reveladora de cariz teológico, que Nicolau teve numa noite do mês de Novembro do ano de 1437.

Deus não tem atributo e escapa a tudo com que o queiramos relacionar. Assim, pela negação, resta-nos a ignorância consciente, que pela pacificação da mente permitirá a nossa ascensão e união mística à divindade.

Reconhece a sua ignorância, chamando-lhe “doute ignorância”, única atitude possível perante Deus.

Deus é o Ser, a perfeição das perfeições, algo cuja grandeza não poderá nunca ser ultrapassada. Deus é o infinito. O que é finito não pode aceder ao infinito. Quando sei que não conheço Deus, quando sei que não sei quem é Deus, estou em contacto com o fundamento do meu conhecimento.

Deus é a essência do mundo e está nele, na sua unidade, mas não nas coisas.

Será possível encontrar Deus? Nicolau responde: “Sê teu e serei teu”. O homem deve reconhecer a absoluta transcendência do divino, a sua infinitude, bem como a sua própria finitude e ignorância, aceitando quer uma quer a outra.

Não entende, como Aristóteles, a perfeição da substância celeste e a imperfeição do mundo sublunar. Antes, tal como Occam, admite que nenhuma parte do mundo é absolutamente perfeita, já que esta perfeição apenas a Deus pertence.

O mundo não tem centro, nem circunferência. Só Deus é tanto um quanto a outra, no sentido de que o Universo nele se recolhe. A Terra não é o centro do mundo e, como consequência de tal facto, movimenta-se de forma circular – *apesar do seu movimento não ser perfeitamente circular*.

LOURENÇO VALLA

Nasceu na cidade de Roma no ano de 1407 e faleceu na mesma cidade em 1457.

O homem deve encarar a religião com a liberdade possível, perseguindo Deus sem os obstáculos decorrentes das limitações impostas pelo comunitarismo excessivamente rígido e regulamentado da vida monacal.

Coloca o prazer acima de tudo; ele é a finalidade da vida, e a virtude a escolha do que nos é agradável. Nesta sede, podemos orientar-nos pelos prazeres materiais ou divinos, por estes optando o cristão, mesmo com o risco dos terrenos o não assistirem. Aí, o verdadeiro cristão, não se deve insurgir contra Deus, com o falacioso argumento de que os justos são bastas vezes muito mais infelizes do que os iníquos, mas antes, em função da sua renúncia aos bens do mundo, aceitar com humildade e espírito de sacrifício a sua condição.

FICINO

Ficino nasceu no ano de 1433. Foi acometido por grave doença, buscando na filosofia o alívio dos seus males. No entanto, curou-se depois de ter feito uma promessa à Virgem Maria. A partir daí, a sua filosofia passou a estar ao serviço da religião. Assim, procurou exaustivamente conciliar e promover a união da filosofia com a religião.

No ano de 1462 fundou em Florença uma academia onde se traduziam e comentavam os textos platónicos. Um dos seus mais prestigiados ouvintes é Lourenço de Médicis. Foi ordenado no ano de 1473.

Mencionamos duas obras:

Da Religião Cristã – Acredita numa religião natural, existindo um Deus universal, que é venerado por todos, seja qual for a sua crença.

Teologia Platónica – Ficino julga que a filosofia verdadeira é a de Platão e não a de Aristóteles. Com ligeiras mudanças, os platónicos seriam cristãos. Afirma a imortalidade da alma, sem separar filosofia e religião.

Entende com Nicolau de Cusa, que o homem deve ser apenas aquilo que é.

Na realidade, encontra cinco essências:

- o corpo;
- a qualidade;
- a alma;
- o anjo; e
- Deus.

Deus ama o mundo. O homem seria incapaz de amar Deus, se este o não amasse.

A alma, indestrutível, imortal, como essência mediana ou desce de Deus para o corpo ou ascende deste para Deus.

POMPONAZZI

Fundador da Escola dos Alexandristas, nasceu em Mântua no ano de 1462.

Ficou célebre o seu *Tratado da Imortalidade da Alma*. É uma obra polémica discutida durante dois séculos, já que punha em causa a imortalidade da alma, senão, numa visão cristã, ou seja, segundo a fé, ou pelo menos segundo a razão.

No seu entender, a alma humana não pode existir sem o corpo. A negação da sua imortalidade não conduz à abolição da vida moral – *por inexistirem prémio ou castigo na outra vida, em função do mérito ou demérito das acções humanas* –, porquanto quer a virtude quer o vício ou pecado têm o prémio ou castigo em si mesmos. Assim, não há virtude que não seja premiada, nem pecado que não sofra castigo.

Tem consciência de que muito poucos são os homens que agem como consequência de uma pura exigência moral, sem que tenham em mira um prémio de conduta. Por esse motivo, os fundadores das religiões criaram as ilusórias figuras do Céu ou Paraíso e do Inferno.

PICO DELA MIRÂNDOLA

João Pico pertencia à família dos condes de Mirândola, tendo nascido no ano de 1463. Estudou em diversas universidades italianas. Em 1484 instala-se em Florença. Frequentou com Lourenço de Médicis a academia de Ficino. Na sequência da publicação das suas teses, em 1493, é perseguido pela Cúria. Foge para Paris onde acaba por ser preso no ano de 1493. Ordenado terciário dominicano, em 1493, morre envenenado por um familiar no ano seguinte.

É de realçar a obra *Novecentas Conclusões*, cuja doutrina foi na quase totalidade declarada herética. As conclusões foram essencialmente extraídas dos pensadores que o antecederam, nomeadamente, gregos, latinos e árabes.

A sua especulação é dominada pelo interesse religioso. Considera que a teologia é a arma capaz de dar ao homem a paz santíssima, a paz celeste anunciada pelo cristianismo.

Pelo regresso a si mesmo, o ser humano obtém a beatitude terrena, enquanto que regressando a Deus, obterá a felicidade, a vida eterna e a paz suprema.

Condenou com veemência e com fortes argumentos a astrologia – *atente-se que, ao mesmo tempo que Aristóteles, no mesmo lugar, nasceram muitos outros homens, que não possuíam quer a sua capacidade quer a sua propensão para a investigação filosófica.*

ERASMO

Erasmus nasceu em Roterdão no ano de 1466. Em 1492 foi ordenado padre. Senhor de um espírito extraordinariamente livre, não aceitou durante toda a sua vida quaisquer cargos, nem apoiou Lutero quando a Reforma foi desencadeada – *mas também a não condenou.*

O Elogio da Loucura é a sua obra mais conhecida. Com ela, critica de modo algo divertido, as indulgências, a devoção exterior ou formal, sem correspondência real e interior. A Loucura, diz que Cristo prometeu a herança do Pai, não a frades, a rezas, à abstinência, mas aos que praticam a caridade e que desconhece os que se vangloriam das suas obras,

considerando-as tão meritórias que querem parecer mais santos do que ele mesmo.

A verdadeira religiosidade é a fé e a caridade. As suas críticas e condenações atingem não só a Igreja quanto o próprio papa. Afirma que das cerimónias nascem as dissensões e da caridade a paz.

Preconiza a renovação do cristianismo, mediante o regresso às suas fontes, à pureza do cristianismo primitivo.

A sua doutrina é a da Reforma. No entanto, no que respeita ao livre arbítrio, não se conformou com a tese de Lutero – *que afirmava estar a vontade humana intimamente dependente de Deus* – publicando como resposta o *De Libero Arbitrio*.

MAQUIAVEL

Maquiavel nasceu em 1469 e faleceu em 1527.

Autor do *Príncipe* e da *Arte da Guerra*, foi a primeira obra que mais o celebrizou. Escreveu ainda os *Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio*.

Preconiza em política o regresso às origens. O mesmo no que à religião respeita. Julga que religião cristã estaria votada ao seu completo desaparecimento caso não se tivesse operado o regresso às origens, quer pela doutrinação e exemplo de S. Francisco de Assis quer pela de S. Domingos – *fundadores das ordens mendicantes* –, que pela efectiva imitação de Cristo lhe imprimiram uma energia que se havia dissipado como nefasta consequência de maus costumes e vergonhosa opulência.

NICOLAU COPÉRNICO

Nasceu em 1473 e faleceu em 1543. Estudou nas Universidades de Cracóvia, Bolonha e Pádua, doutorando-se em direito canónico, em Ferrara.

Por volta de 1510 exerceu as profissões de cónego, médico e astrónomo.

Escreveu: *Reli todos os livros de filosofia que pude encontrar para saber se alguém, alguma vez, pensou na existência de movimentos das esferas do mundo diferentes do que pretendem aqueles que ensinam, nas escolas matemáticas.*

Encontrei (...) que Nicetas pensava que a terra era móvel, como também (...) Heraclides do Pontico e Ecfantes Pitagórico.

Não nos esqueçamos no entanto, de Aristarco de Samos, que mencionámos na introdução, custando-nos a acreditar que Copérnico desconhecesse as suas teses.

Até ao Renascimento, a doutrina e os ensinamentos da Igreja sobre o mundo natural baseavam-se na obra do filósofo grego Aristóteles, o que significava em astronomia considerar o cosmos como uma esfera fechada e delimitada, com a terra no centro. A pormenorização desta teoria, ficou a dever-se ao astrónomo egípcio Claudio Ptolomeu, que fez os possíveis e impossíveis para descrever os movimentos dos astros através de órbitas rigorosamente circulares, perspectiva que tinha sido bem aceite pela Igreja, porquanto coincidente com o conteúdo das Sagradas Escrituras.

Em 1530, convencido da superioridade do sistema heliocêntrico, escreveu o “Comentariolus” – *resumo das suas teorias* – que circulou entre os seus amigos.

Só dez anos mais tarde se decidiu a publicar a sua obra fundamental, *De revolutionibus orbium celestium* com prefácio de Osiander, que por sua conta e risco, face aos seus escrúpulos quanto à matéria bíblica avisou os leitores que o conteúdo da obra deveria ser interpretado como simples hipótese.

Consta que um exemplar impresso da obra chegou às mãos de Copérnico poucas horas antes da sua morte, no ano de 1543.

Demonstrou como todas as dificuldades que a cosmologia aristotélica encontrava na explicação do movimento aparente dos astros se resolviam facilmente admitindo que a terra gira em torno de si mesma, em vez de a considerar o centro imóvel dos movimentos celestes.

Reconheceu os movimentos da terra: diurno em torno do próprio eixo, e o anual em torno do Sol

THOMAS MORE

Nasceu na cidade de Londres em 1480 e foi condenado à morte por decapitação, tendo sido executado no ano de 1535.

A sua obra *Utopia*, foi publicada em 1516 e é uma incitação à reforma da ordem social vigente em Inglaterra. Foram Platão e Tácito, respectivamente com *A República* e com *A Germânia*, quem mais influenciou More.

O conhecimento obtido pela razão, deve ser completado pela religião, já que aquela é de todo insuficiente para conduzir o homem na direcção da felicidade.

Há um Deus que criou o Universo, e que por todos é reconhecido, e venerado segundo as crenças de cada um. Para além do cristianismo, qualquer outra fé é admitida de bom grado, apenas sendo condenável a intolerância religiosa – *cada homem pode crer no que bem entender, desde que não negue as doutrinas atinentes à imortalidade da alma e da providência divina.*

A alma é imortal e Deus destinou-a à eterna felicidade, como prémio do comportamento nesta vida – *está também sujeita ao castigo.*

FRANCISCO GUICIARDINI

Nasceu em 1482 e faleceu em 1540.

Na sua perspectiva é despicienda a excessiva preocupação de teólogos e filósofos com as coisas sobrenaturais. Estas não se vêem, são indemonstráveis, e sobre elas apenas se escrevem disparates que outra utilidade não têm para além de servir o lúgubre intento de cultivar o engenho, nada adiantando no caminho da verdade.

A sorte é a causa primordial dos acontecimentos e não a providência divina, que a existir, não nos é descortinável.

Os homens evitam pensar na morte, não obstante esta seja uma realidade que nos acompanha quotidianamente, de molde a que a vida não se transforme em algo insustentável.

LUTERO

Martinho Lutero nasceu no ano de 1483 e faleceu em 1546. É o mais acérrimo defensor da renovação ou reforma do cristianismo, mediante o regresso às suas fontes, à pureza do cristianismo primitivo.

Baseando-se nos Evangelhos, põe em causa as tradições da Igreja. Só o retorno à palavra de Cristo é válido, e assevera tal como S. Paulo que o justo viverá pela sua fé. Viver pela fé, implica negar a justificação desta pela razão, “que é a mais encarniçada e pestífera inimiga de Deus”.

Pela fé, o homem abandona-se integralmente à vontade divina, renunciando a toda a investigação. Compreende-se deste modo, que o único filósofo que não foi alvo dos seus violentos ataques tenha sido Guilherme de Occam – *que a exclui da investigação filosófica por irracionalidade* –, e que curiosamente denominou sofistas a todos, desde Aristóteles a S. Tomás de Aquino.

Reduziu os sacramentos a três, por apenas terem estes sido instituídos por Cristo: baptismo, penitência e eucaristia.

Com o *De Servo Arbitrio*, respondeu ao *De Libero Arbitrio* de Erasmo, defendendo o contra-senso de ser simultaneamente admitida a liberdade divina e a humana. Tudo o que acontece é porque Deus assim o quer, fruto da sua presciência e predeterminação. Quer o bem quer o mal, a salvação e a condenação, têm a sua origem em Deus. É pois, Deus, onnipotente e onnisciente que tudo ordena, tudo sendo produzido pela sua vontade, o que não deixa obviamente campo de acção ao livre arbítrio.

CALVINO

João Calvino nasceu em 1509 e faleceu em 1564.

Com a obra *Instituição da Religião Cristã*, prática e pedagógica, tem a firme intenção de preparar os fiéis.

Entre outros, dedica-se ao estudo de Deus, do homem, do Decálogo, do Credo, Padre-Nosso, fé, e penitência.

Considera que o livre arbítrio deve ser auxiliado pela graça divina.

Cada um deve carregar a sua cruz, conformando-se com a vocação que Deus lhe transmitiu.

Reformador, entende o retorno às fontes, como dirigido ao Antigo Testamento. Aliás, é de todo impossível compreender o Novo, em especial os Evangelhos, sem que se recorra ao Antigo Testamento.

O homem nada é no confronto com Deus, que é onipotência e insondabilidade.

Deus decidiu desde sempre que homens haveria de destinar à salvação e os que destinaria à perdição, o que se fica a dever a um juízo imperscrutável e incompreensível, apesar de justo – *predestinação – doutrina dos eleitos ou dos santos-vivos*.

JOÃO BODIN

Bodin nasceu em 1530, tendo sido jurista em Paris.

Defende que a monarquia é o melhor dos governos, já que o rei cultiva a piedade, a justiça e a fé, contrariamente ao tirano, que não conhece Deus, fé ou lei.

Tal como Thomas More elogia a tolerância religiosa.

MONTAIGNE

Montaigne nasceu no ano de 1533, em França, tendo falecido em 1592.

Do filósofo, mencionamos as seguintes obras:

Apologia de Raymond Sebond – Esta obra faz transparecer a crise céptica que assola o filósofo, num mundo de novas descobertas que relegaram para o domínio das meras curiosidades as doutrinas dos pensadores consagrados como Aristóteles, Platão, Santo Agostinho e S. Tomás de Aquino – *v.g. o heliocentrismo de Nicolau Copérnico e as mais variadas experimentações científicas, e ainda as viagens que levaram à descoberta de novos mundos.* Contesta as teses do teólogo Sebond – *Teologia Natural* –, que fundava a fé na razão e colocava o homem no primeiro plano da criação. A razão não tem para Montaigne um valor de absoluta superioridade, e o homem está bem perto dos restantes animais.

Um tanto paradoxalmente – *provavelmente como consequência do seu cepticismo* –, faz a apologia do catolicismo e condena os protestantes, quer na sua teoria da livre investigação fundamentada na razão, quer responsabilizando-os pela desordem que grassava em França.

Ensaio – Nesta obra, Montaigne é o próprio objecto do seu livro. Trata-se de um conjunto de reflexões diversificadas – *v.g. religiosas, políticas, acerca da morte.*

É de realçar a sua meditação sobre a morte. Sendo inelutável nada podemos fazer contra ela. Se não a podemos aniquilar, podemos pelo menos aniquilar o medo que em nós gera. Saber morrer é a última fase, o canto do cisne de saber viver. Pela filosofia aprendemos a morrer.

A sua filosofia expressa a tentativa de fazer com que o homem retorne a si mesmo – *o que tem plena identificação com a renovação objectivada pelo Renascimento.* Influenciou Descartes e seguramente Pascal.

Está constantemente a observar-se e a observar o que o rodeia. Nos *Ensaio*s, afirma a nível introdutório, ser ele o próprio assunto do seu livro.

Não elaborou um sistema filosófico, mas toda a sua vida mais não foi do que um constante filosofar.

Inicialmente estóico, encaminhou-se para o cepticismo.

Tem uma péssima ideia do homem: “nada pode imaginar-se de mais ridículo do que este ser mesquinho, que não sendo dono de si próprio se afirma ingloriamente senhor e dono do universo, sem que conheça a mais

ínfima parte deste. Como é que um ser tão miserável o poderia dirigir, quando nem sequer se conhece nem o conhece?”

A morte é consequência directa da condição humana. Morremos não por que estejamos doentes ou por sofrermos um acidente, mas porque estamos vivos.

Quem teme o sofrimento, já sofre por antecipação o que teme. Ensinar os homens a enfrentar a morte, será ensiná-los a viver, já que vida e morte andam de mãos dadas na nossa miserável existência.

É por via da ideia da morte, que Montaigne diz gozar a vida duas vezes mais do que os outros. A sua iminência faz com que se empenhe numa vivência plena e profunda.

PIERRE CHARRON

Charron nasceu em Paris em 1541 e faleceu em 1603. Amigo de Montaigne, nele buscou a sua inspiração.

Afirma três verdades substanciais:

- Há um único Deus;
- Há uma só religião verdadeira – a cristã;
- A única Igreja válida e verdadeira é a Católica.

A alma é corpórea, embora invisível e não sujeita à corrupção.

Só Deus pode atingir a verdade, só ele é Verdade. O homem, atentas as suas naturais limitações nunca a atingirá, e caso a atingisse, nunca poderia asseverar tal qualidade, estando assim votado a viver num estado de dúvida permanente – *cepticismo*.

ROBERTO BELARMINO

O cardeal Roberto Belarmino nasceu em 1542 e faleceu em 1621. É a figura mais importante da denominada contra-reforma, que teve o seu início no Concílio de Trento – *onde ficou estabelecido que as Escrituras, por si, são insuficientes para a salvação; que a sua interpretação é um*

direito da Igreja e não do homem individual ou colectivamente considerado – e que preconiza o retorno às origens, ao período patrístico.

Belarmino, consultor do Santo Ofício, tomou assento no processo que foi instaurado a Giordano Bruno – *que terminou pela sua condenação à morte* – e no primeiro que foi instaurado contra Galileu.

Defendeu com eloquência as decisões do Concílio de Trento e a infalibilidade do papa, bem como a sua superioridade à própria Igreja e ao Concílio. Apesar da sua autoridade ser espiritual e não temporal, por via da sua natureza suprema, afirma que o Papa detém o poder máximo na terra, equivalendo à sua capacidade para coroar ou até destronar reis.

A Igreja deveria regressar aos seus princípios mais perfeitos, e estes são os estabelecidos por S. Tomás.

GIORDANO BRUNO

Bruno, naturalista – *como veremos, o seu naturalismo assemelha-se a uma religião dionisíaca do infinito* –, nasceu no ano de 1548. Com apenas 15 anos entrou em Nápoles para o convento dominicano onde foi considerado um prodígio intelectual. A partir dos 18 anos, começou a pôr em dúvida a tradição eclesiástica. No ano de 1592 foi preso pela Inquisição, e convidado repetidamente para se retractar – *defendia que a religião apenas era ou poderia ser guia útil para os que estavam incapacitados de se dedicarem à filosofia* –, nunca o fez. Em 1593 foi condenado à morte, tendo sido queimado vivo. Nos derradeiros momentos, conta-se que desviou o seu olhar do crucifixo, quando este lhe foi exibido para eventual reconciliação.

Obras:

O Banquete das Cinzas – Influenciado por Nicolau Copérnico, Bruno insurge-se contra as teses aristotélicas e ptolomaicas. Defende a existência de um universo infinito e esférico, com o seu centro em toda a parte e a sua circunferência em parte alguma. Sendo infinito, admite a existência de inumeráveis mundos.

Da Causa, do Princípio e da Unidade – Esta obra foi escrita na sequência da supramencionada, para afirmar que não tinha a intenção de pôr em causa a natureza divina, já que se o Universo é múltiplo, Deus é Uno.

O Infinito, o Universo e os Mundos – Com estes escritos, finaliza Bruno a sua cosmologia. O infinito está em toda a parte, é imóvel e pleno – *e isto porque a sua ideia exclui qualquer lugar, qualquer movimento e qualquer vazio.*

O infinito é duplo, qualitativa e quantitativamente, já que não tem qualquer limite e a divindade não criou apenas um único mundo finito, mas antes uma pluralidade deles, apesar da sua semelhança material.

Amava a vida. O convento era para si uma “prisão estreita e negra”.

A religião enquanto conjunto de crenças, era algo de absolutamente ilógico e absurdo, um sistema complexo de superstições e contradições racionais.

Bruno ataca o próprio cristianismo reformado, julgando-o ainda pior do que o catolicismo, ao negar a liberdade do homem.

À “santa burrice”, religiosidade implantada, aberrantemente discordante da razão, eivada de superstições e erros, opõe-se a dos doutos, que é a própria filosofia, forma de ascender a Deus, ser que não é cognoscível pelo intelecto.

A qualidade fundamental do Universo, dirigido e governado por Deus, é a infinitude – *um dos temas preferenciais da sua especulação.*

A investigação filosófica atinge o seu auge, quando o filósofo se identifica com a natureza – *o que o diferencia do êxtase místico de Plotino.*

ALBERICO GENTILE

Nasceu no ano de 1552, falecendo em 1611. Foi professor de direito em Oxford.

A única guerra justa é a defensiva.

As guerras religiosas são injustas, porquanto não é pela violência que podemos fazer com que outrem professe a nossa fé.

FRANCIS BACON

Bacon nasceu em 1561 e faleceu em 1626. É o fundador do método indutivo moderno. Sistematizou de modo lógico o procedimento científico.

O *Novum Organum*, é a obra pela qual o filósofo pretende renovar o método científico.

A sua filosofia era prática. No seu entender a ciência está destinada a gerar o domínio do homem sobre o mundo natural. Preconizou um método indutivo gradativamente ordenado, e pode ser considerado o precursor da técnica.

Julga que a religião deve estar apartada da filosofia, porquanto realidades distintas. Se a razão pode demonstrar a existência de Deus, existem temas teológicos que só são atingíveis pela revelação. Se o dogma parecer absurdo à investigação racional, maior será a vitória da fé. Neste sentido, defendeu a doutrina da dupla verdade – *a derivada da razão e da revelação* –, doutrina esta que foi condenada pela Igreja.

Desprezou o silogismo e rejeitou a teoria de Copérnico.

Considera a existência de três falsas filosofias:

- a sofística, em que o melhor exemplo é o de Aristóteles;
- a empírica, que é a filosofia dos alquimistas; e
- a supersticiosa, que é a que inadvertidamente se mistura com a teologia, tal como aconteceu com Pitágoras e Platão – *a este último chamou mesmo, trapaceiro urbano, poeta enfatuado e teólogo mentecapto.*

GALILEU

Nasce em Pisa a 15 de Fevereiro de 1564. Estudou na Universidade desta cidade, onde veio a ensinar Matemática, disciplina que com a astronomia leccionou na Universidade de Pádua.

No *Diálogo dos Grandes Sistemas do Mundo*, Galileu procede à exposição das duas teses astronómicas então em confronto. Por um lado o

geocentrismo ptolomaico e por outro o heliocentrismo desenvolvido por Nicolau Copérnico.

Nos *Discursos sobre as Duas Novas Ciências*, trata da teoria da coesão da matéria e da ciência do movimento.

Não podemos desprezar, bem pelo contrário, o *Sidereus Nuncius*, a que infra nos referiremos.

Defendeu desde cedo a hipótese copernicana.

Em bom rigor a investigação científica começa com Galileu. Já não lhe basta um raciocínio lógico. Experimenta e observa.

Na mecânica estuda o pêndulo, o plano inclinado, a queda dos corpos e os movimentos acelerados.

Demonstrou a falsidade da premissa aristotélica, segundo a qual os corpos caem com velocidade proporcional ao seu peso.

Descobriu as leis da balística – *previsão da trajetória dos corpos lançados através de campo gravitativo*.

Tudo leva a crer que o telescópio – *luneta* – foi uma invenção do holandês Hans Lippershey. No entanto, aperfeiçoando-o, apresenta-o em Veneza em 1609 – *combinou uma lente convergente e outra divergente, de diferente distância focal* –.

No ano seguinte descobre os satélites de Júpiter, as fases de Vénus e observa as manchas solares.

Apercebe-se que a esfera celeste tem muito mais estrelas do que as visíveis a olho nu. Deu-se assim conta que a Via Láctea é um conjunto imenso de estrelas.

Observa montanhas na superfície da lua, cuja altura calcula por via das suas sombras.

Observando as fases de Vénus, deduz que o planeta gira à volta do Sol.

As manchas solares vêm demonstrar que o Sol gira sobre si próprio.

Resumiu todas as suas descobertas num livro de 28 páginas, o *Sidereus Nuncius*.

Em 1633 corre um processo contra si e é condenado em Roma, tendo sido obrigado a retractar-se e a rejeitar publicamente a teoria heliocêntrica: “*Eu Galileu (...) com 70 anos de idade (...) tendo diante dos meus olhos os sacrossantos Evangelhos que toco com as mãos, juro que sempre acreditei, que creio agora e, com a ajuda de Deus, continuarei a crer em tudo o que defende, prega e ensina a Santíssima Igreja Católica e Apostólica (...). A falsa opinião de que o Sol esteja no centro do mundo e não se mova e que a terra não seja o centro do mundo e se mova (...) dela abjuro de coração*”

sincero e não fingida fé (...), maldigo e detesto tais erros e heresias (...), e se conhecer algum herege ou suspeito de heresia denunciá-lo-ei a este Santo Ofício ou ao inquisidor do lugar onde me encontre (...). Assino de meu punho e letra a presente cédula de abjuração, que recitei palavra por palavra em Roma, no Convento Della Minerva, no dia de hoje, 22 de Junho de 1633”.

Morre a 8 de Janeiro de 1642.

KEPLER

Nasceu perto de Estugarda em 27 de Dezembro de 1571 e estudou na Universidade de Tubinga.

Dedicou-se inicialmente ao estudo da geometria euclidiana e da teoria de Copérnico.

Foi assistente de Tycho Brahe e sucedeu-lhe no cargo de astrónomo imperial.

Das próprias observações deste, tirou a mais importante confirmação da doutrina de Copérnico pela descoberta das leis reguladoras do movimento dos planetas.

As duas primeiras leis de Kepler foram publicadas na *Astronomia nova* de 1609. A terceira surge no escrito *Harmonices Mundi* de 1619.

Em 1627 publicou as tabelas Rudolfinas, tabelas fundamentais dos planetas que começara a calcular 25 anos antes, quando ainda era assistente de Tycho Brahe.

LEIS DE KEPLER

PRIMEIRA (TAMBÉM CHAMADA LEI DAS ÓRBITAS) – Os planetas movem-se em torno do Sol descrevendo órbitas que são elipses, com o Sol situado num dos focos.

SEGUNDA (LEI DAS ÁREAS) – Diz-nos que uma linha que se estenda do Sol a um planeta, orientada nesse sentido, varre áreas iguais em intervalos de tempo iguais – *A linha referida chama-se raio vector.*

TERCEIRA (LEI HARMÓNICA) – os quadrados dos períodos da revolução dos planetas em torno do Sol são directamente proporcionais aos cubos das suas distâncias médias ao Sol.

FILOSOFIA MODERNA

DESCARTES

René Descartes nasceu em Haia em 1596. Trabalhava escassas horas e lia pouco. A sua obra terá sido realizada em curtos períodos, de elevada concentração.

Foi um filósofo que realizou múltiplas viagens com a intenção de ler o grande livro do mundo.

É interessante mencionar, que Santo Agostinho formulou um argumento similar ao cogito, mas sem que o tivesse desenvolvido – *talvez não se tenha apercebido da sua real importância.*

Algumas obras:

Discurso do Método para Bem conduzir a Razão e Procurar a Verdade nas Ciências – Texto publicado no ano de 1637, como introdução a um conjunto de ensaios científicos – *A Dióptrica, Os Meteoros, A Geometria* – e que a partir do século XIX começou a ser autonomamente publicado.

Estabelece um método de quatro regras, por via da dúvida metódica – *ver infra.*

O *Discurso do Método*, pela sua importância, é obra cuja leitura não deve ser de modo algum evitada.

Meditações Metafísicas (a respeito da filosofia primeira nas quais a existência de Deus e a distinção real entre a alma e o corpo do homem são demonstráveis) – Uma verdadeira obra prima, que deve ser lida, tal como se nos apresenta, já que o filósofo intentou apoiar-se apenas em si próprio – *sem pretensamente recorrer a influências externas* – para atingir a verdade.

Divide-se em seis meditações:

- A primeira trata da dúvida;
- A segunda conduz o filósofo à certeza do que é, do que existe;
- Pela terceira, demonstra a existência de Deus;
- A quarta, demonstra como somos responsáveis pelos nossos erros;
- A quinta, demonstra também a existência de Deus – *argumento ontológico*; e
- A sexta trata da questão atinente aos objectos exteriores.

Princípios da Filosofia – Nesta obra, Descartes intentou publicar a exposição sistemática da sua filosofia – *nos domínios da Física e da Metafísica.*

As Paixões da Alma (ou *Tratado das Paixões*) – Se nas *Meditações*, o filósofo elaborou doutrinariamente a distinção real entre o corpo e a alma, nas *Paixões da Alma*, meditou na sua união substancial. Para a sua integral compreensão, deverá ler-se também *As cartas à Princesa Elisabeth*, filha de Eduardo V, da Boémia, correspondência assídua que ocorreu entre os anos de 1643 e 1649 – a temática desta, gira em torno da união da alma com o corpo.

Outras obras:

A Dióptrica – Parte integrante com *Os Meteoros* e *A Geometria*, dos ensaios que anexou ao *Discurso do Método*.

As já citadas *Cartas à Princesa Elisabeth*.

Tratado do Homem – Aqui procura entender a partir do mecanicismo os fenómenos biológicos, muito especialmente os do corpo humano.

Regras para a Direcção do Espírito – Exposição do método cartesiano, colocando a investigação na relação com a matemática.

A Investigação da Verdade pela Luz Natural – Diálogo que não foi terminado.

É com Descartes que se inicia com plenitude a idade moderna. Busca o conhecimento que brota de si mesmo e das inúmeras experiências que o mundo lhe proporciona.

A investigação de Descartes é dominada pelo próprio homem Descartes, tal como Montaigne já havia feito. Há nele um verdadeiro procedimento autobiográfico. Não pretende doutrinar o seu método de direcção da razão, mas apenas demonstrar como o fez. O seu problema fundamental, prende-se com a recta razão, com a sabedoria de vida. Mas, quer queiramos quer não, na sociedade humana, existe o que podemos denominar de unidade da razão, e o seu método de individual passa a ser geral. A distinção entre o verdadeiro e o falso é igual em todos os homens, desde que o bom senso impere nas suas mentes.

O seu método, considerou fecundamente o processo matemático, devendo ter um espectro universal e a sua aplicabilidade nos mais variados ramos do conhecimento. Definiu-o como o conjunto de normas, que impossibilitam confundir falso e verdadeiro, e são idóneas na condução do ser humano ao conhecimento possível – *já que nem tudo é objecto de conhecimento*.

O *Discurso do Método* estabelece quatro regras absolutamente essenciais:

- A evidência – para aceitarmos alguma coisa por verdadeira, não podemos ter qualquer dúvida sobre a sua veracidade. À evidência opõe-se a conjectura, que é no essencial, dúvida, mesmo que temporária. A evidência é atingida por intermédio da intuição, aqui entendida como um conceito da mente, que no estado de pureza e de atenção, não é atingida por qualquer dúvida objecto do pensamento;
- A análise – as questões devem ser observadas no maior número de partes possível, simplificando-as, para que a razão possa ter um entendimento mais perfeito;
- A síntese – conduzir a investigação do mais simples para o mais complexo, é regra de ouro;
- A enumeração – o investigador deve realizar enumerações exaustivas e revisões gerais, de molde a que tenha a convicção de nada ter omitido.

Descartes duvida do conhecimento sensível – *a dúvida é um conceito universal, neste particular* –. Posso, em boa verdade, de tudo duvidar. De Deus, dos astros, do meu próprio corpo, mas não posso duvidar de que o meu pensamento – *independentemente de ter sido ou não induzido em erro* – é um nada, tal como um nada é a coisa que o pensa. Deste modo, a única proposição absolutamente verdadeira, é o “penso, logo existo”. Eu existo, significa apenas que eu sou uma “coisa” pensante – *não posso, no entanto, afirmar que se trate de um corpo*.

Entende que a religião é um problema a debater com recurso à fé. A razão é inoperante neste domínio. Com isto, não se diga que quis “matar” Deus, como o fizeram alguns outros pensadores. Limitou-se a afastar do âmbito da filosofia uma problemática naturalmente incognoscível.

Deus visto como infinito, eterno, criador, onnipotente e onnisciente, não pode ter sido idealizado por um ser que não comunga de tal perfeição. A causa de ideia de um Ser com tais atributos, só pode ser fruto de um Ser idêntico e não do homem Descartes, que considera que a simples presença na sua mente da ideia de Deus, demonstra cabalmente a sua existência. Dele, temos uma ideia inata, como Ser sumamente perfeito, um ser que existe por si, é uno, e é uma poderosa e infinita fonte de existência. Esta ideia, é tal como a marca do artífice realizada na sua obra.

Diz-se que o conceito cartesiano de Deus, de religioso nada tem. Pascal acusa-o do seu Deus nada ter a ver com o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob, com o Deus do cristianismo. Mas, o Deus de Descartes não será o Deus cristão? Ter-se-á realmente o filósofo libertado dos seus condicionamentos, nomeadamente de uma esmerada educação religiosa e das doutrinas expendidas pelos filósofos cristãos que o precederam?

Entre homens e animais, a diferença reside de que naqueles constatamos a existência de uma alma racional.

THOMAS HOBBS

Hobbes nasceu em 1588 e faleceu em 1679, tendo como problema central da sua filosofia, o conceito de razão, faculdade que considera consequência da linguagem. Exclui a teologia do âmbito das ciências racionais. Foi um empirista, como Locke, Berkeley e Hume.

Obras principais:

Do Cidadão – Obra com a mesma lógica do que o *Leviatã*. É composta por três partes: Liberdade, Império e Religião. Nesta última, trata do Reino de Deus, e de tudo o que necessitamos para nele entrar.

O homem, sujeito às forças naturais, é uma espécie de “condenado à morte”.

Leviatã – É a obra que nos fornece o sistema filosófico de Hobbes.

A primeira parte respeita ao Homem, a segunda à República, a terceira à Religião Cristã e a quarta ao Reino das Trevas.

Na terceira parte demonstra a existência de uma República cristã, que excede a sociedade civil. No Reino das Trevas critica algumas das interpretações das Sagradas Escrituras, denunciando uma vã filosofia e tradições enganosas.

Do Homem – Segunda parte dos *Elementos de Filosofia*, dedica-se em especial ao estudo da alma humana – o estudo físico é demasiadamente sintético.

Outras obras:

Da Natureza Humana – Trata do estudo da natureza humana, das suas paixões, visando o estabelecimento das condições da sua sobrevivência na comunidade.

Do Corpo, publicado em 1655. É a primeira secção dos *Elementos de Filosofia*, obra que dividiu a filosofia em natural, e política e ética.

Os *Elementos de Filosofia*, são uma trilogia constituída pelos *Do Corpo*, *Do Homem* e *Do Cidadão*.

Admira o método matemático. A geometria é a ciência por excelência. Inspira-se mais em Galileu do que em Bacon. Foi erroneamente considerado suspeito de ateísmo.

Numa atitude materialista, julga que passíveis de juízo são apenas os objectos, mas não nega a existência de Deus – *embora este não seja ou se identifique com o mundo*. De qualquer modo, só o corpóreo pode ser objecto da investigação filosófica e científica.

Para Hobbes, o incorpóreo é uma ficção, e isto, sem excepção. Afirmar a incorporeidade de Deus, equivale à sua negação.

O ditame da recta razão é o processo racional pelo qual Deus incute no homem a sua lei. Por ele, apenas podemos asseverar que Deus existe e que dirige o mundo. Não lhe podemos atribuir qualificações que não as negativas – *v.g. infinitude, eternidade, incognoscibilidade* –, e para além delas, entramos fatalmente nos domínios da fé.

Hobbes não atinge a essência de Deus. Assim, na *Da Natureza Humana* queda-se pela sua existência e pela incognoscibilidade daquela. Tendo em vista que o Deus onipotente é incompreensível, é-nos impossível conceber a sua imagem; em consequência, todos os seus atributos só anunciam a impossibilidade de conceber algo que respeite à sua natureza de que não temos outra concepção, senão que Deus existe. Reconhece que os efeitos anunciam um poder de os produzir antes que tenham sido produzidos e este poder supõe a existência anterior de algum Ser revestido deste poder. Ora, o Ser que existe com este poder de produzir, caso não fosse eterno, deveria ter sido produzido por algum Ser anterior a ele e este por um outro Ser que o tivesse precedido. Assim, remontando de causas em causas, aportamos a um poder eterno, ou seja anterior a tudo, que é o poder de todos os poderes e a causa de todas as causas. E é isso, que todos os homens concebem pelo nome de Deus, que encerra eternidade, incompreensibilidade e onipotência.

O bem é sinónimo de desejo e o mal de aversão. O bem máximo é a progressão na vida – *sucessiva e infindável* – para novos fins. Pecado é o que contraria a consciência.

Julga que não há uma igreja universal, em virtude desta depender do poder político. O rei é ou deve ser o chefe da igreja. É de todo absurdo considerar a infalibilidade do papa. Critica a Igreja de Roma, por ter colocado o poder espiritual acima do temporal.

Refere-se à lei natural como fruto da razão e não como imperativo divino. Enunciou vinte leis, que são no seu entender a sùmula da filosofia moral:

- Buscar obter a paz enquanto se tem a esperança de a obter; quando esta não possa ser obtida, devemos servir-nos de todas as vantagens da guerra;
- É necessário respeitar os pactos, ou seja, observar a palavra dada;
- Proibição da ingratidão;
- Devemos ser úteis aos outros;
- Devemos ser misericordiosos;
- As penas não devem ser aplicadas retroactivamente;
- Condenação das injúrias;
- Condenação da soberba;
- Devemos ser moderados;
- Devemos ser imparciais;
- A que respeita às propriedades comuns;
- A que trata das coisas a dividir à sorte;
- A que trata da primogenitura e do direito do primeiro ocupante;
- A que respeita à incolumidade dos mediadores;
- A que respeita à instituição dos árbitros;
- A que prescreve que ninguém deve ser juiz em causa própria;
- A que proíbe os árbitros de aceitarem dádivas dos litigantes;
- A que prescreve o recurso a testemunhas para prova dos factos;
- A que proíbe firmar pactos com os árbitros;
- A que condena tudo o que impede o uso da razão.

MALEBRANCHE

Nicolas Malebranche nasceu no ano de 1638 e foi padre da Congregação do Oratório – *esta Congregação foi fundada pelo amigo de Descartes, cardeal Berulle, com o objectivo de divulgar a composição científica da doutrina da Igreja* –. Faleceu no ano de 1715, contando-se que depois da visita de Berkeley que o terá irritado – *nessa altura Malebranche encontrava-se bastante doente*.

Terá sido quase um místico.

Obras:

Da Investigação da Verdade – Manifesta-se por uma filosofia religiosa, com uma marcante influência de Santo Agostinho, no que ao misticismo respeita.

O método de Malebranche é influenciado por Descartes. Nele propõe uma nova teoria do conhecimento, um misticismo filosófico, que é uma visão em Deus, das verdades eternas.

Conversas Cristãs nas quais se Justifica a Verdade da Religião e da Moral de Jesus Cristo – Obra onde expõe com clareza os princípios do seu sistema filosófico, visando justificar a verdade da religião e da moral cristã. É composta por dez “diálogos”. Neles, demonstra a existência de Deus, que a nossa vontade existe apenas para o amar, analisa a questão atinente à união da alma e do corpo, a Trindade, e termina afirmando a verdade da moral cristã.

Tratado da Natureza e da Graça – Tratado que se debruça sobre as relações estabelecidas entre Cristo e a Criação, e a liberdade humana e a graça que Deus lhe outorga.

Meditações Cristãs e Metafísicas – O filósofo, por intermédio da meditação, ascende ao Verbo divino, na sua interioridade.

São vinte meditações cuja leitura não deve ser dispensada.

Tratado da Moral – Obra onde expõe a sua moral, e onde insiste na importância do amor a Deus, que decorre do mandamento “Amai o Senhor, nosso Mestre”.

Tratado do Amor a Deus – Escrito como resposta ao teólogo François Lamy. Malebranche defende que mais do que o abandono a Deus, num puro quietismo, o homem, preocupando-se com a sua salvação, deve exercitar, quer a oração quer a meditação.

Conversas sobre a Metafísica e sobre a Religião – Podem considerar-se estas conversas como a exposição mais completa da sua filosofia, onde, diga-se em síntese, que pretende demonstrar a verdade da religião cristã.

A razão é para o filósofo, infalível, imutável e incorruptível. No seu entender, não é apenas apanágio de homens, mas também de Deus, que a segue.

A sua metafísica é a síntese da doutrina de Descartes e de Santo Agostinho.

A fé é quem conduz a inteligência no árduo caminho a percorrer na direcção da felicidade. Mas, a inteligência é preferível à fé, porquanto esta há-de passar e aquela subsistirá para sempre; por outro lado, onde houver fé sem inteligência, não existirá certamente descoberta da verdade.

Em sede de teologia, os dogmas são as suas experiências, que postos em dúvida, apenas subsistem quando estão em conformidade com a razão. Os dogmas da fé e os princípios da razão devem estar de acordo, seja qual for o grau de oposição com que se apresentem ao espírito do homem.

Deus é Aquele que é, o Ser em si mesmo.

Deus tem em si a ideia de infinitude e é o modelo de mundos infinitos. Da infinitude e da perfeição resulta a sua existência. A proposição de que “há um Deus”, tem o mesmo valor, a mesma certeza, o mesmo espírito de verdade, do que o “penso, logo existo” de Descartes.

É pela fé que acreditamos ser Deus o criador do mundo. E criou o mundo mais perfeito que poderia ter criado, contrariando deste modo, a opinião de S. Tomás de que Deus poderia ter criado um mundo mais perfeito.

A alma na sua visão de Deus, encontra as causas de tudo o que existe. Ele tem em si a ideia de tudo o que criou. Por outro lado, está presente na alma, revelando caso assim o entenda, o que nele existe, sendo o guia da razão humana.

PASCAL

Blaise Pascal nasceu no ano de 1623. Com variadíssimos interesses no campo científico, terá manifestado uma profunda religiosidade, como o atesta um escrito datado de 23 de Novembro de 1654, que cosido à sua roupa, foi encontrado depois da sua morte. Aí, podia ler-se, nomeadamente: “Deus de Abraão, Deus de Isaac, Deus de Jacob. Não dos filósofos e dos cientistas. Deus de Jesus Cristo.”

Entre as suas obras, destacamos:

As Provinciais – São dezoito cartas que contêm a intervenção do filósofo num debate teológico.

Pensamentos – É uma obra de referência, de leitura obrigatória. São pensamentos fragmentários, tal como o homem e o mundo que habita.

Outras obras:

Prefácio para o Tratado do Vazio, publicado em 1663. É essencialmente um manifesto a favor do método experimental, mais do que uma abordagem do problema do vazio.

Da Arte de Persuadir – Obra que define um método seguro para persuadir os outros, das “verdades” que pretendemos impor.

Conversa com Monsieur de Saci sobre Epicteto e Montaigne – Trata-se de um elogio aos dois filósofos, do estoicismo e do cepticismo, de cada um deles.

Do Espírito Geométrico.

Pascal foi muito influenciado por Montaigne na exigência do autoconhecimento. A análise do conhecimento do homem e da sua mundividência é o escopo da sua filosofia.

A filosofia do século XVII lutou incessantemente pelo reconhecimento da razão como meio idóneo e eficaz para ascender ao conhecimento. Pascal, reconhece-lhe limitações no domínio da investigação científica e nega-lhe qualquer utilidade na esfera religiosa. Nesta última, deve o homem começar por se compreender a si mesmo, e tal conhecimento nunca lhe será dado pela razão, que neste particular é fraca e inútil atenta a incerteza que gera. À realidade humana acede-se pelo “coração”. Por isso afirma, que o coração tem razões que a razão desconhece.

A contradição entre a razão e o coração – *ou entre o conhecimento demonstrativo e a compreensão instintiva* – é comparada à existente entre o espírito geométrico e o espírito de finura ou argúcia; o primeiro estrutura-se no raciocínio e o segundo na compreensão imediata.

O homem encontra-se entre o infinitamente grande e o infinitamente pequeno, sem que logre conhecer quer um quer o outro.

Grande é o homem que sabe reconhecer o seu estado de miséria, e perante tal facto, enceta dura caminhada pelas veredas da fé.

O Deus dos cristãos, diz Pascal em resposta a Descartes, não é um Deus que é simplesmente o autor de verdades matemáticas ou da ordem dos elementos. É assim que os pagãos o encaram. Ele é o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacob; o Deus dos cristãos é um Deus de amor e conforto, que enche a alma e o coração dos que possui.

A Deus não se ascende pela razão. Mas, o homem tem de decidir. E daí, nasce a célebre aposta de Pascal. Quem apostar na existência de Deus, se ganhar, é evidente que tudo ganha, mas caso perca, nada perde. Trata-se de um jogo em que se arrisca o finito para ganhar o infinito.

O divertimento, nas suas múltiplas formas, faz com que o homem não pense na morte. Aliás, sentindo que nada contra ela pode, opta por não pensar, julgando que assim atinge a felicidade.

ESPINOZA

Baruch de Espinoza nasceu em 1632. Teve uma vida austera, de grande modéstia, o que lhe proporcionou a liberdade de espírito que tanto prezava. Segundo Russel, o mais nobre e amável dos grandes filósofos. Judeu, foi por eles excomungado, os cristãos odiaram-no ou aborreceram-no, e não obstante a ideia de Deus esteja presente em toda a sua filosofia, foi acusado de ateísmo, e isto, porque o Deus de Espinoza é um deus panteísta, que aos ortodoxos não parecia ser deus nenhum.

Da sua filosofia ressalta a necessidade de ser garantida ao homem, quer a liberdade política quer a religiosa. Faleceu em 1677.

Algumas obras:

Tratado Teológico-Político – Nesta obra, Espinoza defende a liberdade de pensamento, a tolerância e a democracia. Julga que a Bíblia deve ser submetida a uma leitura realizada à luz da razão e critica a teologia, quando esta exorbita dos seus limites naturais.

Ética (Demonstrada Segundo a Ordem Geométrica) – Divide-se em cinco livros: I – De Deus; II – Da Natureza e da Origem da Alma; III – Da Origem e da Natureza das Afecções; IV – Da Servidão do Homem ou das Forças das Afecções; V – Do Poder do Entendimento ou da Liberdade do Homem.

O Deus de Espinoza não é o cartesiano. Não é o Criador, mas a própria Natureza, o famoso Deus *sive natura*.

Tratado Político – Neste, volta a analisar alguns temas do *Tratado Teológico-Político*.

Pequeno Tratado Sobre Deus, o Homem e a sua Felicidade – Compilação de notas soltas, deve ser lido com prudência, pois não reflecte verdadeiramente o pensamento metafísico do filósofo.

Tal como Hobbes, interessou-se fundamentalmente pela política, moral e religião, defendendo que a Igreja deve estar subordinada ao poder temporal.

Não professou qualquer religião e a sua filosofia chegou a ser identificada com o ateísmo, em virtude de considerar que Deus é o conjunto de tudo o que existe. Se foi ateu, foi um ateu religioso arrebatado pelo seu Deus filosófico, inteiramente infinito e que é causa de si próprio, porquanto a sua essência implica fatalmente a existência. Ele ama o seu Deus intelectualmente.

Deus é a origem, o Ser gerador de todas as coisas e seres. A sua substância é a única realidade e o seu conhecimento o único conhecimento verdadeiro. Só há uma substância que é Deus ou a Natureza. O espírito humano tem conhecimento da eterna e infinita essência de Deus. E o conhecimento de Deus é o maior bem para o espírito e a sua mais elevada virtude.

A vontade do homem é uma ilusão, tudo sendo vontade de Deus.

A fé reconduz-se à obediência a Deus. Tanto o Antigo quanto o Novo Testamento mais não são do que disciplina de obediência. O único preceito que as Escrituras ensinam é o amor ao próximo, nisso consistindo o culto e a obediência a Deus.

Entre a fé – *vista como obediência* – e a filosofia – *razão* –, não há qualquer afinidade, uma prosseguindo a obediência e a outra a verdade.

Não há imortalidade pessoal – *tal como apregoada pelo cristianismo* –, mas antes uma imortalidade impessoal, que consiste numa progressiva união com Deus.

O homem sábio, até onde lhe é permitido por via da sua limitativa finitude, deve esforçar-se por ver o mundo como Deus o vê, sob o aspecto primordial da eternidade.

LEIBNIZ

Gotfried Leibniz nasceu em Leipzig no ano de 1646. Faleceu em 1716. Defendeu uma tese de filosofia em 1663 e em 1666, uma de direito.

Algumas obras:

Confessio Philosophi – É uma profissão de fé do filósofo. Leibniz, interroga-se sobre a vontade divina, a existência do mal e do bem, do pecado.

Discurso de Metafísica – Pretende explicar a Criação como acto de Deus.

Da Origem Radical das Coisas – No Universo há ordem e Deus é o princípio de tudo, a razão da nossa existência. Na sua essência, existe uma pretensão de ser, que faz com que o mundo exista.

Ensaio de Teodiceia sobre a Bondade de Deus, a Liberdade do Homem e a Origem do Mal – A Teodiceia – *nova palavra do vocabulário filosófico* – é a tentativa de isentar Deus dos muitos males do mundo. Deus é inocente (Platão) e criou o melhor dos mundos possíveis.

Princípios da Natureza e da Graça Fundados na Razão – Síntese de toda a filosofia de Leibniz, nos domínios da metafísica, física e moral.

Monadologia – É a obra mais importante da metafísica de Leibniz. De leitura obrigatória.

Novos Ensaio Sobre o Entendimento Humano – Trata-se de uma crítica ao *Ensaio sobre o Entendimento Humano*, de Locke.

Discute, nomeadamente, a doutrina da alma como “tábua rasa”, aproximando-se dos conceitos platónicos, obviamente negando a doutrina de Locke. O Livro I é dedicado às noções inatas, o II trata das ideias, o III das palavras – *ou nomes das ideias* – e o IV do conhecimento.

Leibniz criticou com veemência o empirismo de Locke. Ao conceito de *tabula rasa*, respondia que “não existe nada no entendimento que precede os sentidos, a não ser o próprio entendimento”.

Descartes admitiu três substâncias: Deus, espírito e matéria. Espinoza admitiu Deus e Leibniz um número infinito a que chamou mónadas.

O seu interesse fundamental objectivou-se na matemática e na física. Descobriu independentemente de Newton – *este com dez anos de antecedência* – o cálculo integral.

Estabeleceu quatro argumentos para demonstrar a existência de Deus: o ontológico, o cosmológico, o das verdades eternas e o da harmonia preestabelecida.

- Ontológico – Podemos conceber um Ser maximamente perfeito. De onde se segue que existe, porque a existência está entre o número das perfeições;
- Cosmológico – Argumento da causa primeira. Se toda a coisa finita tem uma causa, não poderá manter-se uma sucessão infinita de causas. Haverá assim, uma causa sem causa, que é Deus. Em Leibniz, como tudo tem de ter uma razão suficiente, a do Universo será Deus;
- Das verdades eternas – As proposições que respeitam à essência e não à existência, ou são sempre verdadeiras ou nunca o são. As que são sempre verdadeiras, são indubitavelmente verdades eternas;
- Da harmonia preestabelecida – Pressupõe a aceitação das mónadas. Se os relógios marcam de forma igual o tempo sem intervenção causal, deverá existir uma causa que os regula do exterior.

O Deus de Leibniz é um Ser absolutamente perfeito, de amor ilimitado. A sua essência contém a existência, pelo que “a possibilidade é suficiente para produzir realidade”. O procedimento de Deus não contraria os imperativos lógicos.

O pensamento de Leibniz está enformado pela ordem, tecida de forma espontânea e livre – *não necessária* –, considerando que no mundo nada acontece de modo absolutamente irregular. Daqui decorre, que Deus, ao criar o mundo, podendo optar por uma forma ou por outra, sempre este estaria regulado por uma ordem de carácter geral. Não obstante, Deus, entre as várias ordens possíveis, fez a escolha mais perfeita – *ou seja, a mais simples e mais rica de fenómenos*. Assim, podendo criar uma infinidade de mundos, criou através de escolha incondicionalmente livre, o melhor.

Deus é a causa livre do Universo. Daí a mais complexa das questões metafísicas: porque existe algo em vez de nada?

Deus, primeira razão das coisas, é um Ser necessário, perfeito, imbuído de amor infinito. Por via deste amor, criou como já se disse, o melhor mundo que poderia ter criado.

Leibniz, distingue a vontade antecedente de Deus, da consequente, querendo a primeira o bem em si e a segunda o melhor.

O pecado, ao fazer parte da vida, é permitido por Deus. Mas, não é por o permitir que é a sua causa ou o responsável pela sua existência.

A alma é a mónada – *vide Monadologia* – que tem percepções distintas, acompanhadas de memória.

LOCKE

Locke nasceu em 1632 e faleceu em 1704. É considerado o apóstolo da revolução de 1688.

Algumas obras:

Carta sobre a Tolerância – O Estado deve ser laico e todas as religiões devem ser admitidas. O homem deve ser livre, quer na sociedade civil quer na religiosa.

Ensaio sobre o Entendimento Humano – Obra dividida em quatro livros. O Livro I é uma crítica das ideias inatas, o II trata das ideias complexas que surgem a partir das simples, o III das funções da linguagem e o IV estuda os poderes do entendimento humano.

Cristão, afirma por vezes que o testemunho da revelação é da certeza mais alta, para depois considerar que a revelação deve ser julgada pela razão.

Defendeu a tolerância em todos os seus aspectos, nomeadamente a liberdade religiosa. É um crítico de Descartes.

Empirista, influenciado por Hobbes, não atribui à razão os mesmos atributos daquele. Dá a primazia ao conhecimento intuitivo – *que nos dá a resposta imediata ao facto do branco não ser negro e de que 4 é mais do que 2*. Conhecemos a nossa própria existência por intermédio da intuição,

de Deus por meio da demonstração e das coisas sensíveis por meio da sensação.

A realidade dos objectos é conhecida pela sensação. Não é a ideia que nos dá o conhecimento da coisa, mas antes esta, que produz a ideia em nós, já que não é forçoso que a existência de uma ideia no nosso espírito demonstre a existência do objecto dessa ideia – *tal como a fotografia de um homem não demonstra que está vivo e pode ser objecto de percepção*.

Apesar do conhecimento das coisas exteriores não ser tão certo como o que temos de nós mesmos – *conhecimento intuitivo* –, não deixa de ser conhecimento.

No que a Deus respeita, adopta com algumas correcções o argumento causal, considerando que do nada nada advém. Se algo existe, e existe, porque tenho um conhecimento intuitivo da minha existência, é como consequência de qualquer outra coisa. Na impossibilidade de ascendermos ao infinito, somos forçados a admitir que um ser eterno gerou todas as coisas cuja existência é indubitável. Ser eterno, que produziu pela sua inteligência o homem e todas as forças que agem na natureza, sendo obviamente mais inteligente do que toda a criação. Deus, é pois, eterno, onnipotente, inteligentíssimo.

Apesar de tudo – *dos limites reais e imperfeições da razão* –, a fé, que se fundamenta na revelação, não a dispensa, mas é a razão que a contém nos seus devidos limites. A luz do espírito é a evidência que a razão atribuiu a uma determinada proposição, razão essa, que deve ser quer o nosso juiz, quer o nosso guia.

Admite que a cultura é um bem, mas que é preferível ser-se virtuoso a erudito – *muito estúpido será quem não estime mais um homem virtuoso do que um grande erudito*.

BERKELEY

Jorge Berkeley, empirista, nasceu em 1685. Estuda no colégio de Kilkenny, e depois no Trinity College da cidade de Dublin, onde foi nomeado *fellow* em 1707. A partir desta altura – *como atesta o seu diário* –, já está na posse das ideias mestras da sua filosofia.

Algumas obras:

Tratado dos Princípios do Conhecimento Humano – É uma crítica à linguagem e às ideias abstractas produzidas pela filosofia. Não há realidade que independa do espírito que a percebe. Berkeley é um imaterialista.

Três Diálogos entre Hilas e Filonous – Berkeley procura nesta obra sintetizar toda a sua doutrina, sistematizando-a. Intenta demonstrar que renunciando à ilusão da matéria – ou seja, à existência de uma substância material que é independente da mente que a percebe – não “destrói” o mundo e as suas inerentes qualidades.

Alciphron ou o Pense-Menu – Aqui, desfere um ataque cerrado contra os filósofos materialistas e que negam a existência de Deus.

Foi o primeiro filósofo que evidenciou o facto, ou melhor, a hipótese, de que os objectos imediatos dos nossos sentidos não têm existência independente do observador. Observando o mesmo objecto, Berkeley não nega a sua existência, mas vai reduzi-lo a uma ideia no espírito de Deus. Já Leibniz, afirma que é uma “colónia de almas” – *por seu turno, a ciência define-o como um conjunto de cargas eléctricas violentamente agitadas, movimentando-se provavelmente a uma velocidade idêntica à da luz.*

Apesar de ter negado a matéria, admitiu a realidade do espírito infinito de Deus, que não é redutível a qualquer ideia. Os objectos só existem quando percebidos. mas, não deixam de ter existência caso ninguém os perceba, já que Deus percebe todas as coisas – *“Se uma árvore cai na floresta e não há ninguém para ouvir, existirá o barulho?” Berkeley responderia: - Deus.*

A sua filosofia é um não materialismo, e como Locke afirma que as ideias para existirem têm de ser percebidas. Estas ideias são inactivas, sendo activo o espírito que as venha a possuir e são em nós produzidas por Deus.

Deus tem o conhecimento de tudo aquilo que é objecto da nossa percepção. Não sendo a matéria real – *o que torna útil a existência de Deus* –, somos forçados a recorrer ao Ser supremo para podermos explicar a existência, quer das nossas ideias quer das coisas sensíveis.

Na sua perspectiva, a alma é imortal.

HUME

David Hume nasceu em Edimburgo, no ano de 1711. Faleceu em 1776.

Fracassou na carreira comercial. Foi nomeado bibliotecário em Edimburgo, como consequência dos seus *Ensaio Filosóficos*. No ano de 1763 foi nomeado secretário da embaixada de Inglaterra em Paris, cidade onde se relacionou com Rousseau.

Pode ser considerado o filósofo da natureza humana, que é na sua perspectiva a única ciência do homem.

Algumas obras:

Tratado da Natureza Humana – Obra composta por três livros:

- Livro I – Teoria do entendimento;
- Livro II – Das Paixões; e
- Livro III – Da Moral.

Ensaio Político

Investigação sobre o Entendimento Humano – Nesta obra, Hume, investiga os poderes do entendimento humano.

Investigação sobre os Princípios da Moral

Dissertação sobre as Paixões

Diálogos sobre a Religião Natural – Diálogo que tem como objecto o método mais seguro para ascender ao conhecimento da existência de Deus e das suas qualidades.

Ensaio Estético

Contrariamente a Locke e a Berkeley, reduziu na íntegra a realidade à multiplicidade das ideias actuais, nada admitindo para além delas – v.g. *Deus*.

A religiosidade tem a sua origem nos factos da vida, nos próprios medos do homem. Reconhece na divindade a infinitude e a perfeição, conduzido não por uma investigação racional, mas porque quer ser aliviado dos males que o atormenta, tornando-a propícia ou benéfica. Ora, à medida que ansiedade e medo se manifestam com maior intensidade, inventam os homens novas formas de culto e louvor, que mais é uma verdadeira adulação. A divindade vai amontoando títulos e poderes no decorrer dos tempos, já que cada religião prossegue como objectivo sobrepujar as que a

precedem. Deste modo, os homens avançam até onde lhes é permitido, ou seja, até ao infinito. Se a reflexão filosófica se atém ao monoteísmo, não impede o recaimento no politeísmo, admitindo seres intermédios entre Deus e os homens, que se transformam em objectos primordiais de culto e que conduzem inevitavelmente à idolatria.

O todo é para Hume, um enigma, um mistério absolutamente inexplicável. A dúvida, a incerteza e a suspensão do juízo, apresentam-se como os únicos resultados das múltiplas investigações em torno desta questão.

VOLTAIRE

François Marie Arouet, que adoptou o nome de Voltaire, nasceu em 1694 e faleceu em 1778.

Foi um dos mais célebres iluministas, cuja divisa era: “Tem coragem para te servires do teu intelecto”.

Algumas obras:

Cartas Filosóficas – Nas primeiras cartas, Voltaire critica o Catolicismo e os seus sacerdotes.

Cândido – Será este o melhor dos mundos? – pergunta-se. Há uma crítica às instituições políticas e religiosas.

Tratado sobre a Tolerância – Voltaire julga a intolerância absurda e horrível.

É um humorista satírico, que não aceita e ironiza, quer a Escolástica quer a religião tradicional. Anticristão, considerava-se deísta – *entende-se por deísmo toda a doutrina que admite a existência de um Deus, mas sem a referir a qualquer religião revelada.*

O homem se pensar unicamente em si, não está a pensar em nada, diz. E não pensa em nada, porquanto está inelutavelmente ligado ao mundo, por uma condição que coabita quer com o bem quer com o mal, realidades inexplicáveis à luz da razão.

Acreditava que se Deus não existisse, seria necessário inventá-lo. Porém, toda a natureza proclama e atesta a sua existência.

Deus é o autor da ordem no mundo físico. Limitou-se a colocar os homens e animais na superfície terrestre, devendo estes conduzir-se, segundo a sua natureza, da melhor forma possível.

Relativamente ao terramoto de Lisboa ocorrido em 1755, escreveu um poema, no qual exprimia as suas dúvidas quanto à regência providencial do mundo, o que mereceu uma resposta algo dura de Rousseau.

Não determina os atributos de Deus, e não afirma peremptoriamente que o Ser seja perfeito, não admitindo outrossim, que intervenha nos actos do homem.

ROUSSEAU

Jean-Jacques Rousseau, nascido em 1712 e falecido em 1778, é um iluminista que atribui à natureza humana, ao invés da razão, factores como o instinto e o sentimento.

Algumas obras:

Discurso sobre as Ciências e as Artes; Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens; Carta a D'Alembert sobre os Espectáculos;

Do Contrato Social – A obra mais conhecida do filósofo e que incide sobre a teoria das instituições;

Emílio – Aqui é exposta a teoria do filósofo acerca da educação, completando a *Nova Heloísa* (teoria da família) e o *Contrato Social*;

Cartas Escritas da Montanha – Nesta obra defende a religião natural;

Ensaio sobre a Origem das Línguas; Escritos sobre o Abbé de Saint-Pierre Rousseau Juiz de Jean-Jacques, Diálogos – O filósofo pretende responder à questão : “Quem sou eu?”

Por vezes, lembra Pascal na análise pessimista que faz do homem. Diz que o homem apesar de ter nascido livre, ainda assim, se encontra acorrentado por toda a parte.

Entende o progresso como um retorno às origens, ou seja, à natureza, já que o conhecimento, o luxo, a arte, em nada contribuíram para a felicidade e virtude da comunidade humana, o mesmo ocorrendo com o aparecimento da propriedade – *que gerou o binómio ricos/pobres* –, a instituição da magistratura – *que determinou a existência de poderosos e de fracos* – e do poder arbitrário – *com a instituição de patrões e escravos*.

Para Rousseau, a existência de Deus é o primeiro dos dogmas da religião natural. Nasce da necessidade de admitir uma causa animadora da matéria, assim como, de decifrar a ordem existente no Universo.

O segundo dogma é a espiritualidade, enquanto liberdade da alma, incorpórea e imortal. Para prova da imortalidade da alma, basta-lhe a constatação do triunfo dos maus e da opressão dos justos neste mundo – *o que só pode entrar na ordem com a morte, com a consequente punição dos iníquos e retribuição dos justos, restabelecendo-se assim a desarmonia gerada em vida no Universo*.

Rousseau respondeu ao poema de Voltaire sobre o terramoto ocorrido em Lisboa no ano de 1755 – *onde este punha em dúvida o governo providencial do mundo* –, dizendo: “Voltaire, parecendo crer em Deus, nunca acreditou senão no Diabo, pois pretende que Deus é um ser maléfico que se compraz em fazer dano.”

KANT

Immanuel Kant nasceu em 1724 e faleceu no ano de 1804. Viveu em Königsberg.

Tem sido considerado o maior filósofo da modernidade, não obstante a existência de algumas vozes discordantes.

Apesar de ter sido educado com a filosofia de Leibniz, acabou por ser influenciado por Rousseau e por Hume – *este, que nas suas próprias palavras, o terá despertado do seu sono dogmático*.

Era liberal e sentia-se atraído pela democracia.

Obras principais:

Crítica da Razão Pura – É a obra principal de Kant. Nela, o filósofo pretende reabilitar a razão – *por intermédio de um “tribunal”, que é a crítica da própria razão pura* – contra o ceticismo.

Crítica da Razão Prática – Também uma das principais obras de Kant, que intenta descortinar o modo como a vontade pura pode ter interesse na lei moral.

Nestes escritos, surgem-nos os postulados da razão prática, que entram em domínios vedados à razão teórica, v.g., a existência de Deus e a imortalidade da alma.

Prolegómenos a toda a Metafísica Futura que possa apresentar-se como Ciência – Trata-se de uma exposição facilitada da filosofia de Kant, talvez para alargar o número de leitores – o que apesar do valor da obra, acabou por não atingir os objectivos pretendidos.

Outras obras:

História Geral da Natureza e Teoria do Céu; Considerações sobre o Optimismo; O Conceito de Grandeza Negativa; Observações sobre o Sentimento do Belo e do Sublime; Sonhos de um Visionário explicados pelos Sonhos da Metafísica; Dissertação de 1770; Ideia de uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita; Fundamentação da Metafísica dos Costumes; Primeiros Princípios Metafísicos da Ciência da Natureza; O que Significa Orientar-se no Pensamento; Crítica da Faculdade de Julgar; A Religião nos Limites da Simples Razão; Projecto de Paz Perpétua; Antropologia do Ponto de Vista Pragmático; O Conflito das Faculdades; Lógica; Reflexões sobre a Educação.

Escreveu inicialmente obras de carácter científico, nomeadamente a *História Geral e Natural e Teoria dos Céus*, editada em 1755.

A obra filosófica mais conhecida e de enorme importância na história do pensamento, é a *Crítica da Razão Pura*, que pretende demonstrar, que embora não haja conhecimento que transcenda a experiência, é em parte *a priori* e não de modo indutivo derivado daquela. Definiu dois tipos de julgamento: o analítico e o sintético. No primeiro, a verdade pode ser determinada dentro de si mesma, tal como na afirmação de que “todas as casas pretas são pretas”. No segundo, a verdade está para além de si, como por exemplo, quando se afirma que a casa é preta. Refere ainda o conhecimento *a priori* e *a posteriori*. No primeiramente enunciado, a afirmação de que todas as casas pretas são pretas, não necessita da minha percepção para que seja confirmado, contrariamente à afirmação de que “a casa é preta” – *neste caso preciso de ver a casa para determinar a sua cor*. O conhecimento transcendental é um conhecimento *a priori*, que contém uma dada informação que reconhecemos de imediato como verdadeira. Já o

conhecimento empírico, é um conhecimento *a posteriori*, sendo necessário confirmar a sua veracidade. O mundo fenomenal é o mundo que experimentamos por intermédio dos nossos sentidos, enquanto que o mundo numérico – *coisa-em-si* – é a realidade que está para além do mundo fenomenal – *Kant acreditava que temos uma noção intuitiva acerca da natureza do mundo numérico (metafísico)*. O nosso conhecimento não é assim obtido, apenas por intermédio dos nossos sentidos – *empirismo* – ou por intermédio da razão – *racionalismo*.

Para Kant, Deus não é objecto de conhecimento e a teologia não passa de conversa fútil.

Quando muito, Deus pode ser uma ideia pura da razão, não demonstrável, postulado e não cognição da ordem moral da razão prática.

Na *Crítica da Razão Pura*, destrói com notável destreza as provas racionais da existência de Deus, que na sua perspectiva, são três: a ontológica, a cosmológica e a físico-teológica.

Há no seu entender, outros fundamentos idóneos ao estabelecimento da crença, e esses são enunciados na *Crítica da Razão Prática*.

Vejamos uma síntese dos seus argumentos atinentes aos mencionados argumentos racionais, conforme expendida por Bertrand Russell:

- *A ontológica define Deus como ens realissimum, o ser mais real, isto é, sujeito de todos os predicados que lhe pertencem absolutamente. Afirmam os que a julgam válida que sendo a existência um predicado, tal sujeito deve ser esse predicado, isto é, deve existir. Kant objecta que a existência não é um predicado. Cem talers imaginados, diz ele, têm os mesmos predicados de cem talers reais.*
- *A prova cosmológica diz: Se alguma coisa existe, existe um ser absolutamente necessário; ora eu sei que existo, portanto um ser absolutamente necessário existe e deve ser o ens realissimum. Kant afirma que o último passo do argumento é novamente o ontológico já rejeitado.*
- *A prova físico-teológica é o argumento do plano mas em traje metafísico. Afirma que o Universo revela uma ordem, demonstrativa de propósito. Kant trata com respeito este argumento, mas nota que quando muito demonstra um Arquitecto, não um Criador, e não dá portanto uma concepção adequada de Deus. Conclui que a única teologia possível da razão é a baseada em leis morais ou guiada por elas.*

Para Kant, Deus e imortalidade são verdadeiramente ideias da razão, sem que esta possa demonstrar a sua realidade. São ideias práticas directamente relacionadas à moral.

As propriedades metafísicas da alma – *simplicidade, substancialidade, espiritualidade, imortalidade* – não são objecto do conhecimento.

Considera que há Deus e uma vida para além da morte, porquanto deve existir uma felicidade que seja proporcional à virtude, felicidade esta, que só a providência pode assegurar.

HEGEL

Mais do que Fichte e Schelling – *também filósofos do Idealismo Germânico* –, foi Hegel quem desenvolveu a filosofia kanteana, não obstante discordasse de muitas das suas ideias. Teve como objectivo estabelecer uma escola filosófica capaz de explicar cabalmente a experiência no seu aspecto total, em função do passado, presente e futuro, ou seja, do tempo.

Será interessante realçar, que Fichte julgou ser o seu próprio criador, assim como a existência do mundo é uma criação sua – *penso, logo tudo existe*.

Nasceu no ano de 1770 e faleceu em 1831.

Como já se disse, sofreu uma marcante influência de Kant, e influenciou os principais filósofos de língua inglesa.

Ensinou filosofia em várias universidades, tendo terminado a sua vida em Berlim.

É talvez, de todos os que reputamos como grandes filósofos, o mais difícil de compreender. A tentativa de compreensão da realidade por intermédio de escritos algo obscuros teve como consequência o facto de alguns filósofos afirmarem que o compreenderam sem que o tivessem compreendido, enquanto outros, afirmaram a impenetrabilidade parcial das suas doutrinas para além de as julgarem pouco convincentes. Eu, pessoalmente, julgo que não o compreendo, e desse facto desde já vos alerto.

Parece-me que a sua tese principal se prende com o facto de que qualquer parte do todo, é sempre uma fracção deste, cuja existência depende do relacionamento que mantém inelutavelmente com as outras partes. Daqui se depreende, que pelo conhecimento de uma parte em especial, se conhece o geral, o todo, em virtude de cada parte estar intimamente ligada a todas as outras partes, sempre com ligações sucessivas. Da reconstituição destes relacionamentos, o homem pode ascender à imagem do Universo na sua completude – *o que ocorre tanto no mundo dos objectos materiais quanto no mundo dos pensamentos*.

No que toca ao mundo do pensamento, tomada uma ideia abstracta, verificamos de imediato as contradições a que conduz. Ora estas contradições modificam-se na ideia oposta – *antítese*. Daí, vamos buscar uma nova ideia, que seja mais perfeita, e que no fundo, só pode ser a síntese da tese – *da ideia original* – e da sua antítese, e assim sucessivamente, atingindo o processo dialéctico a Ideia Absoluta – *que não tendo oposto, desobriga-nos de novos procedimentos* – que representa a realidade absoluta.

Ora, se viermos a atingir o Todo, tal como pensamos que Deus o atinja ou percepcione, verificaremos que “o espaço, o tempo, a matéria, o bem, o mal, desaparecerão, dando lugar a uma unidade espiritual, eterna, imutável e perfeita”.

Obras principais:

A Fenomenologia do Espírito – É a história da consciência, da alma transformada em consciência e da própria consciência nos seus momentos de desenvolvimento.

Obra de grande importância no panorama do pensamento humano, mas de difícil leitura e compreensão.

Princípios da Filosofia do Direito – Texto que teve a sua origem no ensino do filósofo, e que pretende unificar o Direito e a Moral, o objectivo e o subjectivo.

No prefácio, Hegel diz-nos que a filosofia é o conhecimento daquilo que é e não daquilo que o mundo deve ser.

Outras obras:

A Ciência da Lógica; Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Epítome; Estética; Lições sobre a Filosofia da Religião; Lições sobre a História da Filosofia – 1833 a 1836; Lições sobre a História da Filosofia – 1837; Conferências sobre as Provas da Existência de Deus; Propedêutica Filosófica.

Para Hegel, a realidade é o Espírito Absoluto – *existe aqui um manifesto monismo, ou seja, a realidade é composta por um único elemento*. Se o Absoluto, em termos físicos é a natureza – *o mundo* –, já na

sua forma espiritual, é a mente do ser humano. Apenas o todo é real, e o real é racional, bem como o racional é real. O todo é o Absoluto que evolui pela síntese, melhor, pelo conflito dos opostos – *a tese ao encontrar o seu oposto, a antítese, atinge a síntese, encontrando esta por sua vez, a sua própria antítese, produzindo uma nova síntese, e assim sucessivamente*. A capacidade intelectual do homem, faz com que o Absoluto atinja o autoconhecimento – *será que desta forma, o homem é partícipe no complexo processo da criação de Deus?*

Deu uma grande importância à lógica. O seu processo dialético celebrizou-o. A dialética é composta por tese, antítese e síntese. Sigamos o seguinte exemplo, citado por Russell:

“O Absoluto é Ser puro”. Admitamos este “é” sem designar quaisquer qualidades. Mas, o puro ser sem qualidades é nada, o que leva à antítese, “O Absoluto é nada”.

Da tese e da antítese passamos à síntese. A união de ser e não ser é evolver, e assim diremos,

“O Absoluto é evolver”.

Mas também não basta, porque tem de haver alguma coisa que evolva.

Para chegar à verdade é necessário seguir todos os passos da dialética.

O processo dialético tem três destinos essenciais:

- a arte – por esta, é-nos demonstrada a beleza das formas materiais do Absoluto;
- a filosofia – é por esta, estribados na razão, que reconhecemos o Absoluto;
- a religião – aqui fica determinado que o cristianismo é a melhor das religiões – *a encarnação representa uma expressão dos aspectos finitos e infinitos do Absoluto, atingindo-se deste modo a síntese.*

Em filosofia a verdade é o todo, nenhuma parte podendo ser verdadeira.

A Ideia Absoluta, é pensamento puro que se pensa a si mesmo.

SCHOPENHAUER

Schopenhauer é um pessimista – *ao contrário da quase totalidade dos filósofos* –, que afirma ter sido influenciado por Kant, por Platão e

pelos Upanishades. Filósofo com aversão ao cristianismo, deu preferência às religiões orientais, fundamentalmente ao Hinduísmo e ao Budismo.

Não tinha grande apreço por Hegel e procurou destruir os princípios da sua filosofia. Mas, tal como Hegel, pode ser considerado ateu, só que este, deve ser considerado um ateu optimista.

Os dois pontos fulcrais da filosofia de Schopenhauer, são o pessimismo e a tese de que a vontade é manifestamente superior ao pensamento.

Algumas obras:

O Mundo como Vontade e Representação – O mundo tal como o percebemos é nossa representação, sem realidade em si mesmo. Mas, a vontade é o conhecimento *a priori* do corpo e o corpo o conhecimento *a posteriori* da vontade – *o corpo é a objectividade da vontade*.

Aforismos sobre a sabedoria na Vida – Fazem parte da obra *Parerga e Paralipomena*. Obra repleta de excelentes meditações e análises brilhantes. *Parerga e Paralipomena* – *que significa suplementos e omissões, é a reunião de vários ensaios*.

Foi por intermédio destes escritos que o filósofo atingiu a fama, e não como preconizara, pela sua obra de referência, *O Mundo como Vontade e Representação*.

Da Quádrupla Raiz do Princípio da Razão Suficiente

Ensaio sobre o Livre arbítrio

O Fundamento da Moral

Deu uma grande importância à sua obra *O Mundo como Vontade e Representação*, tanta, que chegou a afirmar que alguns dos parágrafos derivavam directamente do Espírito Santo. No entanto, não teve a mesma divulgação e a fama que tão ardentemente aspirava.

Apesar de influenciado por Kant, identifica a coisa-em-si, com a vontade. A sua vontade é una e está para além do tempo; identifica-se com a do universo. O seu pensamento poderia conduzir a uma identificação desta vontade com Deus – *aproximando-se da especulação de Espinoza relativa ao panteísmo, em que a virtude é o reflexo da conformidade da vontade humana com a vontade divina*. Mas, o filósofo é pessimista e esta vontade cósmica é maléfica, perversa, causa do padecimento humano – *a vontade na natureza manifesta-se pelo instinto de sobrevivência*. Assim, quanto menos exercitarmos a moral, menos padeceremos.

Considerava o Budismo a religião mais elevada – *já o Islamismo afigurava-se-lhe odioso* – e o Nirvana – *a extinção no sentido específico que lhe atribui* – o melhor de todos os mitos. O santo deve buscar a não-

existência, mas não pelo suicídio. O homem deve dedicar-se ao ascetismo, mas não com o intuito de atingir Deus – *o bem que busca, não é assim positivo, mas negativo.*

A vida é sofrimento; os desejos são fonte de dor. Quanto maior o conhecimento humano, mais se sofre. O próprio amor é uma ilusão, que reduzido à sua causa primeira, reflecte única e exclusivamente a vontade de sobreviver por intermédio da procriação.

Define a estética como imersão integral na contemplação da beleza.

Defende a existência de uma ética estruturada na compaixão e na abstenção do indivíduo, entendida como negação de si – *esta negação prosseguiria a neutralização da detestável vontade.*

Embora pela morte se atinja o termo, continuamos a ocupar-nos com futilidades, como quem sopra até aos seus limites, uma bola de sabão, sabendo que a mesma acabará por rebentar.

NIETZSCHE

Nasceu em 1844 e faleceu em 1900. Afirmou ser sucessor de Schopenhauer, mas parece-nos, quer mais pessimista quer mais ateu. É um filósofo controverso, que não foi convenientemente entendido no decurso da história. Foi nomeadamente mal interpretado por Hitler e por Mussolini, mais por culpa da sua irmã, fascista e anti-semita, amiga de ambos, do que por culpa própria.

Foi um pensador com características provocatórias, e que apesar de não pertencer a nenhuma escola filosófica específica, teve a eloquência necessária para influenciar muitos filósofos posteriores.

Algumas obras:

É essencialmente conhecido pela negação da “moral escrava”, uma moral tradicional estribada no Cristianismo – *gerada por um povo de reconhecida fraqueza.*

O Super-Homem é o ser criativo e enérgico, que suplanta essa mísera “moral escrava”

A Origem da Tragédia; O Livro do Filósofo; Considerações Intempestivas; Humano, Demasiado Humano; Aurora; Assim falava Zaratustra; A Gaia Ciência; Para Além do Bem e do Mal; A Genealogia da Moral; O Crepúsculo dos Ídolos; A Vontade de Poder; O Nascimento da Filosofia na Época da Tragédia Grega; O Anti-Cristo; Ecce Homo.

Tanto o Cristianismo quanto a civilização ocidental constituíram-se como objecto principal das suas críticas.

Afirmou que “Deus está morto”, o que lhe causou inúmeros problemas.

Teve uma vida simples. Nervoso, constantemente doente, enlouqueceu no ano de 1888.

Foi um crítico do Romantismo e teve uma opinião negativa de Kant.

Podemos considerá-lo um crítico ético da religião e dos sistemas filosóficos.

Tem uma enorme aversão ao Novo Testamento, mas admira e exalta o Velho.

Despreza as mulheres e exerce uma profunda crítica sobre o Cristianismo. As mulheres são gatas, aves ou vacas – *“o homem deverá ser preparado para a guerra e a mulher para passatempo do guerreiro, tudo o mais é pura loucura.”*

O Cristianismo é uma moral de escravos, ensinando os homens a vergarem-se a uma suposta vontade de Deus, transformando os crentes em ovelhas.

A ética cristã tem por finalidade controlar uma população cheia de medos e de superstições, sendo a “culpa” a sua arma mais poderosa. Não se limita a atacar a instituição em si, atacando também os sacerdotes, que são covardes a exercer os seus poderes sobre uma multidão ainda mais covarde. Em vez do santo, Nietzsche prefere o homem nobre que não se submete a qualquer poder. O Super-Homem de Nietzsche, era todo o ser humano capaz de se elevar acima do rebanho, rejeitando submissão e passividade, realizando-se neste mundo sem a esperança vã de um qualquer outro, ilusório por natureza – *o reino dos céus.*

Existem no seu entender duas espécies de santos: os que o são por natureza e os que aparentam sê-lo por medo – *são estes últimos os visados nos violentos ataques do filósofo.*

Em Nietzsche há uma ausência de simpatia pelo próximo, ao contrário do que ocorre com o Cristianismo e com o Budismo.

BERTRAND RUSSELL

Russell nasceu em 1872 e faleceu em 1970.

É um filósofo da pós-modernidade, cujos interesses principais são a lógica, a epistemologia e a metafísica, sem olvidar a matemática, ciência em que se licenciou no Trinity College, em Cambridge. Foi laureado com o prémio Nobel da literatura em 1950.

Algumas obras:

Principia Mathematica; O Método Científico em Filosofia; Introdução à Filosofia matemática; Ciência e Religião; Significado e Verdade; Os Problemas da Filosofia; O nosso Conhecimento do Mundo Exterior.

Afirmou que três paixões simples mas intensas, governaram a sua vida: o desejo de amor, a busca do conhecimento e uma enorme e insustentável compaixão pelo sofrimento dos seres humanos.

Ficou fundamentalmente conhecido, pela sua *História da Filosofia Ocidental*, e pelas teorias do atomismo lógico e das descrições.

A primeira teoria, defende que a linguagem pode ser analisada em átomos fundamentais de significado, verdadeiros blocos de construção com os quais todas as afirmações são construídas. A partir desta análise, pode proceder-se a uma análise do mundo, de molde a que os átomos lógicos correspondam a átomos metafísicos – *factos*.

A segunda, prende-se com a verdade das declarações. Se eu afirmar que o primeiro-ministro francês é louco, apenas terei de o constatar. Mas, se afirmar que o “primeiro-ministro da cidade de Seia é louco”, verifico que algo terá a propriedade de ser primeiro-ministro em Seia, e esse algo tem a propriedade de ser louco. Agora, resta-me correr mundo, buscando alguém que tenha em si as duas propriedades enunciadas. Se o encontrar a proposição será evidentemente verdadeira, se não o encontrar – *como não encontrarei* –, será obviamente falsa, mas sem que possamos afirmar que não tem qualquer significado.

O homem aceita as religiões, não por motivos racionais, mas meramente emocionais, fundamentados no temor. Medo do desconhecido e da insegurança. medo do mistério, da infelicidade e da morte. E o medo gera a crueldade, motivo pelo qual esta caminha de mãos dadas com a religião – *até uma análise superficial da história o confirma.*

Bertrand Russell – *Porque Não Sou Cristão* – afirma que para se ser cristão é necessário que acreditemos em Deus, na sua imortalidade, e em Cristo. No caso deste último, devemos ter como base fundamental a crença de que podendo não ser de essência divina – *rejeitando-se assim, a doutrina da Trindade* –, será pelo menos, o melhor e mais sábio dos homens – *pergunto se poderá haver cristianismo sem assentimento do dogma da ressurreição?*

Russell não crê em Deus e na sua imortalidade, como também não acredita que Cristo tenha sido o melhor dos homens, ainda que lhe reconheça um grau elevado de virtude moral. Referindo-se ao Cristo dos Evangelhos, e não ao Cristo histórico, de cuja existência tem dúvidas, começa por enaltecer alguns dos seus preceitos, para depois se referir às imperfeições dos seus ensinamentos e analisa os problemas morais, enunciando os que reputa defeituosos – *e são bastantes, nomeadamente, a crença no Inferno, em especial para os que não apreciavam as suas palavras, a parábola da figueira e da vara de porcos.* Num plano moral superior ao de Cristo, estabelece Buda e Sócrates.

Buscou destruir alguns dos muitos argumentos aduzidos pela Igreja, na tentativa desta de afirmar racionalmente a existência de Deus.

ARGUMENTO DA CAUSA PRIMEIRA –

Se tudo o que existe no mundo tem uma causa, percorrendo a cadeia de causas, não poderemos ascender ao infinito, motivo pelo qual chegaremos fatalmente à Causa Primeira, ou seja, Deus. É um argumento sem validade. Se tudo tem uma causa, também Deus a deve possuir – *Quem criou Deus?* –, e se algo existe sem causa, tanto pode ser o mundo como Deus. Não há nenhuma razão que impeça que mundo tenha surgido sem qualquer causa, bem como para o facto de ser eterno.

ARGUMENTO DA LEI NATURAL –

As leis naturais constituem-se como uma descrição do modo como a realidade se comporta, e é de todo desnecessário sustentar que existe alguém ou algo que o imponha. E se o impõe, porque imporá estas e não outras, definidoras do melhor dos mundos, que não é este?

ARGUMENTO DO PLANO OU TEOLÓGICO –

Por este argumento afirma-se que tudo no mundo está disposto de modo a permitir a nossa existência, e caso fosse ainda que ligeiramente diferente, tal não ocorreria. Não haverá ninguém de boa-fé, que possa acreditar que

este mundo, que evolui há milhares de milhões de anos, com todas as suas imperfeições e defeitos, tenha sido a melhor produção possível de um Ser onnipotente e onnisciente.

ARGUMENTO MORAL A FAVOR DA DIVINDADE –

Existem três argumentos intelectuais a favor da existência de Deus, que foram contrariados por Kant, na *Crítica da Razão Pura*: o Argumento Ontológico, o Cosmológico e o Físico-Teológico – *ver Kant*.

Mas, criou um novo argumento de carácter moral – *ver Kant, Crítica da Razão Prática* –, que numa das suas formulações afirma que não existiria o mal ou o bem se Deus não existisse. Será que a distinção entre estas duas realidades se deve a um desígnio divino? Se se deve a um desígnio divino, é concebível a criação do mal por um ser absoluta e eminentemente bom?

ARGUMENTO QUANTO À REPARAÇÃO DA INJUSTIÇA –

Considera-se por este argumento, que a existência de Deus é necessária para introduzir a justiça no mundo. Só que no nosso mundo reina a injustiça, pelo que necessitamos de um Deus, de um Paraíso e de um Inferno para que a justiça seja restabelecida. A existência de tantas injustiças no nosso planeta – *inibo-me de enunciar factos notórios* –, é um argumento contra a divindade e não a seu favor.

Haverá vida depois da morte? “Os filósofos costumavam pensar que existiam substâncias definidas – *a alma e o corpo* – que permaneciam idênticas; que a alma uma vez criada, continuava a existir por todo o tempo futuro, enquanto que o corpo cessava temporariamente, com a morte, até à ressurreição da carne.”

No entanto, no que toca ao espírito – *sem que nos debrucemos aqui, por desnecessário, do corpo* –, a continuidade mental de um indivíduo é de hábitos e de memória. Se sobreviver à morte, estes irão ter continuidade na nova existência, o que é de todo improvável por estarem ligados ao cérebro, que se decompõe com a morte, e nesta decomposição é de todo lógico que os seus processos também se decomponham. É assim, muito pouco provável que o espírito perdure para além da morte.

Tal como no domínio da religião, não são argumentos racionais, mas também emoções, que instigam os homens a acreditar numa “vida” depois da morte, sendo a mais insistente de todas, o medo – *já que todo aquele que esteja absolutamente certo da existência numa vida futura, não deverá temer a morte*.

O mundo é o resultado de um acidente, ou caso resulte de um propósito específico, deverá ter tido origem num demónio, diz de modo irónico. Julga o acidente a hipótese mais plausível e menos penosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

INTRODUÇÃO

Em filosofia, ou melhor, na vida, todo o problema independentemente da sua maior ou menor complexidade, deve ser abordado sem quaisquer condicionamentos, crenças ou ideologias. Quando nos libertamos das influências religiosas, filosóficas, das inúmeras impressões residuais da nossa mente, para além de nos vermos tal qual somos, temos a objectividade necessária para a sua resolução, avaliando os factos de modo imparcial, sem a contaminação de uma visão nocivamente interpretativa. A maioria dos filósofos, que negaram por via da razão a existência de um Deus particular, não conseguiram alhear-se dos seus condicionamentos da infância – v.g. *Descartes e o próprio Kant*.

Como já vimos, os filósofos, por intermédio da especulação, podem “criar” ou “matar” deuses. São crianças cultas inventando conceitos de segurança para os seus medos e para os medos, inquietações e sensação de impermanência das sociedades a que pertencem.

O intelecto é insignificante por ter a sua actividade limitada pelo espaço-tempo. Assim, todas as filosofias estão limitadas pelos ferozes condicionamentos daquele e as investigações surgem como consequência do seu engenho desenvolvido ao longo dos séculos.

Quando não “possuímos” – *e em contrapartida não somos possuídos* – sistemas filosóficos, religiões com os seus deuses e dogmas, superstições, pessoas e coisas, estamos preparados para ingressar sem esforço na Terra da Verdade. Esta Verdade não é estática e como tal não pode ser definida, enclausurada numa qualquer fórmula limitativa. Não permite o acumular de conhecimentos, tendo de ser percebida em cada instante, da mesma forma que o deve ser a beleza de um rosto, de um vale serpenteado por rio de águas cristalinas, das nuvens, de uma magnífica aurora.

Conhecemos o que nos é exterior pela experiência. Mal ou bem, conhecemos o mundo e uma parte da nossa mente.

Pergunto: pode o conhecido atingir o desconhecido? há alguma experiência que nos possa conduzir à “terra de ninguém”, à Verdade, ao incognoscível?

Se a mente percebe a sua incapacidade para atingir Deus, cessa a busca, e com este abandono, pacifica-se, silencia, e talvez por intermédio do silêncio pacificador, possa intuitivamente aceder ao conhecimento instantâneo.

Precisamos de aniquilar os mecanismos de defesa psicológica. A liberdade só poderá existir em toda a sua plenitude, quando o nosso cérebro estiver integralmente despojado de dependências obnubiladoras, tais como as religiões organizadas e os seus deuses, puras invenções de mentes atormentadas. Estas maleitas, fortemente arreigadas nos alicerces profundos do cérebro, não podem ser esconjuradas por filósofos, teólogos, gurus, e outros repugnantes vendilhões da felicidade. Apenas nós as podemos destruir por intermédio da observação compreensiva. Por outro lado, se a vontade e os múltiplos anseios, desejos e apegos desaparecem naturalmente, nasce no homem uma energia indescritível e incomensurável.

A vida deve ser considerada como um todo, e não observada parceladamente, já que é um fenómeno eivado de anarquia. Pela parte pretendemos atingir o Todo, partindo do conhecido almejamos o desconhecido. Quão tolos somos!

Habitúamo-nos a ver apenas o que nos rodeia, objectos e pessoas que nos circundam. No entanto, precisamos de penetrar no infinito – *no que não tem começo nem fim* –, estender a nossa visão para além de todos os limites que conhecemos, e isto, independentemente da inacessibilidade daquele ao pensamento.

Uma vida sem autoconhecimento e sem a pura observação de tudo o que nos rodeia, é um desperdício, e como tal não merece ser vivida.

Porque é que transformamos as experiências dos outros em nossas?
O que é que nos leva a sublimar ou ignorar as nossas próprias vivências?

O espírito acomodatório não quer encarar os factos, em especial os que nos são desagradáveis ou que não respondem às nossas inquietações. Mas, a experiência de outrem, é uma experiência que não é própria, fazendo com que o ser humano que a perfilha, não seja mais do que um cidadão de 2ª, homem vestido de penas, tal papagaio.

Olhamos o Universo na sua imensidão, a vastidão do espaço com uma aparente infinitude de astros e sentimos intensamente a nossa efemeridade. É indubitavelmente esse sentimento de impermanência, tão inquietante quanto angustiante, que nos levou a buscar algo, que esteja para além do nascimento e da morte e que possa conosco “negociar” a imortalidade.

Dizer que o Universo não é o produto de um acidente, mas antes de uma Realidade absolutamente consciente, sábia e boa, é negar todo um conjunto de factos, e os factos são indesmentíveis – *que se apresentam ao nossos sentidos*. Já o estabelecimento de uma relação com essa Realidade transcendente, capaz de nos transfigurar, é pressuposto que apenas no mais íntimo da individualidade poderá obter resposta. Não há fórmulas mágicas, credos, procedimentos mortificantes, que a proporcionem e expliquem.

O homem deseja o prazer; é algo de primário. Os desejos são múltiplos, pertencendo uns à cidade terrena outros à cidade de deus. Não obstante sejam muitas as distrações do homem, com os seus consequentes desejos, o maior e o mais inatingível é o de Deus, estando associado à aspiração da imortalidade. Se a essência do Todo for a infinitude e a eternidade, podemos estar certos que o pensamento nunca a atingirá, por via das suas naturais limitações.

Tem de ser cada um de nós, por si, sem recurso a dogmas, crenças, sistemas filosóficos ou auxiliados pela teologia – *seja a dogmática, seja a natural* –, que deve descobrir se Deus tem uma verdadeira existência ou se é um fantasma elaborado por um pensamento tortuoso, a quem todas as ilusões são concedidas de molde a minimizar o sofrimento psicológico pela fuga da realidade, do que realmente é.

Tem de ser cada um de nós, que deve descobrir se existe uma alma e o que é a morte, essa realidade fantástica que tanto nos atormenta e aniquila a beleza da vida.

As Igrejas com a sua horda de sacerdotes ineptos não têm qualquer valor, para além de permitirem ao miserável homem comum uma frágil e ilusória segurança.

Não sabemos se Deus e a alma existem. Desconhecemos o que é a morte. Independentemente das inúmeras respostas de filósofos e teólogos alicerçadas na razão, na fé ou em ambas, nada conseguimos atingir ou o que atingimos está à partida condicionado pelas impressões residuais acumuladas na mente humana durante milénios e na nossa em especial, durante toda a nossa vida. São em regra, respostas programadas, quer ao nível consciente quer inconsciente. Não poderia ser de outra forma. O pensamento é um exímio prestidigitador, um ilusionista que se engana a si mesmo quando pretende transcender o espaço-tempo na inglória tentativa de compreender o que é permanente, e como tal, não pertence à natureza do impermanente. O pensamento só compreende – *quando compreende* – realidades limitadas, não as que excedem limites inultrapassáveis. Em boa verdade, toda a actividade do cérebro, padece das mesmas limitações deste: as do espaço e do tempo. Ora, o que é limitado, não tem acesso ao ilimitado, à eternidade e à infinitude.

Podemos então, confiar no pensamento? Julgo que não! Por muito elaborado, lógico, coerente e profundo que seja o pensamento, isso não fará com que a superficialidade e a inconsistência reinem no seu seio. A Verdade é uma terra sem dono, terra de ninguém, trilho não delineado, inatingível por qualquer doutrina, sistema filosófico, especulação ou religião. A Verdade não jorra nos corações dos que a perseguem com incessante ansiedade, porque é contrária à ambição, a todas as ambições, mesmo à ambição que apenas se tem a si como objecto.

A sabedoria é a constatação da nossa ignorância, da incognoscibilidade das questões metafísicas e da sua inevitável aceitação.

Muitas das vezes, os que aparentam sabedoria são tão insensatos como crianças, jogando às escondidas ou “reinando”,

Em bom rigor, a sabedoria entendida como conhecimento, tem muito pouco valor. Apenas quando reconhecemos a nossa ignorância, como o fez Sócrates, terá alguma valia.

A minha metafísica, resume-se grosso modo, a um simples “não sei”. Não conheço expressão mais fácil e real. Se não sei e não procuro, talvez venha a conhecer, talvez encontre, melhor, talvez venha eu mesmo a ser encontrado. É esta a humildade que permite transcender o espaço-tempo.

Deus não pode ser definido. Manter-se-á para todo o sempre como o que é incognoscível. E se por um mero acaso, eu tiver alguma experiência de aproximação à sua existência e essência, essa experiência será unicamente minha e praticamente incomunicável, e terá nascido da morte do pensamento.

DEUS

Ao problema da existência de Deus, conceito que remonta aos primórdios da humanidade, referem-se os filósofos a uma entidade suprema, que se identifica com uma existência absoluta, que se satisfaz a si mesma subsistindo por si, que cria e é livre no acto da criação. Poderá este deus dos filósofos, ser também o deus de uma determinada religião? Em consonância com os nossos condicionamentos, que como tal pouco mais são do que pura ficção, poderemos responder afirmativa ou negativamente, mas sempre de modo dúbio e incerto.

Filósofos, aspirantes a santos, místicos de práticas torturantes, afadigam-se na procura de um Deus que lhes escape e que se lhes nega, não obstante se iludam com certezas e visões que têm a medida das suas expectativas. Não estão libertos do medo. Se o homem não estiver acorrentado pelo medo procurará Deus?

O deus das religiões, dos teólogos, dos filósofos, dos livros “sagrados”, não é Deus, antes uma mera ilusão, ainda que agasalhadora e assombrosa. Se o conceito e a crença não existissem, estaríamos limitados à alegria e à tristeza, mas logo o inventaríamos para protecção dos nossos medos angustiantes.

Na fé, pode existir uma verdadeira “cegueira filosófica”, uma fé sem qualquer alicerce, construída nas nuvens que são arrastadas por ventos que mudam constantemente de direcção. Esta, não é de todo razoável, mas antes acto irracional e cómodo. Apesar de tudo, no Concílio Vaticano I, foi frontalmente atacado o fideísmo, afirmando-se a plena capacidade da razão para demonstrar a existência de Deus, mais do que atestar por uma mera razoabilidade o acto de fé subjectivo.

A criação dos nossos deuses em nada diminuiu o sofrimento do ser humano, excepcionados alguns espíritos raros – *normalmente apelidados de místicos* – que, como consequência de patologia mental ou de uma realidade que nos transcende – *e para sempre transcenderá* – se acercaram do Absoluto, comungando da sua essência ou deram assentimento à sua existência.

Confiai em Deus, dizem-vos. Mas que confiança e amor podeis ter num Ser que permite atrocidades constantes, a miséria, a fome, a morte por carência dos mínimos cuidados de saúde, os cataclismos que engolem

tantos inocentes de modo indiscriminado, a guerra, afinal todo um conjunto de males e injustiças? Não teremos de concordar com Epicuro, quando afirma que “a divindade ou quer suprimir os males e não pode, ou pode e não quer, ou não quer nem pode, ou quer e pode. Se quer e não pode é impotente; e a divindade não o pode ser. Se pode e não quer, é invejosa, e a divindade não o pode ser. Se não quer e não pode, é invejosa e impotente, portanto não é divindade. Se quer e pode (que é a única coisa que lhe é conforme) donde vem a existência dos males e porque não os elimina?”

Como diz na sua simplicidade uma velhinha da minha aldeia, que Deus é esse, onnipotente e omnisciente, que permite que uma criança seja torturada, violentada e morta por um qualquer criminoso, assistindo impávido e sereno a um acontecimento a que qualquer um de nós obstaría se possível, mesmo com o risco da própria vida. Lembro-vos o “tratamento” a que os pedófilos são sujeitos pelos outros reclusos... e são apenas outros criminosos.

Invocamos Deus e o seu santo nome para nossa protecção – *como um antibiótico para uma infecção* –, para que vejamos os nossos desejos realizados e os males afastados. E para além deste, há os santos, santos para todos os fins, e uma Virgem Maria que parece ser mais poderosa do que o próprio Ser supremo, tantas vezes relegado para um plano inferior.

Diz-se que o mundo que perdeu o Deus cristão só pode assemelhar-se ao mundo que ainda não o encontrou. Mas, se o Deus único nunca foi encontrado pelo mundo, que poderá este perder?

Mesmo que se considere que o Absoluto é atingível pela experiência mística, dir-se-á que esta é pessoal e intransmissível, inexistindo palavras que a possam cabalmente explicar ou divulgar.

Alguns filósofos tendem a crer na existência de Deus em virtude de não conceberem um Universo apoiado numa realidade pessoal. Poderá o cosmos ser fruto de lei, acaso ou vontade inconsciente? A tal questão respondem pela negativa. O Universo foi criado intencionalmente, com sabedoria e bondade, elevadas ao seu mais alto grau. Mas, tal afirmação não tem correspondência factual.

O deus dos filósofos é o deus da razão, da geometria, dos que reduzem a vida ao raciocínio, sendo como afirma Kolakowski um deus dos fracassos. Um deus dos fracassos e dos fracassados não pode obviamente ser religioso.

Não é o pensamento que ascende ao Absoluto, mas é o Absoluto que atinge a mente vazia.

Só um cérebro, que sem motivo foi esvaziado do seu conteúdo – *daquilo que o condiciona* –, e que nada busca, poderá ter acesso ao que é Eterno e Infinito. Este Ser, poderosa fonte de energia sem forma nem qualidade é inatingível na sua essência. O Absoluto – *ou seja lá o que for* – só surgirá por sua livre vontade, espontaneamente, nunca por via das nossas mesquinhas exigências, preces, invocações, ou na pior das hipóteses por práticas “religiosas” mortificantes.

ALMA

A alma, princípio de vida e princípio de inspiração moral, não pode ser investigada como problema religioso, independentemente dos problemas da imortalidade e de Deus.

Filósofos e teólogos procuraram desde sempre isolar duas substâncias diversas, mas bem definidas, no homem. Por um lado, a alma, que a partir do momento da sua criação subsistiria por todo o tempo futuro, ou seja, eternamente, e o corpo, sujeito à corrupção – *mas que no caso do cristianismo ressuscitaria como corpo glorioso*.

Se existir uma alma que sobreviva ao corpo, somos forçados a admitir, que essa alma impregnada das vivências, emoções, conhecimentos e memórias do seu portador, manifestar-se-á com todo o seu conteúdo numa nova “vida”. É a continuidade do “eu”, essa entidade tão sofrida e insignificante. Improvável, quase absurdo. As nossas memórias estão intimamente dependentes do cérebro, que está destinado com o corpo à extinção.

Quando o nosso discurso tem como objecto a alma, em regra, estamos no domínio do pensamento. Pensamento que é a fonte do medo, de todos os medos, e em especial do mais poderoso, o medo da morte. É o pensamento que elabora doutrinas ou que se limita a afirmar com cega fé, em atitude de “santa burrice”, a existência da alma, uma alma que é permanente, que não está destinada à corrupção e que viverá com deleite os eternos prazeres dos céus.

Temos uma premente necessidade de acreditar na “vida” depois da morte, porque temos medo e nos sentimos inseguros. Estamos demasiadamente preocupados com a continuidade. Não queremos deixar de ser quem somos, nem deixar de possuir o que possuímos.

Poderá a imortalidade ser a continuação do “eu”? Estranha vontade esta que nega a destruição do que é misérrimo, mesquinho e escabroso. O imortal não tem qualquer afinidade com o mortal.

Que eu morra e renasça a cada instante. Só essa atitude é absolutamente religiosa e a santidade é a observação continuada de nós mesmos e do que nos rodeia, o que faz cessar o tempo com a consequente imersão na eternidade.

MORTE

Numa primeira análise, a morte é um facto biológico, fisiológico, que atinge todos os seres vivos que detenham um corpo. A corrupção orgânica, equivale à destruição da existência, daquela existência particular, enquanto tal. Aqui, interessa-nos enquanto questão metafísica.

A morte, surge-nos por vezes como uma consolação: todos morremos, ricos e pobres, poderosos e desvalidos, sacerdotes e ateus, médicos e enfermos. A morte igualiza-nos. Se todos nós não fomos ouvidos para nascer, também não o seremos para morrer.

Platão, que na tradição socrática define a morte como a separação da alma espiritual do corpo, identifica no diálogo *Fédon*, a investigação filosófica com a purificação da alma e com a preparação para a morte – *entendida esta, como a libertação final*. Daí, nasceu na filosofia, e em filósofos de nomeada, o facto da morte se constituir como, senão, o problema mais importante da filosofia, pelo menos um dos mais importantes – *Platão, Agostinho, Cícero, Schopenhauer, Kierkegaard, Heidegger, para só citar alguns*. Schopenhauer, faz inclusivamente depender a filosofia da determinante experiência da morte, quando afirma que sem esta, inexistiria aquela. Schelling pergunta-se se a morte será apenas *um nada*, ou *um nada* que destrói o pensamento?

Movimentamo-nos na área do conhecido e a morte termina com este e com o nosso corpo.

A morte é inelutável. Podemos perseverar no seu olvido, submetê-la aos mais redundantes e ardilosos raciocínios, ou ainda acreditar piamente como crianças crescidas na reencarnação ou na ressurreição. Se por um lado nos reduz à incontestável condição de finitude corpórea, por outro, tem-nos dado a esperança de uma continuidade feliz, que é a imortalidade. Seja como for, a nossa acção, quer busquemos refúgio na igreja, quer num

qualquer livro – “*sagrado*” ou não –, ela acompanhar-nos-á por toda a nossa vida. E se nem sequer compreendemos a vida como poderemos compreender a morte?

Não podemos discutir ou fazer acordos com a morte. Poderemos nós adiar-la, induzi-la à concessão de um prazo favorável que nos permita concluir os nossos mesquinhos projectos? Obviamente que não. A inevitabilidade não admite concessões.

Vida e morte caminham de mãos dadas na floresta da existência. Só se vive quando se morre e morre-se para viver. É pela morte que nasce o inteiramente novo e são exterminadas as velharias imprestáveis armazenadas no cérebro.

A vida eterna, será mais do que uma mera existência em cada momento do tempo futuro? Não será antes – *como afirmam alguns teólogos* – um estado que independe do tempo, onde não há antes, não há depois, e por tal motivo, inexistente qualquer possibilidade de mudança?

Para o iluminado, vida e morte são a mesma face da mesma moeda.

O que os filósofos julgam que espera os homens após a morte, não é o que julgam. A vida nasce da morte e a morte da vida.

A idade deveria conceder-nos o dom da aceitação da morte, o que seria sinónimo de sabedoria. No entanto, concede-nos apenas um medo indestrutível, consequência da nossa ignorância e desprezo pela vida.

Quando se morre, desconhece-se de quem é o ganho: se de quem parte, se de quem fica.

O que está para além da morte é uma incógnita, um mistério metafísico. Sócrates tinha a esperança da existência de algo para além dela, que segundo a tradição e as crenças estabelecidas, seria muito melhor para os bons do que para os maus. Se realmente a morte nos libertasse de tudo, que boa sorte seria para os maus, ao morrerem, verem-se desembaraçados quer do corpo quer do mal e da sua maldade, ao mesmo tempo que da alma – *veja-se de Platão, o Fédon*.

A morte, esse fenómeno extraordinário, para ser compreendida, tem de o ser com o amor, apenas o amor a pode penetrar. Quando morremos psicologicamente estamos a conviver com a morte e saberemos o que é morrer, quando isso acontecer no plano físico.

Quando morremos para o conteúdo da memória, para o passado, para os nossos pensamentos, em suma, para o “eu”, somos introduzidos na criação e renovação, no mistério da morte, que afinal não é mistério

nenhum. A erradicação do pensamento, neste sentido, não é uma fuga à incapacidade de erradicarmos a ideia de morte.

Se de instante a instante morremos para os acontecimentos quotidianos, para o ódio, ciúme e outros estados negativos, para o prazer, desejos apegos, para o sofrimento, para os problemas que nos afligem, para o que contemplamos, estaremos em contacto directo com a morte, essa realidade tão temida.

Com a cessação do pensamento há purificação, alegria, inocência. A morte do velho traz o júbilo do inesperado. Para além da morte está o sempre novo. E para além da morte existe algo. Mas, sois vós que tendes de o descobrir; não eu por vós, nem concílios, igrejas, gurus ou quaisquer santos e videntes.

CONCLUSÃO

A teologia e a filosofia transformaram os homens em meros teóricos da vida – *não se entenda aqui homem prático como aquele que afastou todo o “alimento” do espírito.*

As questões metafísicas fundamentais não são atingíveis pela razão. Por muito que nos repugne, a melhor das metafísicas é não ter metafísica nenhuma, reduzindo o pensamento à sua verdadeira insignificância e abandonando de modo definitivo todas as infantilidades que têm assoberbado a “criança” humana desde os primórdios daquilo que apelidamos de civilização.

No dia 6 de Dezembro de 1273 – *dia da festa de S. Nicolau de Bari* – S. Tomás de Aquino encontrava-se no convento de Nápoles, onde celebrava missa. Aí, terá tido uma experiência mística, após a qual abandonou de imediato a finalização da *Suma Teológica*, nada mais escrevendo até à sua morte.

Instado sobre o facto de não a terminar e de mais nada escrever, limitou-se a responder: “Já não posso mais, porque tudo o que escrevi me parece palha.”

É este o maior ensinamento que julgo ter recebido do Santo, e daí a dedicatória destes “apontamentos” expressa no prefácio.

Também eu sinto e afirmo com a certeza possível, que tudo o que aqui está escrito, mais não é do que palha.

Não nos iludamos. Estamos sós. Temos de o compreender, não apenas superficialmente, mas na profundidade do nosso ser. Estamos sós nessa caminhada para algures ou para lado nenhum.

JOSÉ MARIA ALVES
WWW.HOMEOESP.ORG